

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

ISADORA BORGES MAURO

INSHALLAH E OBRIGADO
O olhar dos refugiados sobre a sua realidade no
Brasil

São Paulo
2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

ISADORA BORGES MAURO

INSHALLAH E OBRIGADO

**O olhar dos refugiados sobre a sua realidade no
Brasil**

Trabalho de conclusão de curso como exigência
parcial para graduação no curso de Psicologia,
sob orientação do Prof. Dr. Plínio de Almeida
Maciel Jr.

São Paulo
2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Mohamad e Rahaf, participantes desta pesquisa, que confiaram a mim suas histórias de vida, dividiram suas vivências como refugiados, e compartilham comigo uma mesma esperança, que a guerra acabe. Sem vocês, este trabalho não existiria.

Agradeço o meu orientador, Prof. Dr. Plínio de Almeida Maciel Jr, por toda sua atenção, dedicação e suporte, em que desde o começo, esteve presente, me passando segurança para que este trabalho fosse concluído.

Agradeço minha família, principalmente meus pais, Alice Maria Borges Mauro e Eduardo Soares Mauro, que não medem esforços para tornar tudo na minha vida possível e são um exemplo de amor e humildade.

Agradeço minha irmã, Manoela Borges Mauro, por dividir as mesmas raízes que as minhas, certificando que estaremos uma ao lado da outra pelo resto da vida.

Agradeço meus amigos, por estarem ao meu lado, compartilhando das histórias trágicas às de grande alegria, dando significado pleno à um dos sentimentos mais lindos, a amizade. Especialmente, a Marina Veneziano Cornacchioni, por toda a força, confiança e incentivo, não só nesta pesquisa, mas em todos os momentos da minha vida.

Agradeço ao meu amor, Victor Barbar Alves de Oliveira, por me mostrar o mundo e ser o meu mundo.

Aqui no Brasil, coisa mais legal que eu vi, você olha aqui no Brasil e vê, árabes, libaneses, sírios, egito, tem africano, tem boliviano, tem japonês, tem chinês, tudo, e você nunca ouviu falar, ah tem problema com japonês com chinês, ou coreanos, porque é um país assim. Sempre foi assim.

Por Mohamad, refugiado sírio, participante da pesquisa.

INSHALLAH E OBRIGADO - O olhar dos refugiados sobre a sua realidade no Brasil

7.00.00.00-0 – Ciências Humanas

7.07.00.00-1 – Psicologia

Autora: Isadora Borges Mauro / e-mail: isadorabmauro@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Plínio de A. Maciel Jr / Departamento de Psicologia do Desenvolvimento/ Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde / e-mail: p_macieljr@pucsp.br

RESUMO

A pesquisa proposta teve como objetivo compreender a experiência de refugiados que receberam acolhimento no Brasil e que se instalaram no município de São Paulo. O objetivo foi compreender a própria perspectiva dos participantes sobre esta experiência. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa e teve caráter exploratório. Os participantes são dois refugiados sírios, uma mulher com 22 anos de idade e um homem de 30 anos, que residem na cidade de São Paulo, respectivamente há 3 anos e 3 meses, e 4 anos e 10 meses. A fotografia foi um dos instrumentos utilizados na realização da pesquisa e que favoreceu a manifestação de conteúdos que dificilmente seriam acessados apenas pela comunicação verbal. Outro instrumento utilizado no processo da pesquisa foi a entrevista semiestruturada, que possibilitou aos entrevistados discorrerem livremente e refletirem sobre o tema proposto. A análise indicou alguns fatores que contribuem para a uma integração no novo país, como a superação da barreira linguística, a obtenção de uma rede de apoio social, a formação de novos vínculos afetivos no novo país, e a assimilação de novos sentidos socioculturais e simbólicos.

palavras-chave: refugiados; psicologia; condições de adaptação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I	03
CAPÍTULO II	09
MÉTODO	15
Instrumentos	15
Fotografia.....	15
Entrevista semiestruturada.....	16
Participantes	17
Procedimento de Pesquisa	18
Procedimento de análise dos dados	19
Considerações éticas	19
ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35
APÊNDICES	37

INTRODUÇÃO

Em decorrência do cenário catastrófico em que o mundo se encontra hoje sob o aspecto humanitário, com conflitos sociais e políticos eclodindo em várias regiões, bem como desastres naturais e guerras, tem havido um aumento exponencial de pessoas forçadas a saírem de seus países.

Os refugiados se distanciam repentina e involuntariamente de suas culturas, sendo que elementos que evidenciam suas identidades — local de moradia, trabalho, redes sociais, tradições e hábitos — desaparecem quando chegam no país de acolhida após um árduo e sofrido processo de deslocamento.

Na pior crise humanitária vista desde a Segunda Guerra Mundial, o Brasil tem tido uma postura de abertura para com as pessoas que se encontram nestas situações, diferenciando-se de diversos países europeus. Comparado aos países da América Latina e do continente americano, com exceção do Canadá, o Brasil foi o país que mais concedeu asilo aos refugiados sírios.

A presente pesquisa teve como propósito compreender as experiências dos refugiados a partir do rompimento/distanciamento radical que tiveram com sua cultura de origem. Buscou-se entender o olhar deles, isto é, suas próprias perspectivas sobre a realidade de refúgio no Brasil, e como vêm lidando com esta nova situação que envolve um rompimento profundo com as referências de identidade e de hábitos que tinham em seus países de origem. Partiu-se do princípio de que os próprios refugiados devem falar e ser ouvidos acerca destas experiências e vivências, uma vez que são agentes de sua própria história.

Destarte, o principal objetivo do estudo foi dar voz e reconhecimento aos refugiados, pessoas que apenas estão tentando sobreviver depois de experiências tão profundas de rompimentos e perdas.

O interesse pelo tema resultou de observações e reflexões feitas em viagens pessoais para a África do Sul, Marrocos e pelo Brasil, onde o contato com diferentes línguas (ou com a mesma língua em suas diferentes expressões regionais), religiões, formas de pensar e costumes me fizeram perceber que cada indivíduo se relaciona com diversos grupos — por exemplo, aqueles formados de acordo com a classe social, com a raça e com a etnia, além da comunidade local e imediata — que possuem elementos identificatórios entre si, elementos estes que exercem profunda influência no processo de constituição de suas identidades pessoais.

O trabalho foi estruturado inicialmente em dois capítulos.

O primeiro apresenta e discute as principais contribuições da literatura a respeito do refúgio e da condição de refugiado, enquanto o segundo discute as contribuições que a Psicologia oferece para o entendimento do sofrimento envolvido na experiência das pessoas refugiadas, tanto do ponto de vista do impacto que esta situação tem sobre a saúde mental destas pessoas quanto dos tipos de intervenção que contribuem para minimizar este impacto, numa perspectiva de promoção de saúde.

Em seguida, é apresentado o método que foi utilizado na pesquisa, a análise e discussão das entrevistas com dois refugiados sírios e, como conclusão, as considerações finais.

CAPÍTULO I – O tema do refúgio na literatura

Nenhum homem é uma ilha, completa em si mesma; todo homem é um pedaço do continente, uma parte da terra firme... A morte de qualquer homem diminui a mim, porque na humanidade me encontro envolvido; por isso, nunca mandes perguntar por quem os sinos doam; eles doam por ti.

John Donne

A presente pesquisa trata do tema da situação de refúgio e, portanto, é necessário esclarecer a diferenciação dos conceitos gerais a respeito dos termos migrante e refugiado, pois ambos são utilizados para se referir às deslocações geográficas humanas por conta de situações extremas e/ou específicas, sendo comumente confundidos em veículos midiáticos e pela população em geral. O conhecimento de suas diferenciações é importante, principalmente devido à garantia e respeito dos direitos humanos e à proteção legal a que cada processo tem direito, prevenindo a diluição das “responsabilidades estatais direcionadas a eles” (ACNUR, 2016, s/p).

O migrante é o indivíduo que procura voluntariamente outra moradia fora de seu país de origem principalmente para melhorar a sua condição de vida, seja economicamente e/ou socialmente, podendo voltar ao seu país de origem caso queira. Já o termo refugiado, aqui explorado com maior cuidado, implica o caráter de urgência no deslocamento, visto a potência da razão social/política/cultural causadora de conflitos armados, guerras e/ou perseguições que se dão no país de origem do indivíduo e que o colocam sob risco de vida iminente. Portanto, o refúgio tem um caráter não-voluntário.

Este termo ganhou maior significação e exploração nas pesquisas sociológicas e políticas a partir do fim do séc. XIX e começo do séc. XX, e era utilizado apenas para designar pessoas perseguidas por conflitos religiosos ou questões ideológicas. Após a Primeira Guerra Mundial, ganhou novo corpo frente às batalhas pelo controle político de regiões e/ou sistemas econômicos.

Juridicamente falando, segundo a pesquisa de Moura (2016, p.3):

O conceito de refugiado, no entanto, passa a se desenvolver de forma independente à luz da criação de diversos mecanismos jurídicos que garantem a sua proteção e dignidade humana. Após a Primeira Guerra Mundial, Revolução Russa e Segunda Guerra Mundial, o mundo se

deparou com milhões de pessoas em condição de refúgio e torna-se evidente a necessidade da criação de órgãos e instrumentos jurídicos que solucionem de forma humanitária a realidade destes indivíduos. Desta forma é criada em 1947 através da Assembleia Geral das Nações Unidas, a Organização Internacional de Refugiados que apresentava funções temporárias em proteger, abrigar e repatriar refugiados. Três anos depois, também é criado o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), considerada como uma instituição de caráter internacional, humanitária e social.

Segundo Moura (2016), a criação do ACNUR precede outro tratado internacional, a Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados, criada em 1951, que caracterizou o indivíduo em situação de refúgio, mas com algumas limitações. Para sanar essas limitações, que acabavam por excluir uma parte dos indivíduos em situação de refúgio da proteção das leis internacionais, em 1967 foi criado o Protocolo sobre o Estatuto dos Refugiados.

Ao se tratar do cenário brasileiro, em 1960 o Congresso Nacional aprova a Convenção Relativa do Estatuto dos Refugiados de 1951, e em 1972 o protocolo de 1967, com o novo delineamento referente às leis. Assim, o Brasil reconhece e se compromete com a proteção e o acolhimento de refugiados em seu território.

Na lei brasileira 9.474 de junho de 1997 (Pereira e Bizerril Neto, 2007, p. 121) o termo refugiado é conceituado:

Art. 1º

Será reconhecido como refugiado todo indivíduo que:

I - devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país;

II - não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, em função das circunstâncias descritas no inciso anterior;

III - devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país.

Esta lei é reconhecida internacionalmente como uma das mais avançadas ao trato com o refúgio, pois dispõe de mecanismos que garantem não só o asilo com os direitos civis, mas as garantias são pontuadas principalmente em fatos expressos à documentação e institucionalização do trabalho, no caso, o cadastro da pessoa física (CPF) e a Carteira de Trabalho. Ainda assim, a lei não apresenta as reais garantias

humanas de que o refugiado necessita, como moradia, saúde, educação, segurança: “a pessoa em condição de refúgio ainda precisa lidar com a superficialidade dos dispositivos jurídicos internos, ausência de políticas públicas específicas aos refugiados e não garantia de todos os direitos fundamentais” (Moura, 2016, p.14).

No Brasil, são parceiras do ACNUR as seguintes organizações: Caritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro e de São Paulo (CARJ e CASP) e, em Brasília, o Instituto de Migrações e Direitos Humanos (IMDH). Estas instituições estão em conformidade para prestar não somente apoio ao acolhimento, mas também às questões relativas à moradia, saúde, curso de línguas, documentação e reinclusão no mercado de trabalho, e mantêm em suas equipes de colaboradores profissionais como psicólogos, advogados e assistentes sociais.

No entanto, ainda que se identifique avanços, existem desafios a serem ultrapassados para que o sistema que acolhe e reconhece o refugiado possa ser pleno em reconstruir os direitos humanos do sujeito, bem como sua definitiva integração e participação no novo país que o acolheu.

Vista através da perspectiva histórica, a relação que trata e reconhece os tipos de deslocamentos humanos vem ganhando cada vez maior importância devido às atuais crises políticas que fomentam a migração, a imigração e a situação de refúgio, cada qual em sua situação, urgência, qualidade e quantidade.

Desde a Segunda Guerra Mundial, o mundo apresenta hoje o número mais expressivo de pessoas que se deslocam de seus países, principalmente por guerras e conflitos que acontecem. Nos últimos seis anos, uma média de 65,3 milhões de pessoas deslocaram-se forçadamente ao redor do mundo. Segundo um relatório de junho de 2015 da Agência das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), 19,5 milhões de indivíduos estão na condição de refugiados no mundo. Mesmo estando longe geograficamente destas regiões de conflitos, dentre os países da América Latina, o Brasil foi o que mais propiciou a entrada de refugiados sírios. Segundo o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), até abril de 2016 há registro de 8.863 refugiados de 79 nacionalidades no país, maiormente da Angola (1.420), Colômbia (1.100), Palestina (376), República Democrática do Congo (968) e Síria (2.298) (ACNUR, 12 de setembro 2016).

Diante deste cenário, o refugiado é envolto por sofrimento e uma falta de “lugar”. Isto demonstra como uma “expulsão” do país de origem obriga os refugiados a fugirem e se instalarem em um novo ambiente por circunstâncias alheias à sua vontade.

Os refugiados são pessoas que buscam salvar suas vidas porque vivem em países onde estão em condição de risco iminente e, para isso, são forçadas a se mudarem para outro país onde ocupam na maioria das vezes uma posição minoritária e marginalizada, sendo sempre vistas como “o outro”. A pesquisa de Silva e Cremasco (2015) utiliza de um conceito de Souza (1998)¹ que mostra essa visão de estranhamento do estrangeiro frente a uma nova cultura: “outro que se afirma em muitos sentidos: outro país, outro lugar, outro costume, outra língua, outro modo de estar, que não faz parte, o que é de outra parte, enigmático” (Silva e Cremasco, 2015, p. 3).

O contato com uma nova cultura é experimentado como um choque, pois se trata de um ambiente novo e incerto, onde, não possuindo referências na cultura local, o refugiado sente necessidade de se inserir e isto necessita de um rompimento do que lhe é conhecido. Requer novas representações e significados frente ao luto de não pertencer mais ao grupo que lhe dava identidade, reconhecimento e pertencimento: “a diferença cultural nos confronta com a ruptura de tudo aquilo que, em si e na cultura, corresponde à manutenção da relação de unidade” (Käes, 2005 apud Silva e Cremasco, 2015, p. 2).

Na pesquisa de Pereira e Bizerril Neto, os autores fazem menção à Bauman² (2005 apud Pereira e Bizerril Neto, 2015, p. 125), na qual este autor discorre sobre a questão do “ser” refugiado:

Uma vez refugiado, sempre refugiado. Todas as estradas que levam de volta ao paraíso doméstico perdido (ou melhor, não mais existente) foram bloqueadas, e todas as saídas do purgatório que o campo de refugiados representa conduzem ao inferno [...].

Analisando o fenômeno da imigração, Falicov (2001) considera que estão envolvidos neste fenômeno quatro tipos de desenraizamento: o dos significados, o social, o cultural e o físico. O primeiro tipo se relaciona ao rompimento dos

¹ SOUZA, N.S. O estrangeiro: nossa condição. In: KOLTAL, C. *O Estrangeiro*. São Paulo: Escuta, p. 155-163. 1998

² BAUMAN, Z. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

significados, ao modo de resolver os problemas típicos no seu país de origem e à base a partir da qual a pessoa sustenta suas relações com as outras. O desenraizamento social se relaciona com o rompimento da convivência e com a perda de apoio da rede social anterior; além disso, também envolve a forma como o indivíduo percebe a recepção, a marginalização e o isolamento social que experimenta no novo país. O desenraizamento cultural relaciona-se com a história pessoal e com a diferença de percepção da realidade e dos relacionamentos no novo lugar. O último tipo, o físico, diz respeito ao embate com o ambiente atual, e também à tristeza e nostalgia do ambiente anterior em que havia identificação com as pessoas, o clima, a alimentação e até com a ansiedade e o estresse próprios dos países ou locais em que viviam.

No Brasil, Rosa (2012) afirma haver um mal-estar na transmissão dos valores e histórias desses indivíduos e uma dificuldade de reconstruir laços sociais, tendo em vista que o refugiado está vivendo esta experiência de desenraizamento cultural forçado por questões sociais e políticas. Este estado de vulnerabilidade se agrava quando, ao adentrar em um novo país, há uma necessidade de sobrevivência que se traduz na permanência neste novo meio, o que acarreta numa busca por trabalho, na aprendizagem de uma nova língua e em ter moradia como tentativas de reconstrução de suas identidades.

Moura (2016) cita Aline Tuller, Coordenadora de Atendimento da Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro, para exemplificar uma das situações enfrentadas pelas crianças refugiadas em adaptação no Brasil, onde “há diretores de escolas que sequer se informam que determinado aluno é um refugiado e a criança é tratada como um estrangeiro que está no Brasil por opção” (p.10). Além disso, ainda há questões relacionadas às considerações de discriminação por cor, linguagem e costumes que os indivíduos costumam enfrentar em seu dia a dia, seja na escola, no trabalho e na rua.

Considerando o Brasil um país que se formou tendo por base indivíduos de múltiplas nacionalidades, viajantes e imigrantes de todas as partes do mundo, é espantoso pensar que significativa parcela de sua população expressa atitudes de caráter xenofóbico. Apesar desta diversidade de nacionalidades que contribuiu para a formação do povo brasileiro, a rejeição a estrangeiros sempre esteve presente, de forma explícita ou velada, e principalmente essa segunda, em que o caráter de hipocrisia cresce quando notamos descendentes destes mesmos estrangeiros que

vieram para cá buscando o seu pedaço de terra para iniciar uma nova vida agora rechaçando e discriminando indivíduos que necessitam de ajuda e de acolhimento.

Segundo o ACNUR, em diagnóstico realizado no ano de 2011 no Brasil com os próprios refugiados, o que se apresenta é uma imagem da discriminação que os impede e/ou reduz suas chances de inserção na sociedade pelo simples fato de serem estrangeiros ou por estarem na condição de refúgio, pois o brasileiro se afasta de tais motivações e não se esforça para entender o contexto deste indivíduo refugiado, e nem o próprio contexto da formação da sociedade brasileira (ACNUR 2011 apud Moura, 2016, p.12).

Talvez se analisarmos os movimentos de migração de determinados povos provindos do hemisfério Norte e de regiões de primeiro mundo, em sua relação com a formação identitária no Brasil, italianos, franceses, alemães e japoneses são tratados de maneira diferenciada pela evidente contribuição nos aspectos funcionais da estrutura econômica, como trabalhadores fabris e exportadores de bens, por exemplo. Em outra análise, os indivíduos provindos do hemisfério Sul, negros africanos, povos vizinhos ao Brasil, da América Latina, sempre foram vistos, historicamente, como escravos e trabalhadores braçais, ocupantes das classes menos privilegiadas, pelo não reconhecimento de suas funções no Brasil, de forma a representar o progresso aqui idealizado. Contrapartidas em forma de conscientização são realizadas pelo governo, como propagandas de conscientização que mostram justamente esse caráter de multiplicidade do povo brasileiro e sua indiscutível herança da imigração e migração.

CAPÍTULO II – A psicologia e o refúgio

Somos o que somos. Inclassificáveis. Não tem um, tem dois. Não tem dois, tem três. Não tem lei, tem leis. Não tem vez, tem vezes. Não tem Deus, tem Deuses. Não há sol a sós.

Arnaldo Antunes

Ser refugiado é uma condição involuntária. A pessoa refugiada não planejou a saída de seu país, a transição e o presente em um novo país de acolhida. Portanto, nunca criou projeções sobre si mesma neste novo lugar.

Diante da realidade de adaptação abrupta a algo novo é gerada uma situação de desamparo que gera sofrimento, pois é necessário se inserir num contexto nunca antes sequer idealizado, e, portanto, desconhecido, onde muitas situações corriqueiras serão ressignificadas. Segundo Silva e Cremasco (2015, p. 2), “isso significa vivenciar uma experiência de desamparo na qual a não compreensão cultural afeta o bem-estar psicológico e dificulta a sua adaptação”.

Os diversos impactos à saúde mental destes indivíduos, forçados a saírem de seus países para se proteger de conflitos e violências, são discutidos em artigos de relatos de pesquisa dentro do universo psicológico, abordando desde o acolhimento do refugiado à análise do sofrimento pelo qual ele passa. Os traumas gerados não são necessariamente ligados aos conflitos do local de origem, mas também relacionados ao processo de deslocamento e ao estabelecimento permanente ou provisório nos países nos quais foram acolhidos.

A exposição a situações extremas, tanto no que se refere à violência, perseguição, guerras e catástrofes ecológicas no território de origem quanto ao choque inicial ao se deparar com um novo ambiente cultural no país que oferece refúgio, podem gerar nos indivíduos refugiados sintomas de depressão, ansiedade, problemas de sono, queixas somáticas e aqueles próprios do quadro de transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) (SOUZA, MACIEL JUNIOR e KUBLIKOWSKI, 2017).

Um estudo feito com sudaneses com história de trauma e refugiados na Austrália mostra que 5% dos casos condizem com os critérios de diagnóstico do TEPT, sendo que 25% possuíam alto nível de angústia e sofrimento psicológico (SCHEWEITZER et al., 2006). Ainda segundo Schewitzer et al. (2011), nos birmaneses foi identificado 9% de pessoas do estudo com sintomas que caracterizam o TEPT, 20% com sintomas de transtornos de ansiedade, 36% com sintomas de depressão e 37% com sintomas psicossomáticos. As variações nas taxas de predomínio do TEPT em crianças afetadas pelas guerras são muito mais variáveis

comparadas com as dos adultos, oscilando de 7% a 75%, e também em relação ao diagnóstico de depressão. Esta, por sua vez, pode afetar de 11% a 47% das crianças.

No entanto, estes dados são criticados, pois o diagnóstico de TEPT foi desenvolvido em países ocidentais, entre os anos de 1970 e 1980, publicado no DSM-III (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorder*), e se baseiam numa resposta generalizada a situações de traumas, não contemplando as variações culturais de expressão de angústia e bem-estar e nem o contexto sócio-político dos sujeitos expostos aos traumas de guerra. As críticas apontam a urgência da criação de novos critérios de avaliação das psicopatologias e métodos de acesso aos indivíduos de diferentes heranças culturais, tendo em vista as mudanças nas estruturas políticas e sociais pós Segunda Guerra Mundial (APA, 2010b apud SOUZA, MACIEL JR. e KUBLIKOWSKI, 2017).

O artigo de Knobloch (2014) traz reflexões pertinentes quanto ao reconhecimento e legitimação do sofrimento de grupo de refugiados, levantando aspectos como a soma dos fatores estressantes encontrados no movimento de migração sob a alcunha de patologia.

Conforme Knobloch (2014), impasses surgem quando se tenta naturalizar a experiência migratória como fator de risco que leva à patologia psíquica, que costuma ocorrer para que se assumam de prontidão uma identidade ao sujeito que está em condição de migrante ou de refugiado. Para ela, isso institui um estereótipo aos imigrantes e refugiados: ao invés de os tratarem como indivíduos, os colocam de uma forma pré-determinada que lhes imputa características a priori pelo simples motivo de o terem reconhecido em uma situação de risco/vulnerabilidade, invalidando sua singularidade. Knobloch (2014) também entende que o diagnóstico de TEPT adentra nesta lógica de redução da heterogeneidade das experiências subjetivas e culturais a um modelo biomédico reducionista.

Seguindo ainda sua argumentação, a autora afirma que embora generalizar não seja de todo mal, pois assim se é possível delinear um conjunto de possíveis situações que o grupo pode ter enfrentado durante a viagem, quando esta generalização é realizada sem o cuidado que merece ignora as necessidades de cada um como indivíduo e de suas referências pessoais sobre a vida. Sob um referencial psicanalítico, a autora acredita que se dispõe um possível cenário de medicalização da experiência de migração se o discurso acerca da situação for alienado a tipos específicos de sofrimento psíquico, tratando como urgência farmacológica saberes que podem ser de ordem econômica, social e política. Para ela, este é um dos desafios

que se colocam aos agentes de saúde: compreender o indivíduo para além de seu grupo e comum história enquanto refugiado, discriminando aqueles que apresentam necessidade de tratamento e/ou medicalização e aqueles que sofrem de uma outra gama de fragilidades momentâneas devido aos embates culturais (KNOBLOCH, 2014).

Alguns impasses que devem ser enfrentados por profissionais de saúde no atendimento aos migrantes e refugiados são explanados por intermédio dos questionamentos apontados por Stengers (2001), apresentados no artigo de Knobloch (2014):

Como oferecer assistência sem que se resuma a um modo de adaptação à nova cultura pela nomeação e classificação de sintomas e diagnósticos onde estas intervenções podem constituir formas normativas de subjetividade? Como cuidar para que as dimensões assistenciais clínicas não imponham práticas e critérios biomédicos que ignorem os valores e interpretações do imigrante sobre seu próprio sofrimento? Como perceber o limiar entre a oferta de cuidado e a tendência pedagógica de afiliar o paciente imigrante à normalidade dada pelos valores ocidentais e saberes que se impõem como dominantes? (Stengers, 2001, apud Knobloch, 2014, p.173).

Esta pesquisa não compartilha do entendimento de que o sujeito se reduz apenas à cultura na qual se constituiu como indivíduo, mas, pensando nos refugiados, é necessário fazer uma reflexão sucinta da relação entre cultura e saúde mental, ressaltando a importância da cultura na constituição psíquica dos seres humanos.

Na pesquisa de Borges (2013) esta relação é compreendida pela perspectiva da etnopsiquiatria, praticada por Tobie Nathan e Marie-Roso Moro, que relacionam cultura, mundo psíquico e saúde mental.

A etnopsiquiatria compreende os traços culturais como relevantes para a adaptação do mundo psíquico à realidade. Neste caso, a cultura é conceituada como “mapa mental” que norteia cada membro em suas ações individuais e para com o outro, gerando o conforto necessário (inteligível) dentro de sua sociedade. Assim, o mundo psíquico (mundo interno) e a cultura (mundo externo) encontram um mesmo sentido, se comunicam.

Conforme Borges (2013), assim que os refugiados não se encontram mais em seu país de acolhida, na cultura em que se constituíram como indivíduos

a comunicação entre o mundo externo e o mundo interno se encontra – pelo menos temporariamente – abalada. Essa ausência de comunicação pode gerar vulnerabilidade psíquica para o migrante - e principalmente para os refugiados - que se deparam com a experiência

do *non-sens*, da falta de compreensão, de defesa/proteção que poderia lhe proporcionar sua cultura de origem - por mais destruidora que tenha sido (p.153).

Esse pensamento começa a ser elencado como principal meio para se compreender, acolher e atender uma pessoa em situação de vulnerabilidade pós deslocamento cultural forçado. O sujeito, como descrito anteriormente, sofre de situações estressantes por se encontrar em uma sociedade que não o compreende, que muitas vezes o marginaliza por não assimilar sua vivência e suas necessidades básicas, como posições de trabalho, hábitos sociais e moradia, o colocando em uma situação ainda mais complicada, de isolamento.

No processo de adaptação ao novo país, os refugiados encontram deficiências nas instituições de saúde e de assistência social, onde o contato com estas, muitas vezes, viabiliza a piora da situação atual, dificultando ainda mais este processo. Algumas destas deficiências são explicitadas na pesquisa Borges (2013, p.155):

Como explicar o sofrimento, seja ele físico ou psicológico, quando o paciente e o profissional não falam a mesma língua? Partindo do princípio de que a língua materna é portadora de representações e organizações simbólicas formadoras da identidade, como poder falar do que se sente, do mal-estar, em uma língua cujas representações culturais diferem daquelas do paciente? Como oferecer, dentro do setting terapêutico ocidental, o lugar que certas culturas reservam ao mundo invisível, aos saberes populares, às transmissões intergeracionais? E como poder expressar toda frustração em relação ao país adotivo a um profissional originário desse mesmo país?

Portanto, os profissionais de saúde, ao se depararem com os recém refugiados, devem levar em consideração todo o aspecto cultural do sujeito, que antes dispunha de total liberdade para seus atos práticos e agora é cercado por hábitos da cultura presente no país de acolhimento.

Diante destas demandas, pensando em intervenções que contribuam para minimizar o impacto do refúgio, a autora propõe um dispositivo clínico criado em 2000, que é uma organização de serviços especializados, referência mundial ao tratamento de imigrantes e refugiados, o Serviço de Atendimento Psicológico Especializado aos Imigrantes e Refugiados (Sapsir), localizado em Québec, Canadá.

O Sapsir vem realizando trabalhos que proporcionam o encontro e compreensão entre o mundo do paciente refugiado, com representações e significados referentes à cultura de seu país de origem e ao mundo que corresponde as práticas e referências do país de acolhimento. Considera-se as dimensões culturais e particularidades linguísticas das comunidades etnoculturais.

A prática se dá por meio de um grupo de terapeutas, mediadores linguísticos e culturais (tradutores), que favorecem “a expressão da experiência vivida e dos afetos na língua materna e um espaço significativo aos dados culturais e às representações sociais” (Borges, 2003, p.157).

Sendo assim, estas práticas fornecem um espaço que permite que o acolhimento e percepção de necessidades se dê de uma forma progressiva, eficaz, dando a possibilidade de uma realocação social mais precisa no campo do sentimento de pertencimento e reintegração de sua identidade.

À despeito de tantas adversidades e impactos, há também indivíduos que desenvolvem comportamentos adaptativos e estratégias que favorecem o enfrentamento e a superação das dificuldades, excluindo como normativo o emprego de percepções a priori, como patologias ou sofrimento negativo imputado pelo deslocamento, do contingente de refugiados em um grupo, fenômeno que é nomeado na literatura por resiliência (SOUZA, MACIEL JUNIOR e KUBLIKOWSKI, 2017).

Em resposta à crise da Síria, a ONU criou um documento, o “The Regional Refugee & Resilience Plan” (3RP), a fim de demonstrar capacidades de desenvolvimento, inovação e recursos para garantir proteção, assistência humanitária e fortalecer a resiliência dos refugiados. O documento explicita a ideia de que a resiliência não é apenas desejável, mas é economicamente, socialmente e politicamente imperativa. É uma abordagem nova e mais eficaz de prestar assistência, tendo em vista a multiplicidade de carências e a falta de preparo do sistema de acolhimento local, sendo uma peça central que vai além das necessidades básicas e que está centrada na expansão da promoção da saúde física e mental (ONU, 2015). De acordo com a ONU (2015), a resiliência é a capacidade dos indivíduos, das famílias, das comunidades e instituições de anteciparem, suportarem, se recuperarem e se transformarem a partir de choques e crises.

A importância da criação desta assistência e o que isto envolveria está explicitado no plano da seguinte maneira:

Numa situação de crise, as pessoas necessitam de intervenções que reforcem a sua capacidade de superar os piores impactos da crise e voltar a um caminho de uma prosperidade sustentável (...) investir nas capacidades e habilidades daquelas comunidades e instituições mais afetadas por uma crise para que elas possam, eventualmente, lidar com suas necessidades a médio e longo prazo. A abordagem por meio da resiliência reconhece pessoas em necessidade como agentes ativos e criativos e os empodera no sentido de maior protagonismo em suas próprias vidas. Assim, o objetivo básico do desenvolvimento baseado em resiliência é criar um caminho viável da necessidade de

assistência direta no sentido da autossuficiência e do desenvolvimento humano sustentável para todas as comunidades afetadas (ONU, 2015, p.17).

MÉTODO

A pesquisa proposta para elaboração do trabalho de conclusão de curso foi qualitativa e exploratória.

O método qualitativo busca estudar e analisar o mundo empírico em seu ambiente natural, valorizando o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada. Sob esta perspectiva, um fenômeno é melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual faz parte, sendo que o pesquisador visa especialmente a compreensão do processo e não dos resultados ou do produto resultante do conjunto de dados (GODOY, 1995).

Instrumentos

Fotografia

A fotografia foi um dos instrumentos utilizados na realização da pesquisa. Ela permite uma expressão não-verbal, muitas vezes facilitando a emergência de conteúdos que são dificilmente acessados. Pelo fato de os refugiados terem uma barreira linguística e cultural, partiu-se do pressuposto de que a fotografia poderia facilitar o acesso aos conteúdos internos dos mesmos e também à perspectiva que eles teriam sobre a atual situação em que se encontravam.

Segundo Neiva-Silva e Koller (2002, p.246)

a grande contribuição deste método [método autofotográfico] para pesquisas transculturais é a universalidade da linguagem fotográfica, que supera os problemas de comunicação e linguagem verbal existentes.

Dessa forma, a fotografia permite um acesso a conteúdo subjetivos. Segundo Rey (2001)³, citado na pesquisa de Justo e Vasconcelos (2009):

A subjetividade são os sentidos e as significações produzidas em um âmbito cultural, ainda que seja assimilada particularmente por cada membro da sociedade. Há, portanto, uma subjetividade social e individual (...). O sujeito, possuindo sua história pessoal e vivendo em sociedade, participa dos sistemas subjetivos que caracterizam a subjetividade social produzindo dentro dela novos sentidos” (Rey, 2001 apud Justo e Vasconcelos, 2009, p. 764)

³ REY, F. L. G. La investigación cualitativa en Psicología: rumbos e desafios. São Paulo: EDUC, 2001.

Portanto, nesta pesquisa partimos do pressuposto de que através da fotografia seria possível oferecer uma via de expressão ao refugiado que lhe permitisse refletir sobre sua condição atual, explicitando e reduzindo a distância entre a experiência interna e as informações das situações vividas por ele no mundo externo, tendo em vista que sujeitos que passam por esta experiência impactante carregam uma história e devem realocá-la para esse mundo novo que lhes foi imposto, permitindo a projeção de conteúdos não diretamente acessíveis por meio de sua própria perspectiva de mundo e a possibilidade de reflexão sobre a nova vida que se anuncia através da fotografia.

Inicialmente utilizado por Robert Ziller no final da década de 70, o método autofotográfico se caracteriza pelo fato de o indivíduo ser autor de suas próprias fotos. Nele, a partir de uma solicitação do pesquisador, que pode acontecer sob a forma de uma pergunta, o indivíduo responde sob a forma de imagens fotográficas produzidas por ele mesmo. Esse processo elicia conteúdos subjetivos de busca e descoberta de si mesmo. Há certo motivo do porquê dessa fotografia, o que levou o sujeito a tirá-la de maneira singular, tendo uma importância o antes, o durante e o depois do “click”.

Este método permite que o respondente se coloque em um contexto não-familiar de comunicação, no qual seus valores emergem identificados com as pessoas, objetos e símbolos presentes no ambiente, e o pesquisador não orienta e nem induz o olhar do participante para um padrão fixado de respostas. O próprio participante é quem seleciona os estímulos e produz a sua arte. Assim, a fotografia transforma-se em um canal de imagens, sendo uma forma de comunicar o incomunicável (NEIVA-SILVA e KOLLER, 2002).

Entrevista semiestruturada

Outro instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, que possibilitou aos entrevistados discorrerem livremente e refletirem sobre o tema proposto. Foi realizada a partir de um roteiro com algumas perguntas norteadoras abertas e fechadas que foram complementadas por outras durante o momento da entrevista, e também teve relação com o material fotográfico produzido pelos participantes.

A semiestruturação da entrevista na pesquisa qualitativa é justificada por Gondim e Fraser (2004):

esta abordagem almeja compreender uma realidade particular e assume um forte compromisso com a transformação social, por meio da auto-reflexão e da ação emancipatória que pretende desencadear nos próprios participantes da pesquisa (p.145).

A entrevista dá voz ao outro e permite ao entrevistador compreender a perspectiva de fala do outro. Segundo Gondim e Fraser (2004), uma das vantagens dela é “ permitir uma melhor compreensão dos significados, dos valores e das opiniões dos atores sociais a respeito de situações e vivências pessoais” (p.140).

Roteiro de temas para a entrevista semi-estruturada:

- A) Dados Sociodemográficos
- B) Breve Biografia
- C) A história do refúgio
- D) O presente no novo país
- E) O futuro

Participantes

Participaram deste estudo, dois refugiados de origem síria que residem na cidade de São Paulo. Não houve determinação prévia do sexo e da origem étnica dos responsáveis, já que isto dependia da disponibilidade e aceitação da participação na pesquisa.

Mohamad⁴ tem 30 anos, está no Brasil há 4 anos e 10 meses, é solteiro, estudou até o 8º ano e trabalha como gerente de um restaurante há três anos e meio.

Rahaf tem 22 anos, está no Brasil há 3 anos e 3 meses, é casada há 5 anos, tem dois filhos do sexo masculino, um nascido na Síria e outro no Brasil, com idades respectivas de 4 e 2 anos. A participante estudou até o 1º ano do Ensino Médio e atualmente não trabalha.

Os participantes têm níveis diferentes de domínio da língua portuguesa. Mohamad não apresentou dificuldades em se expressar e se comunicar, mostrando-

⁴ Foi solicitado aos participantes que escolhessem um pseudônimo, esclarecendo que isso visava manter suas privacidades. No entanto, ambos disseram que queriam manter o seu próprio nome. Por exemplo, Mohamad se justificou dizendo: “o meu nome é o nome do profeta, o profeta de nós, então Deus deu para mim esse nome e eu nunca troco de jeito nenhum”.

se uma pessoa extrovertida. Rahaf tem um perfil mais tímido, mas isto pode estar relacionado ao pouco domínio que tem da nova língua. Em alguns momentos da entrevista foi necessário usarmos o tradutor do celular, que fazia a tradução simultânea das perguntas escritas em português para o árabe.

De todo modo, constatou-se que ambos os participantes tinham domínio mínimo da língua portuguesa que lhes permitiu compreender o que a pesquisadora dizia e também manifestarem suas opiniões e reflexões de modo a serem compreendidos por ela.

Procedimento de pesquisa

O acesso aos participantes foi feito por intermédio de ONGs, instituições e indicações de redes sociais que tinham contatos com refugiados residentes na cidade de São Paulo.

O primeiro contato com os participantes foi feito pessoalmente e/ou com o uso do aplicativo *Whatsapp*, momento em que foi feita uma breve apresentação do trabalho e de seu propósito, além do esclarecimento sobre o interesse na participação da pesquisa e marcação do dia, hora e local dos encontros.

No segundo momento foram feitas perguntas relativas aos dados sociodemográficos, e ocorreu a entrega de uma máquina fotográfica à/ao participante, solicitando que ela/e tirasse fotos que expressassem de uma forma mais próxima a vivência de sua condição como refugiada/o no Brasil. A quantidade de fotos a serem tiradas não foi previamente determinada.

Ao término desta etapa, foi feito o agendamento da data do próximo encontro para a realização da entrevista.

No dia da entrevista, foi solicitado da/o participante a apresentação das fotos tiradas e/ou seleção de fotos que tinham, que ela/e julgasse serem mais representativas de sua condição de refugiada/o. A entrevista foi feita baseada nas perguntas do roteiro, e em outras que surgiram no momento, referentes ao assunto tratado.

Mohamad não tirou fotos com a máquina e se justificou afirmando que tinha esquecido, mas, de forma espontânea, mostrou algumas fotos que estavam em seu celular. Rahaf tirou duas fotos com a máquina, mas disse que ficou com medo de usá-la na rua e alguém roubar. Além das fotos tiradas com a câmera, também selecionou fotos do próprio celular.

Procedimento de análise dos dados

As entrevistas e os dados obtidos a partir das fotografias foram analisados e discutidos a partir do método de análise de conteúdo qualitativo apriorístico, usando as referências dos estudos discutidos na revisão de literatura.

Segundo Olabuenaga e Ispizúa (1989),

a análise de conteúdo é uma técnica para ler e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos que, analisados adequadamente, nos abrem as portas ao conhecimento de aspectos e fenômenos da vida social de outro modo inacessíveis (Olabuenaga e Ispizúa, 1989 apud Moraes, 1999, p.2).

A presente pesquisa realizou a análise de conteúdo qualitativa em cinco etapas essenciais, conforme descritas por Campos (2004) e Moraes (1999):

- 1- Preparo das informações;
- 2- Transformação do conteúdo em unidades;
- 3- Classificação das unidades em categorias;
- 4- Descrição;
- 5- Interpretação.

Após o preparo das informações e a transformação do conteúdo em unidades, as categorias e subcategorias temáticas construídas forma as seguintes:

- A história do refúgio: A guerra na Síria; Escolha pelo Brasil; Acolhimento no Brasil; A chegada; A diferença entre o Brasil e outros países.
- O presente no novo país: Visão do Brasil; O dia-a-dia; A cultura do Brasil; Tradições e práticas da cultura Síria no Brasil; A nova língua; Dificuldades; Síria e Brasil: semelhanças e diferenças; A preocupação diária com os familiares que estão na Síria.
- O futuro: Planos; O retorno para a Síria.

Considerações Éticas

Todos os cuidados éticos previstos na Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde foram tomados na investigação realizada e que resultou no presente trabalho.

Um termo de consentimento livre e esclarecido foi apresentado na ocasião de realização das entrevistas. Somente após sua leitura e assinatura por parte do/a entrevistado/a é que as entrevistas tiveram início.

Foi ainda salientado aos participantes que os dados das entrevistas seriam analisados de modo a garantir os respectivos anonimatos.

Finalmente, o projeto de pesquisa que culminou neste trabalho foi incluído na Plataforma Brasil com toda a documentação exigida para análise e emissão do parecer do Comitê de Ética, concomitantemente à apresentação do mesmo à Comissão de Pesquisa da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde em novembro de 2016. No entanto, até o encerramento da pesquisa a informação fornecida na plataforma é que o projeto se encontrava “em apreciação pelo Comitê de Ética”.

ANÁLISES E DISCUSSÃO

Antes de apresentar a análise e discussão das entrevistas, faço abaixo uma breve caracterização dos participantes.

MOHAMAD

Mohamad tem 30 anos, está no Brasil há 4 anos e 10 meses, mora em um bairro que fica entre o Centro e a Zona Oeste de São Paulo, é solteiro, estudou até o 8º ano e trabalha há três anos e meio como gerente de um restaurante árabe de seus tios.

Vem de uma família simples, batalhadora e trabalhadora. Na Síria morava com a sua família, em um bairro no interior de Damasco, a cerca de 10 minutos de ônibus do centro, e seu pai foi um dos primeiros moradores do bairro. Mohamad considerava o bairro muito bom, e muitos de seus familiares moravam no mesmo local. Ele diz que aqueles que no Brasil são considerados vizinhos, lá na Síria são considerados todos como família.

Mohamad tem quatro irmãos, dois homens e uma mulher. A irmã continua morando na Síria, e os dois irmãos também estão morando no Brasil.

Quando lhe foi perguntado se trabalhava na Síria, o participante discorreu por muito tempo sobre a sua trajetória de início e ascensão de trabalho no ramo dos doces. Mohamad parou de estudar por decisão própria, pois, segundo ele, queria trabalhar para ganhar o seu próprio dinheiro. Desta forma, sua avó o levou a uma “loja” (como ele denomina) de doces, onde conseguiu o seu primeiro emprego. Dos doze aos dezoito anos trabalhou nesta loja. Após isto, serviu ao exército sírio por dois anos, algo que é obrigatório em seu país. Diz que os homens da Síria pensam em casar ou abrir o seu próprio negócio após saírem do exército, e ele queria esta última opção. Após deixar o exército, não conseguiu emprego na loja que trabalhava anteriormente, e então decidiu trabalhar por um mês com o seu cunhado no ramo da confecção de móveis de madeira.

Logo após este curto período, conseguiu um emprego em outra loja de doces onde ficou por volta de três anos até começar a ter o seu próprio negócio de doces.

Para abrir o seu estabelecimento, precisou da ajuda financeira de um homem que, ao lhe emprestar o dinheiro, virou uma espécie de sócio dele. A loja ficou aberta por cerca de um ano e três meses, tendo que fechar por conta do início da guerra.

Com o exército na rua, era necessário fechar a loja todos os dias ao meio-dia, o que os impedia de trabalhar. Com isso, houve uma forte diminuição da clientela, além do corte de água e energia elétrica, o que culminou num número expressivo de contas a serem pagas e na falta de dinheiro para isto.

Em meio à guerra e sem trabalho, Mohamad pede dinheiro emprestado para um conhecido visando pagar as dívidas da sua loja. Decide virar taxista para conseguir dinheiro e devolver aquele que tinha pego emprestado. O fato de ter virado taxista o entristeceu, pois se deu conta de que tudo o que tinha construído em tantos anos havia se modificado, inclusive o fato de ter que deixar de ser doceiro e se tornar taxista. Portanto, este foi o seu último emprego até vir para o Brasil.

RAHAF

Rahaf tem 22 anos e está no Brasil há três anos e três meses. Mora na Zona Norte de São Paulo, é casada há 5 anos e tem dois filhos do sexo masculino: um nascido na Síria e outro no Brasil, com idades respectivas de 4 e 2 anos. Ela estudou até o 1º ano do Ensino Médio, atualmente não trabalha e seu marido, também refugiado sírio, trabalha no Brasil como pintor.

Tem seis irmãos. Alguns ainda estão morando na Síria e outros estão refugiados no Egito, na Jordânia e no Líbano.

Na Síria, morava com a sua família em uma cidade perto de Damasco. Ao ser perguntada sobre como era o seu país antes da guerra, diz que era muito bom, que era fácil conseguir trabalho, comprar comida, alugar uma casa. Não trabalhava em seu país, somente estudava, mas teve que parar os estudos por conta da guerra, já que com o perigo que assolava as ruas, com as bombas e o risco à vida, as pessoas tinham medo de sair de casa. Por conta da guerra a escola em que ela estudava fechou.

Após o início da guerra, relata que ela e os familiares tiveram que deixar a casa e a cidade. Eles migraram para outra cidade onde a situação estava muito difícil: vinte pessoas de sua família moravam em um mesmo quarto. Estavam em uma situação financeira crítica, sem dinheiro e sem trabalho. Relata que, antes de vir para o Brasil, o seu marido estava sem emprego fazia um ano. Antes disso ele trabalhava em um banco.

- **A HISTÓRIA DO REFÚGIO**

Os dois participantes relatam como foi vivenciar a guerra no país, a situação devastadora que adentrou em suas vidas, as mortes de conhecidos, o medo e as consequentes mudanças ocorridas involuntariamente à suas vontades.

Mohamad teve que fechar a sua loja. Este fato não se vincula apenas ao lugar físico, mas significou para ele o abandono de um sonho que estava construindo há doze anos. Conta que a guerra o entristeceu e o fez mudar muito, fomentando um ideal de vingança⁵:

Fiquei muito diferente. Eu antes gostava da vida, fiquei muito triste, fiquei pensando coisa horrível. Tipo, eu vou com um deles. Tirar arma, vou lutar com eles. Contra essas pessoas que quebraram minhas coisas.

Assim, diante das condições políticas e sociais, e do risco de vida iminente que corriam na Síria, os participantes são obrigados a fugirem, ratificando a urgência do deslocamento e passando à condição de refugiados.

Para ambos, a decisão de se refugiar no Brasil ocorreu por conta de familiares que já viviam aqui há muitos anos.

Em um primeiro momento, Rahaf diz que é o “único” país que deixa os refugiados entrarem, mas também conta que o seu cunhado já estava como refugiado no Brasil há aproximadamente três anos e os convenceu para virem para cá, prometendo ajudá-los financeiramente até que conseguissem se estabelecer.

Mohamad conta que a preocupação de sua mãe era a de que ele se juntasse aos rebeldes, e então lhe falou da possibilidade de ele ir morar com os tios no Brasil. Os tios dele são donos de um restaurante árabe em São Paulo e estão no Brasil há mais de vinte e cinco anos.

O participante afirma que duas coisas principais o fizeram “escolher” pelo Brasil. Primeiramente, o fato de sua tia ter lhe oferecido emprego no restaurante, como doceiro. Isto o ajudaria, pois precisava de dinheiro para pagar o empréstimo que tinha feito na Síria. O segundo motivo foi que ele não queria ficar longe de sua família.

Mohamad esclarece que o fato de ter familiares aqui o ajudou e facilitou na chegada ao novo país, principalmente no âmbito de trabalho, da língua e do apoio

⁵ Os trechos de falas que ilustram as análises preservam a exata maneira de falar dos participantes.

emocional. Argumenta que provavelmente para outros refugiados que não tiveram a mesma possibilidade que ele a adaptação é muito mais árdua.

Agora penso de outra pessoas que vem sem ninguém, não conhece ninguém, aí vai ficar difícil...não fala língua, não sabe onde ele vai morar, não sabe onde ele vai começar a trabalhar.

Por mais que tivessem alguns familiares aqui no país, Mohamad e Rahaf relataram que a chegada ao novo país foi dolorosa e difícil, e que estavam muito tristes. Vinculam a tristeza ao fato de terem deixado o seu país, de estarem longe de seus familiares e de estarem preocupados com eles.

A tristeza que referem está vinculada à situação de vulnerabilidade e à fragilização resultante da guerra na Síria, situação em que ainda se encontravam quando chegaram ao Brasil. Esta condição de vulnerabilidade era tanto sob o ponto de vista socioafetivo (distanciamento de familiares e de seu país) quanto do econômico.

Mohamad afirma que saiu triste da Síria, pois tinha perdido “ tudo”, e que ao chegar aqui estava do mesmo jeito: *“no começo eu fiquei triste, fiquei nervoso, às vezes, eu fico com dor de cabeça quando ouvi a língua daqui”*, e que no início teve uma reação de isolamento. Trancava-se em seu quarto e não tinha vontade de sair. No entanto, diz que lutou e pensou que não sabia quanto tempo ficaria aqui, e que então, por isto, deveria aprender a nova língua e se fortalecer.

Ao falar de seu irmão, Mohamad explicita como foi para ele a chegada no Brasil:

É que quando o pessoal chega da Síria, nessa época de guerra, chega muito triste, chega cabeça deles, cheia de coisa, tipo meu irmão, tinha um ano e dez meses que tá aqui, quando ele chegou ele veio muito assustado, muito triste, ele não era assim, eu lembro do meu irmão sorrindo muito, brincando muito, ele chegou com cara triste, preocupado direto, porque lá, tem amigos dele que ele perdeu, e tem meu primo que também morreu, caiu bomba, e foi ele procurar os corpos. Então ele passou uns dias, que não dorme direito, que é coisas que ele viu.

Podemos relacionar o que Mohamad fala a respeito do irmão às consequências que a exposição a situações hostis como guerras e a situação de refúgio suscitam como possibilidades nos indivíduos: o surgimento de sintomas de depressão, problemas de sono e outros que a literatura aponta como próprios do diagnóstico de transtorno de estresse pós-traumático (SOUZA, MACIEL JUNIOR e KUBLIKOWSKI, 2017).

Contudo, isto não pode ser afirmado porque primeiramente não tive nenhum contato direto com o irmão de Mohamad, e também não se pode generalizar as experiências subjetivas e culturais deste homem e vinculá-las diretamente a uma patologia psíquica apenas por ele demonstrar se encontrar em uma situação de vulnerabilidade causada pela experiência própria de um refugiado ou migrante (KNOBLOCH, 2014).

Algo muito presente nas entrevistas dos dois foi a percepção da diferença de acolhimento do Brasil em relação a outros países, principalmente os da Europa. Os participantes relatam e diferenciam a vivência de familiares e amigos em certos países europeus com a deles aqui. Para eles, além do fato de o Brasil ser um dos únicos países do mundo a abrir suas fronteiras para refugiados e permitir que eles trabalhem, os brasileiros os respeitam e são considerados por eles pessoas muito boas. Ambos afirmam que não sofreram ou sofrem nenhuma situação de desrespeito, discriminação e/ou xenofobia.

Exemplifico a visão desta diferenciação feita por eles com uma das falas de Rahaf: *“não tem diferença pra estrangeiro refugiado pra brasileira, aqui não tem. Essa outra pessoa, na Europa, tem...tá falando, “você é refugiado”*.

Neste aspecto, os depoimentos dos participantes se contrapõem a um dos fatos apontados nos artigos discutidos anteriormente: que uma das principais barreiras vivenciadas pelos refugiados é a discriminação, a xenofobia. O próprio diagnóstico realizado pela ACNUR (2011) aponta que a xenofobia é um dos principais fatores que proíbe ou limita as possibilidades de inserção do refugiado em um novo país. Nos casos dos participantes de nossa pesquisa, fica claro que esta não foi uma limitação com a qual se depararam, mas vale ressaltar que é necessário reconhecer a vivência de cada indivíduo como única, e que não é viável postular a vivência deles como algo que ocorre com todos os refugiados que chegam ao Brasil.

- **O PRESENTE NO NOVO PAÍS**

Alguns anos se passaram desde a chegada de Rahaf e Mohamad ao Brasil, e, para ter um maior conhecimento de como estão se sentindo no país, aqui e agora, seus depoimentos revelam como é para eles o presente no neste novo país.

Mohamad trabalha todos os dias da semana no restaurante. Para ele, o trabalho é algo prazeroso que o mantém em contato constante com pessoas, e, segundo ele, isto é bom pois ele gosta de conversar e contar histórias. O trabalho para

ele tem algo de terapêutico e o distrai das preocupações e das memórias da guerra. Diz que trabalha bastante exatamente para isto:

Esse é o mais importante para mim... assim, eu não fico pensando, eu não estou no meu país. Isso me dá uma força para continuar a vida aqui.

Mas eu trabalhava muito para esquecer, para não ficar pensando, porque se eu vou ficar pensando, ficar lembrando tudo, vai ficar difícil para mim. Não vai conseguir trabalhar direito, não vai conseguir fazer minhas coisas.

Em vista disso, pode-se relacionar que para Mohamad o trabalho serve como recurso para lidar com as lembranças difíceis e para tentar superar os obstáculos apresentados pela nova cultura. Isto de certa forma indica sua capacidade de resiliência pois, ao trabalhar, desenvolve comportamentos adaptativos que o fazem suportar o sofrimento e se reorganizar para viver uma nova vida em um novo país.

Além do trabalho, Mohamad diz que viaja para conhecer outras cidades e costuma sair com amigos brasileiros para passeios na cidade de São Paulo. Afirma que por uns quatro anos ficou trabalhando muito para conseguir dinheiro e enviar para os familiares na Síria, e que por isso não tinha oportunidade e condição de realizar atividades de lazer. Mas agora que alçou suas conquistas, pagou sua dívida com as pessoas para quem devia dinheiro na Síria, conseguiu trazer dois de seus irmãos para o Brasil e ajuda os pais que lá ficaram, pela primeira vez pediu para tirar férias. Deseja conhecer melhor a cultura brasileira e aos poucos está descobrindo o que as pessoas fazem aqui.

O bem-estar demonstrado por Mohamad pode estar vinculado ao resgate de antigos significados de vida e apropriação de novos possibilitados pelo trabalho e pelas amizades brasileiras recém-estabelecidas que o ajudaram a estruturar o seu cotidiano.

Por outro lado, quando perguntei a Rahaf sobre o seu dia-a-dia, ela respondeu que não tem rotina, que não "faz nada", que todos os dias fica em casa cuidando das crianças. Diz que quando o seu marido não trabalha nos finais de semana, às vezes vai para casa do cunhado, para o parque ou até o shopping mais próximo. Não tem amigas brasileiras e diz que tem apenas uma amiga síria que encontra na mesquita aos domingos. Ocasionalmente elas frequentam a casa de uma e da outra.

Rahaf diz que o momento de maior tristeza, os episódios de choro, "já passou", pois, segundo ela, não tem como ficar três anos chorando. Manifesta uma impotência

do que pode fazer em relação aos seus desejos, já que voltar para a Síria é difícil, e nos outros países em que seus irmãos estão não é permitida a entrada de sírios.

Na ocasião em que lhe foi perguntado sobre sua vida e rotina no novo país, Rahaf reflete pouca satisfação pessoal, em que a ausência de uma integração cultural provavelmente tem tido impacto em sua autoestima e dignidade. O fato dela não trabalhar extradomiciliarmente e não ter vínculos significativos no Brasil atesta a ausência de uma rede social que funcione como apoio para sua adaptação à nova vida. Sem dúvida, esta rede contribuiria para a diminuição de seu sofrimento que também resulta de uma condição de desenraizamento social.

A dificuldade em reconstruir laços sociais e o mal-estar na transmissão dos valores e histórias se dá por ela estar vivendo uma experiência de circunstâncias que são impróprias às suas vontades (ROSA, 2012).

Esta experiência da participante pode-se associar ao desenraizamento dos significados sociais e culturais considerados próprios do fenômeno de imigração (FALICOV, 2011): o modo como sustenta suas relações com os outros a partir do rompimento de significados construídos na Síria; como constata o isolamento social experimentado aqui (não trabalha; não tem amigos; tem alguns familiares, mas, por morar longe eles, tem pouca convivência com os mesmos); e como sua história pessoal é confrontada com a percepção que tem da realidade e dos relacionamentos no novo país em que se encontra.

Algo que está presente diariamente na vida de ambos os participantes é preocupação diária com os familiares que ainda permanecem na Síria. Eles relatam que a saudade é grande e a apreensão também, e temem pela segurança de seus entes queridos. No caso de Mohamad, ele também se sente responsável por manter financeiramente seus familiares.

Como preocupação é muito grande e longo. Faz seis anos, cinco anos que estou aqui. Todo dia você fica pensando. Não quero aquele liga para mim "fulano morreu". Fica com medo. Dorme, acorda todo dia "meu Deus. Deus me ajuda. Ajuda minha família fica tudo bem.

Para amenizar esta situação, ambos se comunicam com os familiares da Síria pela internet, mas dizem que não é a mesma coisa que estarem pessoalmente com eles. Mohamad conta que tem um aplicativo que o mantém informado diariamente sobre a situação da guerra. Relata que um dia quis apagar o aplicativo, mas que não conseguiu ficar nem três horas sem ele. Esta preocupação intensa pode estar

relacionada ao sentimento de angústia pela perda da convivência com estes familiares, pelo afastamento de seu país e da rotina de vida que lá mantinham e, sem dúvida, por terem consciência do alto risco que estes familiares que se mantiveram na Síria correm todos os dias.

Em relação às tradições e práticas da cultura Síria no Brasil, os dois mantêm tradições em relação a questão religiosa, música e comida. Mohamad diz que no restaurante costuma oferecer um brinde aos clientes sempre que estes efetuam uma compra, e que isto é algo que praticava na Síria.

Quanto à apropriação de práticas e tradições brasileiras em seus cotidianos, Mohamad diz que em casa, como mora com seu irmão, sempre cozinham comida árabe, mas que come comida brasileira (arroz, feijão) todos os dias no trabalho, e que gosta de escutar música e assistir televisão brasileira para aprender mais sobre a cultura.

No entanto, Rahaf, diz *“aqui tudo árabe...comida árabe, não comida brasileiro. É árabe. Só ali fora é Brasil, aqui comida árabe, roupa, religião. Tudo árabe”*. Contudo, em nossos encontros para a orientação sobre as fotografias e para a realização da entrevista foram apontados elementos referentes à cultura local. Primeiramente, o fato de um dos seus filhos ter nascido aqui; e, no final dos dois encontros que tivemos, a oferta do café que ela própria fez e me ofereceu. O café é algo tradicional na cultura brasileira, prática que até é reconhecida por Mohamad quando ele diz: *“hoje em dia, quase brasileiro, se não toma café de manhã, eu não acordo”*.

Para Rahaf, além do café, dentre as fotos que ela tirou e selecionou para mostrar, duas são de seus filhos "brincando de feira" dentro de casa. Quando questionada sobre o motivo de ter tirado aquelas fotos para expressar a sua condição de refugiada, respondeu que a feira é algo próprio do Brasil e que não existe na Síria, sendo que quando os filhos veem a feira próxima de casa querem fazer igual. Conta que todos os sábados eles vão à feira.

Aqui vemos duas vivências distintas. Enquanto Rahaf resiste a qualquer forma de assimilação e apropriação de elementos da nova cultura, tentando manter intactos os seus hábitos culturais⁶, Mohamad busca prosperar na cultura que o acolheu, assimilando e reconhecendo elementos desta cultura em sua nova vida.

⁶ E não se dá conta da assimilação que já está ocorrendo quanto a elementos da cultura brasileira.

Segundo Rosa (2012), diante da condição involuntária em que os refugiados se encontram, o estado de vulnerabilidade se intensifica quando chegam em um novo país, pois precisam buscar trabalho, aprender uma nova língua, conseguir uma moradia e permanecer neste novo meio a fim de tentar reconstruir suas identidades.

Portanto, a diferença da língua desde o início é uma barreira que deve ser ultrapassada para que os refugiados obtenham uma definitiva integração e participação no país que os acolheu.

Como esperado, a questão da nova língua como barreira linguística foi algo que se apresentou nos dois casos, mas em proporções e situações diferenciadas. Mohamad diz que a primeira coisa que pensou quando estava a caminho do Brasil foi que aqui se falava outra língua, e, como dito anteriormente, no início, tinha dor de cabeça ao ouvir as pessoas se comunicando em português. Ele conta que aprendeu a falar português sozinho por conta do seu trabalho e que se esforçou para aprender. Hoje em dia não considera mais um problema a questão da língua portuguesa.

Por outro lado, para Rahaf a nova língua é a principal dificuldade que existe, principalmente porque o seu filho mais velho está frequentando a escola e ela não consegue estudar com junto com ele e ajudá-lo nos estudos. Isto é visto como um problema porque diz que os filhos precisam das suas mães para auxiliá-los: *“medo depois Mohamad [o filho] grande, eu não sabe estudar pra ele”*.

O pequeno entendimento que Rahaf tem da língua portuguesa aprendeu sozinha, escutando na rua. Ela afirma que não tem disponibilidade de horário para fazer um curso porque tem que cuidar dos filhos.

Quando pergunto das semelhanças e diferenças entre o Brasil e a Síria, Rahaf diz que são países totalmente diferentes em relação à língua, à comida, às roupas, à religião e ao tamanho territorial. Não identifica nenhuma semelhança entre os dois países. Exemplifica com a questão da troca de papéis masculino e feminino. Na Síria, diz ela, a família mora toda junta e o pai é quem faz as compras da casa, é quem faz praticamente tudo, sendo que no Brasil é ela quem faz as compras da casa e leva as crianças para o médico.

Por outro lado, mesmo afirmando haver muitas diferenças, Mohamad reconhece algumas condutas ou hábitos que considera parecidos com os da Síria, como o fato das pessoas serem trabalhadoras que nem eles, respeitarem o próximo, serem educadas quando alguém os cumprimenta na rua, e, quanto à religião, diz que

conversando com as pessoas daqui percebe que o “medo de pagar depois” quando se comete algum erro⁷ existe e é igual tanto no islamismo quanto no catolicismo ou outras religiões cristãs do Brasil.

Em alguns momentos da entrevista, ele demonstra pelo seu discurso ter um forte contato com a cultura local que busca assimilar como sua:

Brasil é igual Síria para mim, meu país mesmo, porque eu nunca fiquei triste aqui, e nunca alguém falou mal para mim.

Hoje em dia eu não tô achando que eu tá em um outro país, eu tá no mesmo meu país. De respeito, o pessoal todo mundo gosta de mim e eu não tem mais medo. Não tem mais preocupação para conseguir fazer alguma coisa aqui. Que acho que passou do começo.

Ao minimizar as diferenças culturais e étnicas ao dizer que “aqui é o seu país”, Mohamad demonstra certa identificação com a cultura do país que o recebeu. Destacar os aspectos de sua cultura de origem que segundo ele apresentam semelhanças com a cultura brasileira é uma tentativa de se integrar ao novo país e criar um vínculo com os brasileiros.

- **O FUTURO**

Não sabe quanto precisa tempo acabar guerra, não sei. Só Deus sabe.
(Rahaf)

Ao falar do futuro e de seus planos, Mohamad se mostra muito feliz por ter conseguido ajudar alguns familiares a virem para o Brasil e também por enviar ajuda àqueles que permanecem na Síria. Afirma que pensa em constituir uma própria família, ter sua casa própria e seu trabalho, afirmando querer ter o seu próprio negócio aqui em São Paulo.

Por sua vez, Rahaf quer que o seu filho mais velho se naturalize brasileiro, pois isto lhe permitirá a entrada em outros países como o Egito, onde algumas pessoas de sua família estão morando. Mohamad expressa mais claramente o desejo de permanecer no Brasil.

O desejo de obter a naturalização brasileira evidencia a condição de refugiado que ainda é a que eles experimentam. Sem dúvida, esta condição parece ser experimentada como um estigma, levando-os à necessidade de afirmação de uma nova identidade, diferente daquela que mantinham em seu país de origem.

⁷ No sentido entendido no Brasil como “pagar pelos pecados cometidos”.

Especificamente sobre este aspecto da naturalização, os discursos de ambos dão a entender que as diferenças entre os brasileiros e os sírios se resumiriam a aspectos burocráticos e jurídicos que se resolveriam com o tempo. Neste caso, desaparece referência à origem síria e à sua memória histórica dos elementos que o definiam anteriormente.

O retorno para a Síria é visto de maneira diferente pelos dois entrevistados.

Mohamad quer voltar apenas para visitar seus familiares e amigos. Pensa que o retorno após ter recomeçado a vida em outro país e algo difícil, e, mesmo se a guerra acabar, que a Síria irá demorar para se reconstruir. Além disso, pensa que se está feliz aqui, se conseguiu o que almejava, não tem motivos para voltar.

O Brasil ficou na minha vida, também. Ficou na minha cabeça. Hoje em dia muito pessoal pergunta para mim "você volta?" Eu volta, mas acho que não vou conseguir ficar lá. Eu saí triste de lá. Assim, ficou com raiva. Mas não é de meu país, é com raiva de que tá acontecendo lá. Quando você perdeu coisa, também, fica mais difícil. O cabeça fica mais fechada para resolver.

Rahaf tem uma opinião diferente. Diz que espera a guerra acabar para voltar. Considera que na Síria é melhor para ela, para seu marido e para os filhos, expressando não quer ficar a vida toda aqui no Brasil. Afirma que, caso a guerra não tenha acabado e seus filhos já estiverem maiores, irá buscar um trabalho aqui, mas salienta que a única coisa que realmente espera é que a guerra acabe.

O desejo de retorno expresso por Rahaf pode estar vinculado a diversos fatores, como o isolamento, a barreira linguística, a ausência de uma rede de apoio social e familiar, e pela dificuldade de encontrar referentes socioculturais e simbólicos que deem novos sentidos à sua vida, aspectos não notados no caso de Mohamad.

Sob este ponto de vista, além dos outros tipos de desenraizamento postulados por Falicov (2011) e discutidos anteriormente, podemos ressaltar também o desenraizamento físico, uma vez que Rafah demonstra tristeza ao se confrontar com sua vida atual no novo país, além de uma nostalgia da Síria, país com o qual tem profundas identificações e no qual, a despeito da situação pela qual passou e que seus familiares que lá estão ainda vivem, ainda lhe fornece a segurança de ser alguém.

Considerando a etnopsiquiatria praticada por Tobie Nathan e Marie-Roso Moro, mencionada por Borges (2013), diante do exposto, podemos pensar que a

comunicação do mundo interno (mundo psíquico) com o mundo externo (cultura) de Rahaf se encontra ainda abalada. O rompimento abrupto que teve com seu país, sua cultura e seus familiares e amigos a envolve numa condição de sofrimento e numa falta de "lugar", o que dificulta o sentimento de pertencer ao novo país. Destarte, sua única vontade é que a guerra termine para conseguir voltar para Síria, a fim de obter o conforto identitário que a sua cultura de origem lhe proporciona.

Por outro lado, Mohamad demonstra com a sua história que esta comunicação entre os dois mundos citados, apenas ficou temporariamente abalada, sendo que atualmente ela já adquiriu novos sentidos que favorecem o processo de reorganização de sua identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, constatou-se a obrigatoriedade dos participantes de buscarem refúgio em outro país devido à guerra na Síria, país natal de ambos, que colocou suas vidas e de seus familiares em risco, causando neles grande insegurança de permanecer lá. A escolha pelo Brasil foi facilitada pela presença de familiares que já viviam aqui há muitos anos e pela legislação brasileira que propicia a obtenção de visto para os refugiados. Ambos os participantes agradecem o acolhimento do Brasil e dizem que são bem tratados pelos brasileiros com os quais convivem diariamente.

Esta condição extrema que os levou à decisão de fugirem da Síria e que implicou no distanciamento de seu país e dos familiares que lá permaneceram, gerou inicialmente uma condição de vulnerabilidade que se agravou quando chegaram ao Brasil, principalmente ao se confrontarem com diversas dificuldades, como aprender uma nova língua, buscar trabalho, encontrar moradia, etc.

Analisando as categorias trabalhadas neste estudo e a vivência de cada sujeito participante, conclui-se que os principais fatores que contribuem para a integração e adaptação da vida no novo país é a superação da barreira linguística, a construção de uma rede de apoio social, o estabelecimento de novos vínculos afetivos no novo país e a assimilação de novos sentidos socioculturais e simbólicos.

Para a realização desta pesquisa não houve determinação prévia de gênero e nem da origem étnica dos participantes, e acabou sendo uma coincidência que os participantes fossem um homem e uma mulher originários do mesmo país e pertencentes à mesma etnia e religião. Assim, traçando um contraponto das vivências de Rahaf e Mohamad, e a partir das análises feitas, lanço como hipótese que o processo de adaptação de um refugiado a um novo país também envolve questões atreladas ao gênero tanto na cultura do país de origem quanto na do país de acolhimento, permitindo pensar que provavelmente esta variável também seja relevante para futuros estudos.

Por fim, como o Brasil se mostra disposto a acolher refugiados, esta pesquisa é um convite a outros pesquisadores, já que constatamos haver poucas publicações referentes ao tema na literatura científica brasileira, e é de suma importância desenvolver uma compreensão aprofundada da realidade dos refugiados que chegam

ao nosso país para que possamos desenvolver projetos de intervenção que contribuam para evitar a perpetuação de impactos negativos sobre a saúde mental , não somente destas pessoas mas das futuras gerações delas decorrentes.

REFERÊNCIAS

- ACNUR. Tendências Globais sobre refugiados e pessoas de interesse do ACNUR (Agência da ONU para Refugiados). 2015. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/estatisticas/>>. Acesso em: 15 abr. 2016.
- ACNUR. “Refugiados” e “migrantes”: Perguntas frequentes. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/refugiados-e-migrantes-perguntas-frequentes/>>. Acesso em: 23 abr. 2017.
- ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR, 2016). Disponível em <<http://www.acnur.org/portugues/recursos/estatisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil/>>. Acesso em: 12 set. 2016.
- BORGES, M. L. Migração involuntária como fator de risco à saúde mental. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Brasília, Ano XXI, n. 40, p.151-162, jan/jun. 2013.
- CAMPOS, C. J. G. Método de Análise de Conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. Brasília. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 57, n. 5, p. 611-614, 2004.
- FALICOV, C. J. Migración, pérdida ambigua y rituales. *Perspectivas Sistémicas*, Buenos Aires, v.13, n. 69, p.3-7, 2001.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades - Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v.35, n.2, p. 57-63, mar./abr. 1995.
- GONDIM, S.M.G.; FRASER, M.T.D. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v.14, n.28, p.139-152, 2004.
- JUSTO, J. S.; VASCONCELOS, M. S. Pensando a fotografia na pesquisa qualitativa em psicologia. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, ano 9, n. 3, p. 760-774, 2009.
- KNOBLOCH, F. Impasses no atendimento e assistência do migrante e refugiados na saúde e saúde mental. *Psicologia USP*, v. 26, n. 2, p.169-174, 2015.
- MORAES, R. Análise de conteúdo. Porto Alegre. *Revista Educação*, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.
- MOURA, C. S. B. Crise Humanitária de refugiados: obstáculos e desafios existentes no Brasil. Disponível em: <<https://mhps.net/?get=273/moura.-crise-humanitaria-de-refugiados-obstaculos-e-desafios-existent-no-brasil.-pdf.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2017.
- NEIVA-SILVA, L.; KOLLER, S. H. O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 7, n. 2, p. 237-250, 2002.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. 3RP. The Regional Refugee & Resilience Plan 2015-2016 in Reponse to the "Syria Crisis". Disponível em: <<http://www.3rpsyriacrisis.org/wp-content/uploads/2015/01/3RP-Report-Overview.pdf>> Acesso em: 19 set. 2016.

PEREIRA, G. M.; BIZERRIL NETO, J. Refugiados no Brasil: estigma, subjetividade e identidade. *Universitas: Ciências da Saúde*, Brasília, v. 5, n. 1/2, p. 119-134, 2007.

ROSA, M.D. Migrantes, imigrantes e refugiados: a clínica do traumático. *Revista cultura e extensão USP*, São Paulo, v.7, p. 67-76, 2012.

ROSA, M.D.; DOMINGUES, E. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, v. 22, n.1, p.180-188, 2010.

SOUZA, R. M. de; MACIEL JUNIOR, P. de A.; KUBLIKOWSKI, I. Refugiados e os Desafios à Saúde Mental - Uma análise sob a perspectiva da Psicologia Clínica. In: PINTO, E. V.-C.; PERAZZOLO, J. R.; BARROSO, L. R.; SILVA, M. A. M. da; DE CICCIO, M. C. (orgs.). *Refugiados, Imigrantes e Igualdade dos Povos - Estudos em homenagem a António Guterres*. 1ed.São Paulo: Quartier Latin do Brasil, 2017, p. 731-741.

SCHWEITZER, R. D. et al. Mental health of newly arrived Burmese refugees in Australia: contributions of pre-migration and post-migration experience. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, v. 45, n. 4, p. 299-307, apr. 2011.

SCHWEITZER, R.D. et al. Trauma, post-migration living difficulties, and social support as predictors of psychological adjustment in resettled Sudanese refugees. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, v. 40, n. 2, p. 179-187, feb. 2006.

SILVA, M. B. D. da; CREMASCO, M. V. F. *Migração e Refúgio: contribuições da Psicologia*. 2015. Disponível em:< www.dedihc.pr.gov.br>. Acesso em: 2 abr. 2016.

APÊNDICES

Roteiro provisório da entrevista:

1. Idade:
2. Sexo: () Masculino () Feminino
3. Nacionalidade:
4. Há quanto tempo está no Brasil?
5. Grau de Instrução:
 - () Sem instrução ou ensino fundamental incompleto
 - () Ensino Fundamental
 - () Ensino Médio
 - () Ensino Superior
 - () Pós-graduação (lato ou stricto sensu)
6. Estado civil:
 - () Casado / união estável
 - () Solteiro
 - () Viúvo
 - () Separado / divorciado
7. Trabalho: () Sim () Não. Tipo de trabalho:
7. Tem filhos? () Sim () Não. Quantos:
8. Trabalho/Profissão (país atual): () Sim () Não. Tipo de trabalho:.....

A) Breve biografia

9. Como era a sua vida no seu país de origem? (Abordar questão de estudo/trabalho/família/política).
10. O que você pensa sobre seu antigo país?

B) A história do refúgio

11. Por que você deixou o seu país?
12. Por que veio para o Brasil? Como foi esta “escolha”?
13. Como foi o deslocamento do seu país de origem para o Brasil?
14. Como foi a chegada ao Brasil?

C) O presente no novo país

15. Como é o seu dia-a-dia em São Paulo?
16. Existem diferenças e semelhanças entre o Brasil e o seu país de origem?
17. Quais são as maiores dificuldades que você encontra em ser refugiado aqui?
18. Tem algumas tradições e práticas da sua cultura que você ainda mantém?
19. Quais são as suas principais conquistas desde que chegou aqui?
20. O que você acredita que mudou desde que chegou até o momento atual?
21. Por que você acha que estas fotos expressam a condição em que você se encontra como refugiado neste novo país?

D) O futuro

22. O que você pensa sobre o seu futuro? Tem projetos?
23. Pretende ficar aqui ou espera voltar para o seu país de origem?

Transcrição – Entrevistas

Legenda:

P – Pesquisadora

E – Entrevistado (a)

1º contato – 10/4 – 2ª feira – 14:00 - Mohamad - aproximadamente 41 minutos.

P: Como eu te disse, eu faço Psicologia na PUC, que é uma faculdade que fica aqui perto, em Perdizes, e eu estou no meu último ano, fazendo meu trabalho de conclusão de curso. O objetivo do trabalho é compreender a realidade dos refugiados a partir das suas próprias experiências. Como em toda pesquisa tem um termo de consentimento (mostro para ele). Você consegue ler sozinho ou precisa de ajuda?

R: Eu não leio tudo direitinho, porque eu não estudei até agora.

P: Tudo bem, então eu vou lendo com você e se você tiver alguma dúvida, você me pergunta, ok?

E: Tá certo.

P: São duas vias, uma vai ficar comigo e outra com você.

E: Certo

P - Leitura do termo de consentimento pausadamente para uma melhor compreensão do sujeito.

Observação: Enquanto eu lia o termo, ele ia assinalando com a cabeça, e falando “certo”, a cada pausa de frase, mostrando que estava compreendendo o que estava sendo dito.

- Assinatura do termo por ambos.

P: Então, nesse primeiro contato com você, vou fazer apenas 8 perguntas sobre alguns dados, , como idade, trabalho e etc, para se conhecermos, mas no outro encontro a gente conversa melhor.

E: Tá certo, melhor.

P: Quantos anos você tem?

E: Eu tenho 30 anos.

P: Ah, eu esqueci de te falar. Como nós garantimos o sigilo da sua identidade; na pesquisa, tem algum nome que você gostaria que utilizássemos para substituir o seu? Pode ser qualquer um...

E: Não. Meu nome mesmo.

P: Você não se importaria de se usar Mohamad, ou você não quer usar outro?

E: Eu não quero usar outro, porque eu gosto do meu nome.

P: Você prefere usar Mohamad então..

E: Aqui tem muitas pessoas, aqui no Brasil, amigos, primos, que falam, “ ai muda o seu nome, quando você conhecer alguém “, e eu falo que não vou mudar o meu nome. Porque, o meu nome é o nome do profeta, o profeta de nós, então Deus deu para mim esse nome e eu nunca troco de jeito nenhum.

P: Está bem.

E: Mas para você saber, eu não tenho nenhum problema, eu fiz muitas entrevistas, falei meu nome completo, de onde venho, de onde nasceu.

P: Mantenho Mohamad então.

E: Sim. Para mim, tudo bem, eu não tenho nenhum problema não.

P: Bom, vamos continuar. Você nasceu na Síria?

E: Sim, Síria.

P: Você é sírio então.

E: Sírio, Damasco, como eles falam.

P: Há quanto tempo você está no Brasil?

E: Eu tenho 4 anos e 10 meses. Vou completar agora dia 25 dos seis, 5 anos.

P: Entendi, em junho você completa cinco anos então. Lá na Síria, eu não sei como que é a escolarização, mas você terminou a escola? Ou estudo até quando?

E: No sete. Sexto e sete.

P: Sétima série?

E: Isso.

P: Você não chegou a ir para o colegial?

E: Não.

P: Você é solteiro, casado?

E: Solteiro.

P: Tem filhos?

E: Não. Nunca fui casado.

P: Hoje, no Brasil, qual é a sua profissão? Comerciante?

E: Sim, eu gosto de trabalhar com restaurantes, comida, lanchonete.

P: Aqui, o que você faz?

E: Aqui, sou o gerente daqui.

P: Você é o gerente do restaurante?

E: É, o restaurante é da minha tia né.

P: Sim.

E: Desde que eu comecei a falar bem, mais ou menos, ela deixou aqui para tomar conta, e aqui o pessoal, todo mundo, conhece o quando eu vem, não falava, e aí já acostumei com o cliente e com o funcionário. Graças a Deus, que todo mundo gosta de mim. Porque sempre sorrindo, sempre gosto de falar com outras pessoas. Esse é o mais importante para mim, que dá para mim, assim, eu não fico pensando, eu não estou no meu país. Isso me dá uma força para continuar a vida aqui.

P: Sim, importante. Você gosta de trabalhar aqui?

E: Gosto.

P: E você trabalha aqui desde que você chegou?

E: No primeiro ano eu fiquei um ano, vem para cá só para ajudar a minha tia. Não é assim, mas depois eu entrei quando ela viu, ela e o marido dela, viu que já posso começar o trabalho, já registrado, estou trabalhando direto. Faz uns três anos e meio que trabalho direto aqui.

P: Ah, bastante tempo já. Bom, que nem eu falei, hoje, seriam só essas perguntas. Agora eu vou te pedir, o seguinte, para o nosso próximo encontro. Aqui tem uma câmera, que eu vou deixar com você, que é assim, eu vou pedir para você, tirar fotos, pode ser uma, ou mais, que representem, para você, essa situação de refugiado aqui no Brasil. Como você representaria o ser refugiado. Não tem uma coisa fixa, você pode usar da sua criatividade, de como você gostaria de mostrar isso.

E: Entendi.

P: Você entendeu?

E: Uhum.

P: Mais ou menos? A quantidade de fotos não é determinada.

E: Para eu entender direito, eu vou tira foto de como é a vida minha aqui?

P: São fotos que você acha que expressam de uma forma mais próxima, essa vivência que você tem como ser refugiado aqui no Brasil, essa condição de ser refugiado.

E: Entendi.

P: As fotos podem ser da maneira que você quiser. Fotos que expressem essa condição de ser refugiado.

E: Entendi.

P: Agora vou te mostrar como funciona a câmera, ela liga aqui.

E: Certo.

P: Ela é bem fácil de usar, é automática. Para tirar foto tem que apertar aqui.

E: Ah, ela já tirou foto.

P: Tirou, se você quiser ver a foto, você clica aqui, se você quiser apagar, você aperta aqui.

E: Isso. Certo.

P: O flash é aqui. Caso você não se sinta à vontade de usar a câmera, e querer tirar as fotos de outra maneira, por exemplo, de celular, tudo bem, mas ela é fácil de mexer, fica tranquilo.

E: Tá certo. Eu tinha uma mais ou menos parecida com essa.

P: Que bom. Eu carreguei ela, então acho que não vai acabar a bateria.

E: Certo, como vai ficar desligada eu acho que não vai.

P: Sim, então é isso, no próximo encontro, você traz a câmera, nós vemos as fotos e nós conversamos mais.

E: Entendi. Uma, dois, três?

P: Quantas você quiser.

E: Mas foto que eu to aqui na foto ou eu tirar foto?

P: Pode ser, qualquer uma das duas, você que decide.

E: Mas é tipo de foto eu não entendi. Por exemplo...

P: Pode perguntar.

E: É agora você falou para tirar foto, mas que tipo de foto eu preciso tirar.

P: Você que vai escolher, as fotos podem ser de uma pessoa, podem ser de você, de alguma coisa, enfim... são fotos que você acha que representem a questão de ser refugiado.

E: Ser refugiado.

P: Sim, a sua vivência como refugiado.

E: Entendi.

P: Então não tem como eu virar e falar para você tirar foto disso e daquilo, porque eu não sou você, e você que tem essa vivência de ser refugiado.

E: Entendi.

P: Por isso, vou te dar um tempo, de uma semana, para você pensar e tirar as fotos.

E: Por exemplo, uma pessoa, uma família, que vem da Síria?

P: Pode ser.

E: Qualquer lugar?

P: O que você quiser.

E: Tá bom.

P: Pode ser o que você quiser, do que você quiser.

E: Entendi.

P: A foto é com você, é sua.

E: Certo. Vou pensar.

P: Lógico.

E: Tá bom então.

P: Você ficou com alguma dúvida?

E: Não, mas eu entendi mais ou menos a foto.

P: Fica tranquilo que não tem certo e nem errado.

E: Entendi. Não quero estragar o seu trabalho, quero fazer a sua entrevista certa.

P: Magina, fica tranquilo, não tem certo e nem errado, é o que você vai trazer da sua visão, da sua experiência, não tem alguma coisa pré-determinada.

E: Está certo. Não tem problema.

P: Bom, e quando você acha que podemos marcar o nosso próximo encontro?

E: Olha esse horário é bom na segunda.

P: Tá bom.

E: Muito bom, porque na segunda-feira, tá vendo? Não tem ninguém, mas os dias que tem mais movimento, quinta, sexta e sábado é mais cheio.

P: Entendi.

E: E depois do meio-dia para frente, uma hora, duas horas, fica tranquilo para sentar. Na verdade qualquer hora, mas essa hora é o melhor para mim. Eu não sei se para você também é bom.

P: Para mim está ótimo.

E: Tá certo.

P: Podemos marcar então, segunda-feira, às 14:30?

E: Não tem problema. Tá certo

P: E se tiver algum lugar para ficarmos lá em cima, seria melhor.

E: É, lá em cima não tem barulho. Eu arrumo um lugar lá em cima, mais tranquilo. Porque sempre foi entrevista minha lá em cima.

P: Ótimo. E você conhece alguém para me indicar para fazer a entrevista também?

E: Eu conheço muitas pessoas, mas também não sei se eles gostam.

P: Sim.

E: Agora tem meu primo, que também vem da Síria, faz um ano e meio e ele fez uma vez entrevista, mas não sei se ele gosta, mas vou perguntar pra você.

P: Ótimo, obrigada.

E: Tudo tem que ser jovem, saber falar?

P: É, a pessoa tem que entender um pouco de português, para eu compreender e ele também.

E: Claro.

P: Mas não precisa necessariamente falar muito bem.

E: Claro.

P: Acredito se a gente falar devagar, eles entendem e eu também.

E: É eles entendem.

P: Sim, mas pelo menos tem que estar no Brasil há três meses.

E: Três meses. Entendi.

P: E se você conhecer alguém...

E: Eu vou falar com o meu primo.

P: Sim. Ele tem mais de 18 anos?

E: Tem.

P: Ótimo.

E: Eu arrumo para você, vou pensar direito. Eu tenho uma cunhada também, ela tem 20 anos.

P: Legal, eu gostaria de entrevistar uma mulher.

E: Vou falar com ela. Você precisa terminar a minha e depois começar a outra, ou tudo no mesmo dia?

P: Não seria junto, mas pode ser no mesmo dia, depois que eu terminar com você, posso ter o primeiro contato com ela.

E: Sim, se você quiser, a minha cunhada tem 21 anos e ela fez uma entrevista também.

P: Interessante.

E: Mas não sei se ela vai ter interesse de novo, vou perguntar para ela.

P: Isso, pergunta para ela, aí na segunda-feira você me fala.

E: Tá bom.

P: Obrigada, vai me ajudar muito viu? E muito obrigada por ter disponibilizado esse horário no seu dia.

E: Magina. O primeiro pessoal que eu ajudei, assim que fiz entrevista, foi meu primo também.

P: Aé?

E: Sim, ele estudou, faculdade, eles pediram para ele, mas naquela época, eu não fala nada de português, eu fala árabe e ele traduzia pro pessoal que estava gravando. E depois aqui, como o pessoal conhece eu que cheguei da Síria, guerra, sei lá. Domingo aqui, só tem eu no caixa, e outro rapaz ali no balcão, e tava cheio, chegou uma mulher, senhora, com o neto dela, que também estuda faculdade, e ela disse “último dia hoje Mohamad, por favor”, eu falei, “eu faço o que você quer”. Eu não gosto do pessoal pedir favor assim, eu fico triste, eu falo, “eu vou ajudar você, mas eu vou aceitar fazer entrevista, mas se chegar pessoal, eu tenho que atender eles também”.

P: Sim.

E: Você para a gravação e eu vou. A gravação ficou duas horas, tadinho, mas porque tinha que sair e ficar voltando. Foi difícil, mas deu certo. Próximo dias que ele venho aqui, ele falava, Mohamad, eu agradeço muito, você me salvou. Eu falei, “eu não tenho problema”, e ele disse que “tava com vergonha de falar disso comigo”, e eu falei que “não to com vergonha da minha vida, eu falo da minha vida como foi, como eu sai, eu gosto de falar e mostrar pro pessoal”. Hoje em dia, você sabe...

P: E é bom que com as entrevistas, pesquisas, vai trazer ideias, conhecimentos, de como ajudar pessoas em situação de refúgio.

E: Sim, então, é isto que eu pensava, e além disso, tem o pessoal que por exemplo, fora você que sabe que tá crescendo lá, tem pessoal que não sabe. Tem pessoal que acha o presidente da Síria gente boa, e eu gosto de falar tudo, e mostra, a gente começou assim e já chegou nesse ponto. Ponto horrível. Morrendo crianças, e todo mundo olhando e ninguém tá ajudando. Tipo, para parar a guerra. Agora, Brasil, ajudou, todo sírio vem para cá, pessoal traz o passaporte, foto, vai, visto, e vai embora, mais fácil que outros países árabes que não tá ligando nada para a gente. Agora, se eu fosse viajar para Dubai, Qatar, eu nunca vou entrar lá, de jeito nenhum, mas aqui eu entrei, com visto de 30 dias, e depois fui na polícia federal, e falou, “você pode ficar aqui, a vida inteira, trabalha, faz a sua vida aqui”. Essa resposta deles, eu nunca vi, nunca vai ouvir lá em um país árabe, porque eu não sei porque são assim. Eles ajudam de comida, mas não vem no meu país, eu arrumo tudo para vocês, mas eu não ajudo vocês. Agora, tem países árabes bons, mas não é igual aquele, não tem para ajudar, que nem o Líbano, Jordânia, não tem dinheiro para ajudar os refugiados, quem tem dinheiro, ele manda, mas não ajuda para entrar no país dele, trabalha, fazer vida, fazer família. Aqui foi para mim, eu falo, Brasil é igual Síria para mim, meu país mesmo, porque eu nunca fiquei triste aqui, e nunca alguém falou mal para mim. Nunca alguém falou para mim, você de lá, você é terrorista, nunca teve isso. Por isso, quando o pessoal vem e fala que quer fazer entrevista, eu falo que posso fazer, e eu vou fazer, é isso. Eu gosto de fazer isso. Até aqui no restaurante, o bairro, religião é judeu né, e a gente é muçulmano, e muito do pessoal fala, “como vocês fazem, muçulmano em bairro de judeu, não tem briga?”. Eu falo, não tem briga, porque a nossa religião não fala, só você tá certo, não, a primeira coisa é que ninguém sabe quem tá certo, judeu, cristão, muçulmano, seila, tem várias religiões no mundo né. Mas porque eu vou machucar essa pessoa, porque ele não fez nada para mim, ai eu vou matar ele, mata pai dele? Não. E aqui no restaurante, tem metade de cliente, cinquenta por cento, tudo judeu. E na Síria, do Egito, e fala a minha língua, por que eu vou brigar com ele? Se ele fala a mesma

minha língua, porque eu vou? O pessoal fica olhando, nossa, as duas, um muçulmano e um judeu, mas lá ta brigando né? Não, mas Deus não é igual, cada um tem na cabeça. Eu, nenhuma coisa na minha religião falou, briga com ele, fulano briga com fulano, não, na minha religião, fala, não faça isso, não pode fazer isso, é isso mesmo. Aqui no Brasil, coisa mais legal que eu vi, você olha aqui no Brasil e vê, árabes, libaneses, sírios, egito, tem africano, tem boliviano, tem japonês, tem chinês, tudo, e você nunca ouviu falar, ah tem problema com japonês com chinês, ou coreano, porque é um país assim. Sempre foi assim.

P: É, tem pessoas de todos os lugares, é uma mistura.

E: É uma mistura, é grande o Brasil. Ajuda todo mundo. O povo aqui do Brasil é muito gente boa, maioria gente boa.

P: Que bom, fico feliz.

E: O pessoal hoje em dia, vem e fala, você vai voltar para lá quando acabar a guerra? Eu não, volto para visitar, mas ai nossa, não vou ficar mais aqui em São Paulo, no Brasil, sei lá, acho que eu não vou conseguir não. Não vou. Vou pro meu país visitar, mas quando você começa a vida nova em um país diferente do seu e volta para ele de novo, é difícil, aqui no começo foi difícil para mim, e como eu sentia, aquele triste, fiquei triste, fiquei sozinho, as vezes, longe de minha mãe, pai, mas eu lutei. Eu nunca falei outra língua, nem inglês, nem francês, nem português, nem espanhol.

P: Você está falando “super” bem português, eu estou entendendo tudo. Muito bom!

E: Sabe, essa coisa que eu agradeço do Brasil, o povo ajudou eu, porque que nem a gente fala, Mohamad fala assim, e eu fica travando, e você fala assim, assim. Então, você vai em outro país, tenho certeza que outros países não vai ficar igual eu passei aqui, eu tenho certeza. Eu tenho amigos, que foi para Alemanha, amigos que foi para a França, eles falam a vida deles, e é complicada, não pode fazer, não pode trabalhar, não pode sair, mas aqui pode fazer tudo, se você é certo, não tá fazendo mal para ninguém, não tá fazendo coisas erradas, ninguém vai chegar perto de você, ninguém, porque você tá vivendo nesse país, fazendo coisa certa, nunca fiz errado, e vai continuar a vida boa. Então, no começo eu fiquei triste, fiquei nervoso, às vezes, eu fico com dor de cabeça quando ouvi a língua daqui, mas depois eu falei, olha, você vai ficar aqui, não sei quanto tempo vai ficar, mas se você vai fugir, vai ficar, por exemplo, ficou com dor de cabeça e vai para casa, senta, entra no meu quarto, dorme, isso não é coisa boa fazer isso. Como você vai ficar aqui pouco tempo ou não sei quanto tempo, tem que aprender essa língua. E tem meus primos brasileiros, que nasceram aqui. Nunca pedi para eles me ajudar, porque se eu pedir ajuda, eu fala a língua, eu não vou aprender rápido, eu, foi aquela força, eu olho o pessoal, eu fico sentado na frente, aqui no caixa, olhando a pessoa falando, o que ele pegou na mão dele, então esse fala assim. Outra coisa, ela fez assim, então esse é aqui, copo, colher, prato, mesa, cadeira, eu aprendi assim. E todo mundo fala assim pra mim, pessoal árabe que mora aqui no Brasil, Mohamad, marca em um papel para você não esquecer, eu falo não.

P: Você tem uma memória boa?

E: Tenho uma memória boa, graças a Deus. Se eu marcar no papel, quando eu esquecer, eu vou procurar no papel, e não, eu procuro na minha memória, aqui vai ficar, nunca vai sair. É assim, aprendi.

P: Olha, impressionante.

E: Eu preciso estudar, hoje em dia, como foi correria nos primeiros anos aqui, eu preciso ajudar a minha família, eu mandava dinheiro, eu tenho que tirar lá, meu irmão e mulher dele, trabalhei bastante, horário extra, que a maior tempo desse, eu trabalhava, mas após isso, eu não pensava, preciso estudar, eu preciso passear, eu fui no praia, eu preciso fazer alguma coisa com pessoal brasileiro para conhecer cultura, essas coisas não passou na minha cabeça, hoje em dia, hoje, depois que eu ajudei a minha família, eu ajudei, eu vi família que tá tudo certo com eles, hoje em dia, to procurando a cultura brasileira, to descobrindo o pessoal faz aqui no Brasil, que eu sei, que passou 4 anos, só conhecendo esse casa, loja, trabalho, e a minha casa.

P: Você mora aqui perto?

E: É na rua Barão Tatuí, antes eu mora com minha tia, mas chegou primos dela da Síria e ficou com a casa cheia e fui e aluguei, claro, ela ajuda, paga comigo, nunca me deixou nada, mas nesse tempo que passou, eu viajei, conheci outras cidades, foi com amigos, eu tenho amigos brasileiros, mas não é tanto assim, igual as pessoas que vem para cá, vamos falar, não é refugiado, vem para ficar em outro país, fazer trabalho, só eu acho que primeira vez, eles vem passear, vem, conhece praia, conhece Fortaleza, sei lá, uns lugares e depois pensa que ele vai trabalhar né. Não, eu, pensei primeira coisa foi trabalho, porque trabalho vai buscar para você outras coisas. Hoje em dia, aqui no restaurante, todo mundo acha eu dono, jura por Deus, e eu falo, não, não sou dono, mas eles olham como eu trabalho, como eu cuida, e eles conhecem a minha tia, conhecem o marido dela. E olha, tem muitas pessoas, primos dele que venham, eu pedi para ele, passou o tempo, assim, eu fico cansado, fica 12 horas em pé, entra 9 e sai 21, depois das 21 vai buscar coisa no mercado, tomate, essas coisas, cozinha, e ele nunca colocou uma, ele fala, “procuro pessoal brasileiro para ficar com você, mas não vou colocar nenhum árabe com você, primo”, eu falo, “por que? “, e ele fala “ninguém presta”. Então, quando ele fala para mim assim, então eu dou conta, certo, eu nunca fui enrolado, sou, ficar sentado, isso que também me ajudou bastante. Graças a Deus. Eu pensei quando eu sai da Síria, eu tinha, vendo muito dinheiro, eu tinha uma loja lá, eu sou doceiro, faço doces, eu sai da escola, no sete, foi trabalhei, porque eu lembrava que meu pai não tem dinheiro, e eu quero bicicleta, chorei, três meses, e ele falou, “não tem dinheiro para isto, tem coisa mais importante para casa que isto, comprar bicicleta para você”, eu falei, “ah, já sei escrever, já sei falar, já sei fazer tudo na minha escola, então não precisa mais”, eu fui e trabalhei, tinha 12 anos, trabalhei em um loja de doces, que minha vó conhece o dono dela, e foi lá que trabalhei, comecei, primeira semana, entrei seis horas e saio as cinco à tarde, eu gostei.

P: Você que faz os doces daqui?

E: Hoje não, antes sim. Hoje em dia não tem mais tempo para eu fazer.

P: São bons esses doces ein, vou depois comprar uns para levar, kibe também.

E: Não, você vai comer agora, fica tranquila, vamos dar um brinde para você.

P: Não, não precisa, faço questão de comprar. E vocês tomam muito chá? Quando eu fui no Marrocos, as pessoas tomavam muito, sempre recebem o outro com chá. Achei bem interessante

E: Sim, chá preto. Eu comprei esses dias, um amigo chegou do Líbano e eu pedi para ele, chá preto. A gente come de manhã, por exemplo, pão sírio, queijo, queijo minas ou muçarela, azeitona, coalhada seca, essas comida de manhã cedo com o chá preto. Não é igual aqui com café, mas hoje em dia, quase brasileiro, se não toma café de manhã, eu não acordo.

P: Sou assim também.

E: Eu nunca tomei lá café, e aqui é mesmo. Lá é forte café, diferente daqui, não sei se você tomou no Marrocos.

P: Não, só chá.

E: É diferente daqui. Mas chá, pelo menos não faz mal à saúde, café faz mal.

P: Faz mal mesmo, se tomar muito, em excesso.

E: Agora lá tem, chá verde, que o pessoal toma para saúde, sei lá, é bom. Nós faz chá e hortelã seco, tem vários tipos de chá lá, tem o chá preto mesmo, mas eles coloca canela dentro, é bom.

P: Gostoso.

E: É muito bom.

P: Bom, então, nos encontramos na segunda-feira, às 14:30, na semana que vem.

E: Se Deus quiser.

P: Sim. Inshallah. É assim que fala?

E: Isso, Inshallah. Olha, você fala!

2º contato – 17/4 – 2ª feira – 14:30- Mohamad - aproximadamente 1 hora e 50 minutos.

- Mohamad senta na mesa com a câmera em suas mãos, e antes de começar a gravação, fala que esqueceu de tirar as fotos, mas pega o seu celular e diz que tem muitas fotos no celular.

E: Eu tem bastante foto.

P: Mas tem algumas fotos aí no seu celular que você acha que representariam para você?

E: Tem.

P: Tudo bem, se você acha que tem invés de estar aqui, estar aí, tudo bem.

E: Mando no WhatsApp.

P: Sim, pode me mandar depois, mas tem alguma que você prefere mostrar agora?

E: Eu quero perguntar para você que tipo de foto.

P: Que nem eu te falei, não tem certo e errado, você que escolhe.

E: Então eu tenho foto que é junta, eu, meu irmão, minha mãe e cunhada, e nós está em um passeio.

P: Da forma que você quiser, que é por exemplo, se você tivesse trazido as fotos aqui.

E: Eu esqueci, ontem à noite eu lembrei em casa.

P: Aí você ia me explicar o porquê dessas fotos. Se você quiser me explicar destas fotos aqui, tudo bem.

E: Vou mostrar uma e você fala se dá ou não.

P: Dá qualquer uma, você que escolhe.

E: Entendi.

P: Se você quiser, posso esperar agora você escolher alguma aí no seu celular.

E: Eu não sei, acho que essa vai ficar boa. Tenho bastante, tenho dois mil fotos aqui.

P: Tudo bem, você pode escolher uma ou mais de uma foto que você acha que representa.

E: É, tá vendo, tipo essa, minha mãe, cunhada e irmão mais velho, que estão no parque. Essa é na chegada da minha mãe, na primeira semana.

P: Legal. E porque você acha que essa foto representa para você essa questão do refugiado?

E: Porque eles tá feliz aqui, tá feliz, tá passeando junto.

P: E essa foto é aqui no Brasil?

E: É, no parque, zoológico. Tem outros que tem melhor que esta, eu acho

P: Você acha que essa foto representa para você essa vivência sua de ser refugiado, porque mostra, uma questão que tá todo mundo feliz na foto, família reunida.

E: Isso, porque eu que lutei para trazer eles para cá, entendeu?

P: Sim.

E: Quando eu olho eles feliz, eu fiz uma coisa boa para a minha família, porque desde que eu sai de lá, minha mãe, tipo falei eu pra ela, vou ajudar eles, eu falei, “ó eu vou sair agora, eu não sei o que tá esperando eu lá no Brasil”. Claro, minha coisa que veio pro Brasil, que minha tia aqui, agora penso de outras pessoas que vem sem ninguém, não conhece ninguém, aí vai ficar difícil. Agora minha mãe, minha tia tá aqui, ela me ajudou bastante, até eu começar a falar, começa a trabalhar, ficou fácil aqui para outras pessoas, outras pessoas vem, não conhece ninguém, não fala língua, não sabe onde ele vai morar, não sabe onde ele vai começar a trabalhar. Então, mas mesmo assim que assim, tipo, eu fiquei direto, porque todo dia a noite, primeiro ano, eu penso, vou trazer meu irmão, porque perigo pra ele ficar lá, mulher dele, criança. Depois eu vou traz minha mãe, a irmã mais nova, é isso que aconteceu.

P: Este é seu irmão?

E: É o mais velho.

P: Essa é a sua cunhada...

E: Cunhada, e esse filho dele que nasceu lá.

P: E o outro?

E: E esse nasceu aqui no Brasil, acho que tem aqui uns 8 meses, 1 ano.

P: E essa foto foi tirada na semana que a sua mãe chegou aqui no Brasil?

E: É na primeira semana

P: Você que tirou essa foto?

E: Eu tirei. Tenho outras, que a minha mãe tava aqui mais tempo e a gente foi em outro passeio. É que quando o pessoal chega da Síria, nessa época de guerra, chega muito triste, chega cabeça deles, cheia de coisa, tipo meu irmão, tinha um ano e 10 meses que tá aqui, quando ele chegou ele veio muito assustado, muito triste, ele não era assim, eu lembro do meu irmão sorrindo muito, brincando muito, ele chegou com cara triste, preocupado direto, porque lá, tem amigos dele que ele perdeu, e tem meu primo que também ele morreu, caiu bomba, e foi ele procurar os corpos.

P: Nos escombros...

E: É, mas como a bomba bem forte, não tem corpo inteiro sabe? Então ele passou uns dias, que não dorme direito, que é coisas que ele viu. É ele chegou aqui, no primeiro dia que ele chegou, nos próximos eu já levei ele para passear, para esquecer, pra relaxar um pouco. Hoje em dia, ele tá vivendo aqui também, tá bem melhor que antes.

P: Eles todos estão morando aqui no Brasil já?

E: É, só minha mãe voltou para a Síria.

P: Ah sua mãe voltou, ela só veio te visitar então?

E: Voltou. É...por causa do meu pai e minha irmã que moram lá ainda

P: E essa foto foi quando?

E: Acho que aqui tá marcado, 25 de outubro de 2015. Tem bastante foto.

P: Tem outra que você que você gostaria de mostrar?

E: Tem essa aqui, sou eu e a minha mãe e filhos, três, mais novo, eu e o mais velho.

P: Sua mãe com você e seus irmãos.

E: É esse dia aí que eu pensei porque meu pai não tá com a gente ou minha irmã também, pra ficar a família inteira no foto. Eu chorei aquele dia também, porque minha mãe, essa é antes de minha mãe viajar, foi em Ilhabela, que eu pensei, porque não a família inteira junta, a foto fica mais bonita.

P: É e não tem todo mundo.

E: É, mas tem hoje em dia tem o WhatsApp, tem Skype, a gente conversa, vê todo dia.

P: Muito linda essa foto.

E: Essa foi em 2015 também, 15 de novembro. Eu não sei de verdade se tá certo a foto.

P: Está certo, é isso, que nem eu te disse, você poderia trazer o que você quisesse. Como te disse, são fotos que representem para você, essa vivência de ser refugiado. Eu não posso determinar como tem que ser a foto, porque eu não tenho essa experiência de ser refugiada.

E: Entendi. Eu gosto de apresentar, eu gosto de mostrar a gente, quando tá saindo de um país que tem esses problemas, essa guerra, tá saindo de lá triste. É melhor te apresentar um refugiado, a gente, em um outro país, feliz, porque se você vai mostrar um foto, tipo, eu tá na Avenida Paulista, mas eu to triste, fala que não to gostando. Por isso eu tiro a foto e fica até tirar foto, fazer as vezes, guardo, tira foto no celular, coloco no meu quarto para ver. É melhor que você mostrar foto que o pessoal que ta no foto, se fosse eu e minha família feliz, que ai significa que eles tá tranquilo aqui, tá legal, tá gostando. Esse é o que pensa, mas agora tem outros tipo de pessoal, eu tenho amigos árabes aqui, a gente encontra na mesquita com o pessoal, pessoal chegando na Síria, eles tira foto que eles tão machucados, as crianças, ou o pai tá com menos perna, braço. É, dá dor, mas como você tá vivendo aqui no Brasil, tem que mostrar melhor foto que você tirou aqui né.

P: Sim

E: Eu acho isso, agora eu tenho muita lembrança, tipo, aqui esse foto é um cantor de sertanejo, meu primo que é brasileiro conhece ele, me chamou para um show deles, e até estamos com a mesma...

P: Ah, a camisa.

E: É, e o cara ficou feliz que “olha, você é igual mais ou menos minha camisa”.

P: E esse dia foi legal pra você?

E: Foi, foi aqui no centro, bar Brahma chama.

P: Sei. E você conhecia música sertaneja?

E: Eu conhecia por causa do meu primo porque eu passei com ele as vezes, assim de noite, ele me chama para ir com os amigos dele, escuta no carro dele. Aqui no meu trabalho, eu escuto minha música, de lá, mas aqui no Brasil, a música, como muda as palavras as vezes na música, para eu não escutar errado, eu uso a palavra que eu escutei na música, dá erro, dá problema. Mas eu gosto, eu escuto, eu assisto tv brasileira para aprender mais, para ver a cultura, mas é legal também, eu gosto. É isso aí.

P: Entendi, gostei dessa foto também. Esse show que você foi, na foto, foi em 2015 também?

E: Esse acho que não... é 2015. Tem fotos porque quando eu cheguei aqui, não tinha celular. Tudo mostra que tá 2015, porque quando mudei, tinha um celular, tinha o chip e mudei pra esse, porque eu lembro que esse não é 2015 (outra foto), é 2013. Foi no Natal, no negócio do exército, a gente parou com o carro, foi com amigos, e tem essa aqui também, uma mais antiga, primeira virada de ano, cheguei em 2013, virada de 2013, de branco.

P: Aonde?

E: Em Santos, essa é a tarde, e a gente esperou até a noite para ver os fogos lá. Primeira virada aqui no Brasil, de branco, porque minha tia falou para colocar roupa branca que a gente vai.

P: É aqui temos este costume de usar branco no Ano Novo. As fotos são muito bonitas, gostei de ver a sua família.

E: É também. Eu tenho foto mais com minha família, tem amigos brasileiros, meninas, sei lá. O povo aqui gosta de tirar foto.

P: Gostei. Era isso mesmo Mohamed, você mostrar fotos que representam melhor essa experiência de ser refugiado.

E: Eu acho que é melhor foto que tem família, com minha família, que quando você quer fazer uma coisa, e consegue depois, você tem que ter uma lembrança que você, esse dia que eu juntei minha família comigo aqui, que eu tava querendo eles vem. Até esse ano, ano passado, que tava eu fazendo muita coisa pro meu pai vir, mas ele não quer. Até aqui pedi visto pra ele, e eles aceitaram, demorou um pouco de sair o visto, mas no fim saiu. No último momento ele falou, “eu vou”, ai demorou um pouco o visto e ele mudou de novo, porque ele saiu de trabalho dele lá, esperou um mês, e tava o visto, o pessoal daqui falou que três meses demora pra sair, eu não falei pra ele, para ele ter mais paciência pra esperar, ai demorou, demorou um

mês, ele não gosta de ficar sem trabalhar. No dia que minha mãe falou, “não tem jeito, seu pai não vem mais”, eu falei “tá bom”, ela ficou chorando que quer voltar para ver minha irmã, a mãe dela tá viva também, as irmãs dela tá lá, todo mundo. Eu falei, “tá bom”, não chora mais, eu vou comprar passagem de você, mas quero que você saiba, que estou fazendo coisa, que não quer fazer, nunca pensei em fazer, comprar passagem pra você voltar pra lá, mas como você está pedindo, eu vou fazer, mas por mim eu não vou fazer isso”. Eu comprei a passagem dela, acredita que eu hoje comprei passagem dela, próximo dia, saiu o visto do meu pai, mandaram no e-mail que “aprovado o visto dele, tá no Líbano, no Consulado Brasileiro, pode lá, deixar seu pai ir lá, pega, só coloca no passaporte e vai embora”. Eu comecei a falar a noite inteira com meu pai, “pai o visto saiu, eu comprei a passagem pra minha mãe, mas eu consigo mudar pra você”. “Não, não quer, de jeito nenhum”. Olha, mas a coisa que foi, Deus, depois minha mãe voltou de uma semana, meu cunhado, o governo pegou ele pra exército, mandaram ele pro exército, pegou na rua e levaram ele para o exército. Se minha mãe não voltou, a minha irmã vai ficar sozinha, porque meu pai trabalha, ela fica sozinha em casa com duas crianças, e lá é perigoso, ficar mulher sozinha em casa com essa guerra. Minha mãe falou “depois de uma semana eles pegaram o seu cunhado, ainda bem que voltei”.

P: Pra ficar com a sua irmã.

E: Olha, coisa que Deus mandar, é diferente do que a gente quer, sempre a gente quer coisa que a gente pensa, mas as vezes não dá certo o que você está pensando pra família.

P: Sim. E lá como era a sua vida na Síria, em Damasco?

E: Damasco, isso. A gente de verdade, que a gente morava no interior de Damasco, mas não é longe assim, longe 10 minutos de ônibus do centro. A gente morava em um bairro bem legal, quem mora lá no mesmo bairro tem mais de quinze primo, uma é irmã de minha mãe, outro é irmão do meu pai.

P: Família morava tudo lá perto então.

E: É perto, um bairro que não tem muito prédio assim, tudo casa. A gente sempre lá, na Síria, foi sempre você pergunta pra qualquer pessoa da Síria que mora nesses bairros, você não tem vizinhos, não chama vizinhos, parece tudo família, você sente todo mundo junto, que alguém deu problema eles vai ajudar. Então, eu nasci em um bairro que nunca achei pessoal diferente na minha família, acha tudo igual, criança que brinca, parece tudo igual, parece meus irmãos, meu primo. É a gente morava lá no interior, que meu pai quando ele morou lá tinha só dois casa no bairro inteiro, o resto tudo terra, sabe? Tipo, o pessoal faz lá fruta, tomate, roça, como se diz aqui. Depois, começa aumentar as casas, vem meu tio, vem minha tia, vem fulano, vem pessoal normal fora de família foi morar lá também, ai ficou aumentando o bairro. O mundo todo, pessoal mora lá, sabe que meu pai e outro rapaz, outro homem que mora, são mais antigos no bairro, aí eles vem e perguntam para eles uma coisas, meu pai trabalha como enfermeiro, ai alguém machucou, o filho dele vem, “fulano mora lá, ele é enfermeiro, vai ajudar”. Então, eu nasci lá, meu irmão mais velho nasceu na cidade, em Damasco.

P: No centro?

E: No centro, com meu pai alugando. Eu e minha irmã nasceu e irmão mais novo, nasceram nessa casa.

P: Você é o filho do meio então? Tem um mais velho...

E: Tem. É assim a gente, tem um mais novo, 18 anos, de 1999, depois eu no meio, e tem minha irmã mais velha um ano, e meu irmão mais velho que é mais velho que minha irmã um ano.

P: Entendi. Ele tem 32, ela 31, e você 30.

E: Isso, exatamente.

P: E todo mundo morava nessa casa que você contou?

E: Isso.

P: No interior. E a escola era por lá?

E: A escola perto de casa, que a gente até lembra eu, quando a gente estudava, ficava chovendo e tem uma terra, não tem rua.

P: Não tinha asfalto...

E: É, não tem, a gente vai limpo e volta tudo sujeira de terra, é perto era. Eu estudei até seis e eles muda a escola, escola fica mais longe um pouco, mas tudo em 10 minutos a pé você chega. Aquela época só tem a de público. A gente estuda bem né, até 6º eu tenho notas muito boas.

P: Você estudou até a sétima série né?

E: A sete, quando mudei pra outra escola eu parei, quando fui trabalhar.

P: Entendi, que seria a oitava.

E: Isso, terminei a sete.

P: E você trabalhava com o que lá? Como que era?

E: Olha, quando eu sai da escola no sétimo...

P: Você comentou que você foi trabalhar em uma loja de doce.

E: Sim, mas antes eu fui pra casa e falei pro meu pai, “não vou estudar mais”, ele falou “você sabe a sua vida né”, mas como ele viu eu falando que quero trabalhar, ele gostou.

P: Você tinha 12 anos?

E: Tinha 12. E ele não ficou na minha frente, falou não, tem que voltar a estudar, quem ficou foi a minha mãe, “tem que estudar”, e eu falei, “mãe eu já sei fazer tudo, já sei fazer conta, já sei escrever tudo, não precisa”. Naquela época eu pedi coisa

pro meu pai, mas meu pai não tem dinheiro, a gente na nossa casa que a gente morava, só tinha um quarto arrumado e a cozinha, o resto da casa ainda falta muita coisa pra fazer, não tinha piso, não tinha tinta, não tinha ventilador, coisa tudo simples.

P: E morava todos seus irmãos e seus pais?

E: Tudo, isto. Um quarto só, porque não tinha outros, tem que arrumar, tem que fazer, ainda falta muita coisa, porque meu pai, a história dele é parecida com meu, mas meu pai trabalhou com o meu vô, mas meu vô era muito grosso, não dava dinheiro pra filho dele, ele tinha uma empresa de couro, mas eles não fabrica a jaqueta, ela é só prepara o couro e vende?

P: Sei. Faz a tintura do couro.

E: É, eles limpam o couro do boi ou de vaca, arruma, prepara e manda para a fábrica para fazer. Ele era muito rico também, dava pra comprar para todos filhos dele, casa, mas ele separou da minha vó e casou com outra, outra que deixou longe de família dele. Então, meu pai quando via, o tempo tá passando, ele não tinha nada, ele saiu, deixou o trabalho do pai dele, e foi trabalhar no hospital, mas entrou no hospital como um cara que faz limpeza, e lá encontrou com o médico, a história dele é longa também, mas o médico gostou dele, ele falou “vou mandar você fazer curso de enfermeiro”. Meu pai tinha 30 anos no hospital, o chefe do hospital fala “você é uma coluna no hospital, se você for sair, vai cair um pedaço”, porque ele trabalha direito, trabalha bom, até que ele trabalhava dois horários, saia sete da manhã, e volta cinco à tarde, fica até 19:30 e volta de novo, vai para outro dia, para voltar pra casa. Eu lembrava, tinha 12 anos, acho que 10 anos, quando eu estudava, meu pai só via ele de sexta-feira, que é feriado, para ele descansar, o resto dos dias a gente não via ele, a gente dorme e ele não vem ainda.

P: Trabalhava muito.

E: Trabalhava para aumentar a casa dele. Eu coloco uma coisa na minha vida, que como meu pai fez vida dele sem ajuda de ninguém, não tinha nada de dinheiro, ele juntou, fez, lutou, até eles minha mãe falava que quando ela tá grávida de meu irmão, porque eles mora na casa aluguel no centro, e eles vai no outra casa para fazer, eles não chama pedreiro, para pagar pra ele, eles faz, carrega areia, eles carrega o cimento, as pedras assim, e ela tá grávida minha mãe. Então, a gente nasceu em uma família bem simples, pobre, mas eles tem uma coisa bonita, eles lutam pra fazer. Eu sei que meu primo vai ajudar mas a gente não gosta, meu pai brigava com a gente, se a gente vai, lá tinha um loja, tipo mercado pequeno para comprar, se a gente não tem dinheiro, você não vai pra lá, nem pedir pro senhor, quando meu pai vai ver meu pai paga pra você, essas coisas não gosta. É, então quando eu falei pra ele que ia sair da escola, quero trabalhar, ele não ficou chateado, triste, ele falou “vai, vai seguir”, mas eu fiquei uns dois/três meses em casa, fiz problema pra minha mãe, briga com vizinho, criança, cada vez, vem uma vizinha, “ah seu filho bateu no meu filho, seu filho fez assim”, até chegou minha vó, mãe de minha mãe, ela tá em casa, e tava minha mãe gritando comigo, porque eu fiz uma besteira na rua, ela falou, “vem cá filho, minha vó, vamos, eu você para o centro”, eu falei “por que? Não quer”. Eu nunca tava indo pra centro, nunca conheci o centro, nunca. A mais coisa longe que é um bairro perto de centro, eu cheguei lá só.

P: Nossa, nunca tinha ido para o centro então.

E: Só vi no TV, então lá tem uma mesquita, eu tenho foto dela, depois eu mostro ali, é famosa, que é no meio de centro, tipo aqui a praça da Sé, ela é em um ponto do centro, ela falou, “vamos pra lá dar comida pra passarinho”, lá tem um passarinho, bastante, você leva comida e joga. Eu falei “tá bom, vamos”, eu fui com ela, mas eu não sabia onde ela tá levando eu, nós foi na mesquita, ficou umas duas horas, e na volta pra casa, ela passou em uma rua cheia de restaurantes, e lojas de doces, só negócio de comida e ela ficou conversando comigo, “olha o que você acha de um dia você ter esses lojas assim, de doces ou de comidas” e eu falei, “vó eu gosto de comida, eu gosto de fazer comida”, porque eu ajudava minha mãe a fazer comida lá em casa, eu tenho essa ideia na minha cabeça. Ai a gente entrou em uma loja, tinha um senhor, minha vó falou, “oi tudo bem”, “oi senhora como você está? Como o fulano?” Ele tá perguntando do filho dela, ela falou, “tá tudo certo, eu tenho esse neto, ele tá dando problema pra mãe dele, saiu da escola e ele tá ficando na rua, a gente quer ver ele fazer alguma coisa”, e ele olhou para mim, “e ai menino você quer trabalhar?”, eu falei, “eu quero”, “então amanhã, seis horas de manhã você tá aqui”, eu falei “mas eu não sei como chega pra cá”, minha vó falou, “eu vou explicar hoje pra você”, eu falei “tá bom”. E fui pra casa feliz, achei trabalho. Nessa idade você fica feliz por qualquer coisa, eu lembro quando o pessoal do nosso bairro tá carregando coisa, a gente vai ajuda eles, eles dão tipo dois reais, fica feliz, eu ganhei, mas eu trabalhei para ganhar, eu fiquei tão feliz, até dormi cedo, eu falei, amanhã vou acordar cedo, ai eu acordei e fui. Minha vó quando nós tava voltando, ensinou qual ônibus, onde eu vou descer, vou andar, foi difícil mas eu achei. Entrei, todo pessoal que trabalha lá maior idade que eu, todo de 25 para cima, 18, tudo gigante e eu aqui pequeno, primeiro trabalho que eles deu para mim foi lavar louça, as bandejas de doce grandes, mais pesada, a panela grande que prepara coisa de doce e lá tem tipo chefão pequeno, que ele segura os funcionários, tipo gerente de lá, mas ele trabalha com o povo, ele falou, “esse é o seu lugar agora, de lavar as coisas”, meu deus do céu, cada coisa gigante, eu chamo pessoal pra me ajudar, não consigo, uma panela grande e pesada e ai comecei, primeira semana. Lá a gente recebe por semana, a primeira semana passou e aquele senhor que é chefe, ele deu salário, pessoal recebeu, chegou eu, o mais último, “vem cá, o que você achou do trabalho?”, eu falei “eu gostei”, ele falou “não tá ficando cansado de lavar as coisas?”, eu falei “não, um pouco”, ele falou, “eu não quero mais ouvir esse coisa de você, de um pouco, você tem que ficar forte, esse primeiro coisa no caminho para você aprender”. E ele tá falando comigo parece um pai, tá explicando pra mim, parece que eu conheço ele faz tempo, e mandava a gente fazer as coisas de religião certa, chegou a hora de rezar, vai rezar, a gente reza cinco vezes por dia, até eles fala, final de semana a gente lê o Alcorão, nossas coisas de religião ou livro de profetas e ele vai pergunta pra mim e eu tenho que responder, então, uma casa, loja que eu entrei, ela não é só pra trabalhar, tem umas coisas legal, eu pensei assim legal, tô gostando, não vou sair daqui. Então, ele deu o salário pra mim, aquela nota eu nunca ganhei, cem libra, naquela época, cem libra parece cem reais sabe? Cem libra eu feliz escondi ela para não perder e fui pra casa, minha mãe falou “ah o que você achou do trabalho?”, eu falei “mãe é muito legal, não quero sair de lá, gostei muito”, ela falou, “ganhou dinheiro?”, eu falei, “sim, 100 libra, eu tô feliz”, falei, “mãe guarda pra mim, eu quero saber trabalhar, porque eu pedi bicicleta pro meu pai, fiquei chorando um mês e pouco, ele falou que não tinha, eu falei eu quero comprar a bicicleta, então guarda para mim, e ai continua trabalhando”. Fiquei nesse loja 4 anos, primeiro fase que eu fui lavando as coisas, louça, depois eles mandaram eu fazer a massa, põe quantidade de farinha, de manteiga, de açúcar e bate em uma

máquina, e cada fase tem um rapaz que passou primeiro igual eu, foi no louça, depois foi em outra fase, e depois foi para outro, então quando eu aprendo coisa eles manda o rapaz pra outra fase e eu fico na fase dele um tempão para aprender, quando o pessoal pergunta, “foi do zero?”, foi do zero em um primeiro ponto, porque só aprende doce mas vai no meio rápido, como eu comecei no coisa bem simples, limpeza, lava louça, depois foi pra massa, depois foi para fabrica, ai quatro anos eu cheguei no último, porque essa loja não do chefe, não é dele, é alugada, o dono da loja ele pediu um valor alto de aluguel, bem alto, como era no centro, e fora disso ele pediu a casa, ele quer a casa para ele abrir, então eles tem duas outra, mas não é em cidade no centro, mas em outro lugar, e o chefe falou, “pessoal nós não vamos conseguir continuar aqui por conta disso”, explicou tudo, e eles mandou eu para outra loja, mas quando eu esse dia para mandar pra outra loja, eu terminei mais ou menos 80% de fábrica de doce, conhece, já sei fazer, tudo na minha cabeça, na próxima quando eles mandaram é coisa que eu não conheço, ai eu comecei aprender mais, então eu cheguei até os 18 anos que tem lá o exército, tudo quando chega aos 18 anos tem que fazer exército, eu já terminei mais ou menos 90% de doces sírio e doce de nós lá.

P: Dos 12 aos 18 você ficou trabalhando na loja?

E: É, já sei fazer 90% de doce, faltou pouca coisa, mas eu consigo fazer, consigo resolver na minha cabeça e consegue fazer normal. Ai fui para o exército e sai.

P: Quanto tempo você ficou no exército?

E: Dois anos.

P: Aí você voltou e você estava trabalhando antes de vir pra cá?

E: Quando foi para o exército, como lá na Síria, como você tá vendo na TV, o exército de nós foi para matar outros e foi um problema grande que presidente jogou exército no meio de bagunça, então o pessoal tudo que vai para o exército perde tempo, você passou dois anos da sua vida, você nem ganhou, nem fiz nada, porque lá o exército tem que aprender tudo da guerra, tudo que vai fazer no guerra, mas tudo de nada, você fica tipo presa...presa. Para você ter que visitar a sua família tem que esperar três, quatro meses, eles dá folga de três dias e é difícil, o pessoal lá xinga você, enfim, você perde esse tempo. Eu sai de lá, maioria dos jovens da Síria, os homens que saíram do exército direto, ele pensa em casar, outros pensa direto em fazer negócio dele, fazer loja, abrir alguma coisa, quando eu sai ainda na minha cabeça que eu doceiro.

P: Já tinha 20 anos né?

E: É, já tem 20 anos e eu fui procurar trabalho de novo para voltar, guardar dinheiro e começar fazer alguma coisa, e foi difícil, não achava trabalho, foi no lugar onde eu trabalhei, tá tudo lotado, eles pediu desculpa comigo, “a gente sabe, mas Mohamad não tem, o trabalho diminui um pouco, não tem”. Porque no calor os doces da Síria cai um pouco as vendas, e aí eu fui ajudar meu cunhado, ele fabrica móveis, faz decoração de casa, de madeira as coisas, ele falou “para você não ficar sentado em casa, vai ajudar eu”, e eu falei “tá bom”. Melhor do que eu ficar sentado, pelo menos eu saí de casa, acho que fiquei um mês e depois eu fui com ele, eu tá ajudando ele,

a gente foi na casa de médico, aí chegou um jornal que você procura trabalho, aqui eu acho que no Brasil tem.

P: Tem.

E: Pessoal precisa de funcionários e coloca número, eu estava olhando, tava almoçando, aí eu achei onde eu tava, era também no interior, tipo Lapa sabe? Não é muito longe, é próximo de centro.

P: Outro bairro?

E: Isso, aí eu falei pro meu cunhado, "olha esse perto de nós, a gente tá aqui e é uma rua", ele falou "tá bom, a gente termina e vai lá", eu liguei para dar um reserva pra mim, o rapaz falou "eu fica até seis horas à tarde, se quiser passa e conversa e a gente tá esperando", aí eu terminei às 16:00, 16:30, e fui pra lá. Olha o surpresa que foi, o rapaz dono de fábrica, era uma fábrica para lojas, tipo uma fábrica de bolo e manda, era de tudo, fábrica de bolo, doce tudo, mas não tem loja pra comprar, só fábrica.

P: Era só para vender para os outros?

E: Isso. A gente entrou, meu cunhado olhou pro cara e falou "eu conheço você", ele falou "eu também conheço você", eles se encontraram no exército também, mas não época de deles. Aí "amigo como você tá? Lembra fulano, lembra que dia de última vez vê?", eu falei, nossa deu sorte para mim. Porque aquela época que eu tava procurando trabalho, difícil de achar, eu conheço, eu sei, é difícil, e ele falou "olha meu cunhado tá precisando, já trabalhou". Eu não... eu não gosto assim, calma, "olha eu conheço fazer isso, isso e isso". Lá é diferente daqui, o trabalho, quando você vende o seu trabalho, qualquer tipo de trabalho, doceiro, de comida, de coisas, eles fazem uma teste, igual aqui, mas as vezes quando você tem certeza do seu trabalho, você que fala pra ele, eu vou fazer teste pra você, eu vou fazer minha comida e você experimenta, e viu o modelo e você fala no fim se eu pode trabalhar ou eu bom de fazer ou não. Eu falei "eu sei fazer isso, isso e isso, eu sei trabalhar no forno, assar doce, eu consigo fazer em três fornos, consegue dá conta três fornos, eu sei fazer esse doce, esse doce", e ele "tá bom". Era quinta-feira, a gente lá, a folga da semana normal pública sexta, ele falou "sábado você vem e começa, uma semana, e a gente fala no fim da semana, se eu gostei ou não", e eu "tá bom". Aí eu entrei, no segunda, lá tem pessoal legal também, que o primeiro pessoal que ele tinha 35 anos, meu amigo até hoje, muito gente boa, aí começa a conhecer a pessoa, os nomes, o que eles fazem, eu comecei fábrica doce com eles, primeiro dia passou, segundo dia passou, terceiro, chegou até quinta, mas nesses dias que passou, aquele rapaz quer era gerente de lá, ele já tem amizade comigo, e ele tá feliz com meu trabalho, eu falei ah já tem garantia de fica trabalhando aqui, não tem como vou sair daqui. Chegou quinta-feira para receber, pra conversar com o chefe, chegou o chefe falou "ah Mohamad, você é diferente que passou na minha cabeça", eu falei "como assim?", falou "as vezes o pessoal liga pra mim, eles não aguenta um dia trabalho, eles não é aqueles pessoal que sabe fazer 100% do trabalho deles, mas você foi 200%, foi ótimo, foi legal", falei "olha, eu gosto meu trabalho". Quem gosta trabalho dele, não vai ter erro, ele vai trabalhar tranquilo, vai fazer tudo, sem erro. Eu falei "que você achou do meu trabalho?", ele falou "ótimo, eu não quero mais que isso, se você continuar assim você vai pra sempre", eu falei "eu vou continuar assim". Eu nunca mudei no meu trabalho, eu aprendi com o

peçoal, eles ensinavam pra gente a religião antes de coisas, pra gente não faz mal pra chefe, eu vi que uma coisa tá errada, eu aviso ele, eu não estrago a coisa e jogo fora sem ele ver, a gente aprendeu esse antes aprender fazer comida, ou fazer doce. Então esse confiança, a gente aprendeu na família e com o pessoal que começou trabalhar com eles, meu avó jogou num lugar muito legal pra eu aprender, minha vó sabe onde ela levou eu, levou em um pessoal, que eles modo de Deus, que eles faz a coisa. Porque quando você fazer comida, pra você tá em casa, você faz certinha, como você tá fazendo comida pra público, então seu sujeiro, põe coisas ruins, faz coisas estragadas, então eu como esse coisa. Então, essas coisas que eles explicaram pra gente, quando eu comecei aprender. Eu fiquei com esse cara três anos mais ou menos, não chegou a ter três anos.

P: Daí foi quando você veio para cá ou não?

E: Não, porque eu abri minha loja, eu fiz meu sonho lá.

P: Então você trabalhou três anos lá, até uns 24 anos?

E: 23...acho que 24. Porque tava rolando na minha cabeça, eu vou abrir minha loja. Trabalhando tranquilo, guardando dinheiro. Esse tempo que minha mãe tá falando de casamento, eu falei " mãe eu não quero agora", eu muito de mãe, sabe como muito de mãe? é assim, quando minha mãe vem pedi coisa, e ela fica triste, eu fico muito triste, eu quero fazer que ela quer. E ela ficou, ela e minha vó, em cima de mim "não...tem que procurar você casar, tem filho cedo pra sua vida melhor assim", eu falei " tá bom, procura pra mim". Ela começaram a procurar pra casar, e acharam uma. Lá a cultura é muito diferente, não tem namoro, não tem. O homem não pode chegar na mulher antes de casar, nada...nada, nada. Tudo tem cultura e diferente que pessoal sabe, as vezes fala " ah lá, o pai fala pra filha não, tem que casar com esse cara, não vai casar com outro", não, não existe isso, porque tem regras também, a menina pode falar não. Mas pouco pessoas que mostra pra outro mundo, ou pra mundo inteiro que tem isso, isso, não. Tudo errado, tudo tem que começar a seguir a religião, que Deus falou, que o profeta fiz na época dele. Então eles procurou, eu nunca vi ela na minha vida, não conhece ela, então o pessoal pergunta, "como vocês gosta? Como você vai ficar com esse mulher resto da vida?" Não, mas tem. Você vai conhecer ela, um dia que combina família de você, família dela, eles senta junto, conversa, eles dá tempo pra vocês dois conversar, conhecer que você trabalha, que você estuda, que você gosta de fazer isso, isso. Então, se os dois gostaram, aqui tem sentimento que eu senti aquele dia, que minha vó falou "quando você ver ela primeira vez, se você se sentir bem, fico tranquilo, quer ficar, quer conversar, então, mais ou menos dá certo, se você ficou assim preocupado, quer sair, então não tem nada sério". Eu fiquei nem tranquilo, nem preocupado, fiquei normal, parece que tá acontecendo nada comigo, eu tô aqui não sei por que. Eu saí, minha mãe falou, eles pergunta à ela, menina e menino, as famílias; a minha mãe falou, ai eu falei " mãe, eu achei normal, pra mim não fiz aquele que eu queria". Que o homem se ele não conhece uma , apresenta pra família dele, pra ele casar, ele fala que ele gosta, alta, loira, morena, baixinha, assim, assim, assim. E eles procura que jeito que ele gosta né. Então não deu certo, que a família dela também foi chata com gente, que eles tava pedindo casas separados. Que lá o homem tudo que ele faz, ele paga tudo, a festa de casamento, ele arruma as casas, se foi aluguel ou dele, as coisas de dentro de casa, tudo que ele paga, até dá ouro pra ela, pra pôr em mão, dá dinheiro pra comprar roupa. É uma cultura igual você conhece também. Eu

sempre falo pra quem pergunta que é uma coisa longa para você entender, para explicar, sabe?

P: Sim, sim.

E: Mas é coisa boa, bonita. Até mulheres tem seguro com homem. Se ele vai separar ela recebe um valor para fazer alguma coisa na vida dela. Se ele separou, deixou ela e...mas tudo certinho, não tem nada erro. Vai na justiça, tem papel dele. Na mesquita tem papel dele, tem palavra dele, palavra de família dele, entende? Na minha família inteira tem duas tios que separaram e casaram outra, por causa que a mulher foi errada, foi. Não tava fazendo a coisa que deveria fazer, certo? Depois de casamento a mulher, trabalho dela: casa, família, filhos. E ela tem direito para ele levar ela para passear, para visitar a família dela. Um dia por semana, dois dias, eles combinam. E homem que traz dinheiro para casa. Ele faz tudo. Então você pensa que homem volta para casa, a mulher dormida, não tem comida pra comer, casa bagunçada, filho tá chorando. Então esses problemas, quando descobre, separa, a maioria.

P: Entendi.

E: A minha família só tem dois tios que pararam...

P: Separaram.

E: Jeitos de mulheres deles é assim. Elas largam tudo e vai embora para visitar a família e não faz as coisas dela. E o homem tá trabalhando até a noite, para ele voltar não acha comida para comer. Então, quando eu fiquei no esse rapaz, trabalhando na fábrica e minha mãe não deu certo casar, eu falei “deixa”...

P: Sim.

E: Eu falei “eu quero fazer um negócio. Quando, mãe, eu tem loja minha, ela vai trazer pra mim as coisa, vai trazer minha casa. Esse negócio vai dar pra mim esses duas coisas. Vamos falar se eu vou casar ou ficar funcionário até resto da vida. Se eu abre minha coisa, vou consigo juntar dinheiro, casar. Vou juntar dinheiro, comprar uma casa. Qual você acha melhor? ”. Ela falou “não, eu acha bem. Você tá pensando direito. Como você pensou direito de sair de escola e trabalhou, agora você tá pensando direito”. Mas, também, para abrir uma negócio é muito caro, precisa muito dinheiro. Na família ficou falando. Porque quando a minha mãe falou “tá procurando para Mohamad uma esposa, uma noiva”. A família tudo fala. Você sabe, qualquer coisa na família todo mundo fala.

P: Todo mundo já fala.

E: “Vou dar minha filha para ele, se ele gosta minha filha”. Então mesma coisa aconteceu com a negócio que vou abrir.

P: Abrir a loja.

E: Já todo mundo sabe. Chegou cunhado de meu tio, irmão de minha mãe, falou para meu tio “se seu sobrinho quer abrir negócio, eu tenho dinheiro. A gente entra junto. Eu...”

P: Sócio.

E: É. “Eu dinheiro, ele fabrica”. Ele falou “tá, vou conversar com ele”. E aí tava uma sexta-feira todo mundo lá em casa, chegou meu tio. Esse meu tio, tudo na família, todo mundo conhece ele gente boa demais. Porque morreu o pai dele, o pai de minha mãe...

P: Sei.

E: Ele cuidou irmãos dele inteiros, todos. E ele não é velho, ele é depois da velho. Ele trabalhava, ele junta dinheiro, ele ajuda família. Ele ajudou minha mãe época dela de faculdade. Ele muito bom, todo mundo escuta que ele fala, porque ele gente boa demais. Eu tava lá, ele chegou “Mohamad, vem cá é uma dica para você”. Falei “tá bom, que tem? ”. Falou “tem um cunhado, fulano, conhece? ”. Eu conhece ele. Falei “é sim”. “Nome dele é Ahmad. Ele quer fazer um negócio com você. Como você tá procurando um...”

P: Alguém com dinheiro, é...

E: Não, eu tava falando que eu vou fazer negócio, mas não pedi dinheiro, entendeu?

P: Sim.

E: Tá esperando juntar para fazer.

P: Sim, para você abrir.

E: E ele falou “como você tá pensando em fazer negócio, ele tem dinheiro e ele entra no dinheiro e você no fábrica. A gente vai num delegado...”. Advogado, desculpa. “Fazer um papel que ele entrou com dinheiro e faz uma, tipo contrato...”

P: Sim.

E: “Para ninguém perde nada”.

P: Sair perdendo.

E: “Mas como agora você conhece fazer tudo, ele não conhece fazer nada de doce, então, vai ser 60%, um peão dele falou, 60% que ganha por mês para você e 40% para ele”.

P: Para ele...

E: “Como ele não fabrica, você fica cuidando”. Então a gente foi no advogado, fez a papel. O advogado explicou tudo para a gente. O meu trabalho quer que eu entra, segura a loja, tudo. Funcionários, cuida tudo...fabrica doces. Abre e fecha, eu. Tudo. O meu trabalho ele explicou para mim e eu explicou para ele. E ele, como ele não trabalha, tem que ele...o que precisa a loja. Produto, farinha, manteiga. Precisa comprar e traz. Ele tem que fazer isso, porque eu não consigo sai e comprar, e volta, e fabrica.

P: Sei.

E: Vai ficar muito pesado para mim. E a gente combinou tudo. Ele aceitou, eu aceitei. E começar trabalhar. Mas eu tinha medo.

P: Medo?

E: Tinha muito medo. Até quase eu não aceitei. Antes a gente foi no advogado eu...Meu tio foi para a casa dele e eu fiquei pensando a noite inteira. A minha mãe viu, falou “que foi, preocupado? ”. Eu falei “mãe, se fosse meu dinheiro eu não tem problema, eu não fica com medo. Mas tem dinheiro de rapaz, se a gente perdeu, como vou olhar para a cara dele? ” Ela falou, “também, mas se você perdeu o negócio, é negócio. Às vezes perde por causa não tem movimento. Por causa, por exemplo, é... Onde vocês abriram ninguém gosta de doce, por exemplo. Não fica assim. Reza e dorme, e Deus vai ajudar você”. Eu falei “tá bom”. Dormi, acordei. A gente começou a procurar. Eu avisei aquele rapaz que eu trabalhava com ele, no fábrica.

P: Sei.

E: Falei “aconteceu comigo assim, assim, assim”. Expliquei tudo para ele. Ele falou “ótimo. Como tem contrato, não vai ter problema para você”. Com rapaz.

P: Sim.

E: Que acontece esses problemas. Quando o pessoal dá dinheiro, eles ficam com medo. Depois de um mês de negócio eles fala “quero meu dinheiro”. Assim, dá muita problema para outro.

P: Sim.

E: O rapaz que ele trabalha com ele, ele falou... o último trouxe o contrato para ele olhar e ver. Ele falou “tá tudo certo. Vai, fica forte. A gente ajuda você, a gente atrás de você. O que precisa daqui da minha loja vem, compra, leva e depois a gente acerta”. Eu falei “não quero nada. Só quero que...vi que você... que vai falar sobre isso”. Ele falou “não, rapaz, não fica com medo. Vá”. Eu falando assim “nossa, eu não acredito! Vai ter um negócio. Não é inteiro para mim, mas...”

P: Mas vou conseguir abrir.

E: Eu vou, segura...eu chefe?

P: Sim.

E: Será que eu vou ficar chefe? E aí comecei. Acharmos a loja, a gente fez a decoração, tudo. Trouxe a produto, pôs as máquinas. Procurei as máquinas usadas para não gastar muito dinheiro. A gente fez um negócio lá com o meu irmão que trabalha de gesseiro, ele... o mais velho. Ele veio. Não pegou mão de obra só a gente pagou o produto. Ele me ajudou. O cara tá ficando feliz que a gente não tá gastando muito dinheiro, para ele, não perdeu. E começou a fabricar antes. Uma semana antes de abrir.

P: Sim.

- Ele levanta da mesa para atender um homem que entra na loja, com uns envelopes.

E: Desculpa viu.

P: Imagina. Não tem problema, se você precisar ir...

E: Não. O moço deu o pagamento. Então...é. Comecei a trabalhar antes uma semana de abertura.

P: Sim.

E: Para encher as prateleiras.

P: Para já deixar as coisas prontas.

E: Isso, porque os doces têm de 1Kg, 0,5Kg, 200g. Tudo o pacotes fechados. E vem aquele gerente que na fábrica meu amigo, ele termina trabalho dele para vir me ajudar. Eu não tem outros funcionários no primeiro tempo. Fazia tudo sozinho. Fabriquei, deixei as prateleiras tudo pronto. E a gente colocou a data de abertura, era quinta-feira. Quinta-feira como o fim da semana...igual, aqui, sábado ou sexta, tem muito movimento. Pessoal onde eu abri lugar, negócio de doce, um lugar que fabrica tudo de móveis. Lá tudo tem funcionários.

P: Aí o pessoal saia de lá...

E: De trabalho deles, por exemplo, tem que levar alguma coisa para casa. Que as doces lá toda hora eles comem.

P: Comem muito.

E: Tem vários doces, vários tipos. Com queijo, sem queijo. Então o que sai de lá tem que levar alguma coisa de doce para a família, para a esposa, qualquer um. E aí a gente colocou a data, o rapaz da fábrica que eu trabalhava mandou seis funcionários para me ajudar no abertura e ele veio.

P: Sim, ele também.

E: E ele vem, também. Abertura vai começar sete horas da noite, até dez. Quem vai entrar na loja vai comer de graça. Primeiro dia é de graça tudo.

P: Sim.

E: Falei... e ele, esse chefe da fábrica, falou "Mohamad, primeiro dia dá de graça tudo, tudo". Porque lá tem bandeja, tem doce quente, a gente fazia, né? Dá tudo de graça quem vai entrar. E aí ele vem, me ajudou, seis funcionários tá comigo. Olhei tudo tá ajudando eu. O negócio tá começando. E aí, naquele dia mesmo, dia que tinha abertura de um restaurante também perto lá. E tinha um som de música, tem coisas. E eu...ele vizinho de mim, mas a loja aqui...três lojas, restaurante. E ele, eu já conhece ele, ele falou, começa a falar no microfone "tem loja aqui de doce, vem experimentar. Primeiro dia de graça". Fez uma propaganda para mim de graça. E graças a Deus todo mundo lá gostaram. Todo mundo falando "muito bom aqui isso.

Tá muito gostoso, tá...” Aí chegou o próximo dia. Acabou. Abertura todo mundo gosta, minha família tudo veio. Eles vem meu tio, vem meu avó, tudo olhando, tirando foto. Assim “Mohamad já tem...”. É próximo dia, é mesmo esses dias, tá vendo agora? Esse mês era mês quatro?

P: É, agora a gente está em abril.

E: Tá no abril. Tá chegando jejum, também.

P: Sim.

E: Em jejum, Ramadan, a gente na Síria come muito doce. Então vai ter muito trabalho. Eu tô preparado por isso. E aí eu vi tem que chamar um funcionário, dois. Não tem jeito.

P: Vai ter muito trabalho.

E: Alguém fica no venda, por exemplo, recebe dinheiro, vende as coisas. Eu chamei meu irmão mais velho. Tava trabalho dele ruim, eu falei para...com o sócio meu, que trabalha...vou chamar meu irmão trabalha, ele cuida as vendas, cuida a caixa. Assim é melhor que traz outras pessoas. Ele aceitou. Ele falou “também tem meu filho. Tem doze anos, agora é época de folga de escola, eu quero ver...tal...pode trazer, ele ajuda”. E aí continua assim, o primeiro três mês chegou o jejum, a gente vendia bastante. Eu não imaginava que...

P: Vendia muito.

E: ...que vai dar assim. Vendia muito. Eu ficava aberto até três de manhã, porque tem é o... eu coloquei, também, o sorvete. Sorvete que uma empresa, eles traz para você a geladeira, coisa. E vende por quilo e pode ter aquele, como fala?

P: Casquinha?

E: Isso! Duas bolinhas...

P: Sim.

E: E bolo. Eu não sei fazer bolo, mas eu trouxe meu amigo que ele trabalhava horário extra comigo, na minha loja, fazer tudo os bolo. Pedacos, inteiro e de festa de aniversário, casamento. Tudo foi num, num, cardápio... e aí deu certo. Ficou um ano e três meses a loja aberta. Mas as últimas três meses, que foi 2011, começou a problema da Síria, as três meses foram horrível. Começou a problema, caiu tudo. O lugar onde eu abri eles saem muito na rua e aí chega policial, fecha tudo. Quando chega policial tem que tudo as lojas fecha. A gente fecha no meio dia e vai para casa, não dá para trabalhar mais. Tudo fechado, só policial vem. Um dia, nesses meses, última mês que eu tá na loja, não consigo pagar mais conta. Meu irmão saiu, por causa para não ficar pesado para mim. A conta de luz veio o dobros, porque o cara de luz não consegue vim entrar na loja ler...

P: Ler quanto que tinha ido, para...

E: Isso. Porque tudo fechado, eles põem na cabeça. Água cortaram. Caiu tudo, não tem mais dinheiro. E lá coisa bonita não existe cartão, tudo dinheiro vivo. Não tem juro você para banco, não usa muito banco. Não tem muito banco assim. É tudo dinheiro vivo você trabalha. Chegou, também, atrasei duas meses de aluguel. Chegou o dono e ele falou...ele me ajudou, também. Ele falou "Mohamad, eu sei que o negócio tá feito. Melhor para você fechar, ou faz alguma coisa. Muda o lugar". Aí eu falei "olha, eu não tem paciência mais. Tá olhando...o país vai para um lugar muito feio. Melhor, para mim, fechar". A gente fechou. Fechou três dias. Chegou sexta, povo sai na rua. Entrou a policial. Exército, policial. Mas esse exército, ou policial, eles não é igual policial normal. Eles vem diferente. Nunca a gente viu eles. Esses vem no momento que quer fechar a boca de todo mundo. Não pode falar, porque Síria não é um país de democracia.

P: Sim.

E: Você tá vendo no TV. Quem xinga presidente na Síria, a família dele e ele somem na vida. Ditatoria lá, não tem democracia. A gente não conhece outra presidente. Pai dele foi 50 e ele 12. Para a gente mudar ele, a gente tá pagando sangue todo dia, quebrou tudo. Faltou só (não entendi a palavra que ele falou..) o resto tudo tá quebrado. Cheguei sábado na loja, quer vender as coisas, leva, tava tudo quebrado. Minha loja é pouquíssima que eu perdi. Mas como eu abri num lugar que tudo de móveis, umas salas gigante, dois andares tudo de vidro. Tudo foi quebrado. Eu olha para a minha problema, nossa...dá dor, mas olha para outro. Esse dono perdeu mais que eu de mil vezes. A gente não reclamou para ninguém. A gente reclamou para Deus. Que as vezes, olha...até hoje a gente reclama e fala nome de Deus. Só, porque absurdo. Eu, para vender alguma coisa na minha loja não tem, tudo quebrado. Tudo pegou fogo. Que na comércio eles não usam aquele avião de jogar bomba, mas eles quebra. Eles joga fogo dentro de loja para pegar fogo e acaba com vida de pessoas. Voltei para casa, expliquei tudo para a minha mãe. Ficou triste, ficou chorando. Eu chorei muito, porque para cheguei nesse ponto eu passei de doze anos até esse dia. Eu fiquei lavando louça, eu fiquei sonhando. Eu perdi dois anos no exército deles e eles dá pra mim assim? E depois, acho que uma semana fechei a porta. Depois de uma semana o dono de loja ligou para mim para eu limpar lá, entregar...

- O telefone dele toca, e ele atende, depois que desliga, continuamos.

E: Depois de uma semana que ele pediu. Aí eu fui, limpei tudo, pintei...

P: Que era o que entrou com o dinheiro, que era o dono? O sócio? Ou não?

E: Não. O sócio tava comigo também. Ele já viu tudo e ele já não dá pra falar mais nada. Mas ele deu problema no fim. Ele pediu um valor comigo, que tudo que a gente ganha... gastou na loja, tem eu que pagar metade. Eu foi em um advogado e ele falou "não". Mas ele começou a fazer problema no minha família, dentro do minha família, falando que eu roubei ele, que eu deixei ele...eu tem, eu tinha esse pensamento na minha cabeça que vai chegar esse dia que vai falar pra mim isso. E eu foi em um pessoal na mesquita, que a gente vai lá pergunta que a gente faz, e ele falou "como vocês entraram junto, como você saiu junto, entendeu? Paga para ele metade e esquece. Se ele está errado, Deus acerta com ele". Então, eu não tenho dinheiro, não tenho nenhuma coisa na minha bolsa. Eu pedi dinheiro com um cara. Mas dinheiro, dinheiro, era 960 mil, 960. Quase 1 milhão de libra, 1 milhão. E fora

disso, não é tudo deles. Tem na negócio de "alergia" que tem que pagar, tá atrasado. Tem aluguel do cara. Tudo junto deu 1 milhão, menos 40.

P: Sim.

E: É...esse cara que é amigo de família mora no mesmo bairro, meu amigo. Nome dele é Mohamad, também. Ele falou "vou dar tudo para você e não vou deixar você assim triste. Mas você tá vendo como o negócio está feio na Síria, pelo menos em um ano, dois anos, você devolve para mim". Eu falei "tá bom!". Gente de céu. Eu resolvi uma problema, está com outra problema. Eu pedi dinheiro, mas onde eu devolve esse dinheiro? E aí eu fechei a loja, tudo. Não tem mais trabalho. E aí eu falei "como vou trabalhar?". Aí eu tava um dia no rua, aqui perto de casa, passou meu vizinho, tava com um táxi. Ele trabalha de táxi. Falei "está precisando de alguém trabalha de táxi?". Assim tá brincando com ele. Falou "tá, vem". Ele trabalha em um é... Ele trabalha como governo, mas como, tipo, empresa. Trabalha até duas da tarde. E da tarde para a noite ele trabalha de táxi.

P: Entendi.

E: Ele falou "vai de manhã até duas da tarde e eu..."

P: E eu trabalho de noite.

E: "Troca com você". Eu falei "tá bom!". Comecei a trabalhar taxista, mas primeiro dia eu sai no táxi não conhece nada no trabalho táxi e eu aprendi, já fui. É fácil, conhece os lugares, vai, leva o pessoal, ganha...que sai o valor. Eles paga e vai embora. Mas eu fiquei assim, fiquei triste que eu era doceiro e agora taxista? É muito pesado para mim. É muito ruim para mim. Eu não gostei, mas fazer o que? Para não ficar sem trabalho. Até pouco eu não gostei de trabalhar mais com ele, porque você trabalha de sete de manhã até dois e não ganhava muito, assim. Eu falei "eu vou alugar um táxi". Lá existe, você aluga por mês e paga. No menos para eu ganhar um pouco mais. Naquele época a tensão na Síria é assim, é pessoal, policial. Lugares que não gosta presidente eles mandam o exército desligar a luz, fiz muita coisa feia. E a gente tem que fugir de lá para eles não faz merda com gente, ou faz problema com gente. Eu falei assim, também, "quando vai acontecer umas coisas assim eu levo a minha família, minha mãe, irmã, irmãos, no carro e venho embora. Que eu não tem carro, mas como vou alugar, vai ter carro". Eu trabalhei, trabalhei e chegou o momento, também, que ficou: põe gasolina no carro para trabalhar, ficar um fila no posto mais de três horas.

P: Nossa.

E: Ficou complicado.

P: Porque todo mundo queria sair.

E: É. É complicado. Não chega diesel, não chega gasolina. País tá começando, aumentando o problema dele. Ficou mais difícil ainda.

P: Isso foi em 2011?

E: É. Eu fechei o mês, depois começou um mês, que foi mês cinco, seis. E aluguei a carro e fiquei...

P: Até o final do ano.

E: É. Acho que esse dia antes, no finzinho de 2011. No finzinho. Depois fiquei com medo que começou já vai tem, já tem rebeldes. Já tem briga. Eu passo no táxi as vezes você viu as...

P: Você via?

E: As tiros...

P: Você via?

E: Eu via. Você, porque começaram na Síria por a ponto no rua. Ponto de policial, ponto de exército e aí chega aquele rebeldes que tira esse ponto, mas de dia, ou a noite, você passando, pessoal tá passando e eles fica briga.

P: Nossa.

E: Tem que fugir. E aí ficou perigoso. A minha mãe ficava muito preocupada comigo, liga para mim toda hora: "Mohamad, volta para casa". "Mãe, eu estou trabalhando no centro". Eu fiquei, fica só no centro, porque o lugares, assim, próximo de centro tem problemas, mas no centro está tudo tranquilo. E aí, mas o tempo ficou...eu mudei minha, mudei. Fiquei muito diferente. Eu antes gosta da vida, fiquei muito triste, fiquei pensando coisa horrível. Tipo, eu vou com um deles. Tirar arma, vou lutar com eles. Contra esses pessoas que quebraram minhas coisas. A minha mãe quando viu eu falando isso, ela ficou mais preocupada ainda, porque ela sabe que quando eu quer coisa fazer, eu faço.

P: Você estava querendo lutar contra o governo?

E: É. Tava. Até combinei com o meu primo e ele falou "vamos junto". Assim, ela falou para o meu pai. Como o meu pai direto no trabalho ele não via a gente também assim direto. Ele falou "não Mohamad, não faça isso. O que você acha que você viaja daqui?". Eu falei "para onde?". Ele falou "Para Líbano.". Eu falei "não, não quero Líbano. Líbano mais caro que Síria e não tem futuro bom lá". Que a gente sabe.

P: Sim.

E: Também as libaneses morar fora de Líbano. Aqui no Brasil tem não sei quanto Libaneses. No América, nos Estados Unidos, no Espanha, não sei. Porque lá não tem trabalho bom. Ele falou "tá bom! Vamos falar com a sua tia no Brasil". Falei "tá bom! Fala com ela você. Se ela falou 'sim' eu vou, se não eu vou com rebeldes, eu vou lutar". E aí ela... meu mãe, meu pai, falou com ela e ela falou comigo, minha tia daqui: "Mohamad, não faça isso. Vem para cá. Eu vende doce para cara daqui. Vem fabrica doce para mim. O que eu dava para pessoal que fabrica para mim leva para você". Eu falei "eu não tá procurando dinheiro. Eu tenho pessoal devendo dinheiro, porque eles emprestaram para mim, aquele meu amigo e só. Eu não quero morrer devendo um centavo para ninguém". Falou "tá bom, vem para cá". A minha tia tava

muito tempo sozinha aqui, ninguém vem da família dela no Brasil. Vem uma irmã dela 2004, ficou seis meses e voltou. Também...

P: 2004?

E: É. Irmão dela, também veio 2006, acho que 2007. Também acho que ficou seis...

P: Fazia tempo.

E: Mas ninguém ficou com ela tempo muito. E aí ela falou "vai fazer seu documento, seu passaporte. Eu vou mandar carta de chamada. Você pega, vai no consulado brasileira e vai trabalhar...vai viajar". Achei fácil. Ela manda as carta, eu faz, eles dá visto e vai embora. Foi difícil um pouco, mas consegui.

P: Mas essa escolha pelo Brasil foi primeiro...

E: Primeiro que...

P: Não, por conta da sua tia que estava aqui e porque seu pai...ou era essa opção, ou você se via fazendo isso, ou você ia para os rebeldes?

E: É. Primeira coisa que eu tenho dinheiro que tem que pagar. Segunda coisa, eu não quer ficar longe de minha família, também.

P: E era alguém da sua família que estava aqui.

E: Sim. Agora se fosse falar fulano, vizinho, ou conhecido de família lá e vai trabalhar com ele, eu fala não. Porque eu não conhece. Eu nunca viajei fora de Síria.

P: Sim.

E: Primeira coisa que pensei foi "lá fala outra língua". Mas com a minha tia lá vai me ajudar. E aí fui. Cheguei aqui...

P: E como foi esse deslocamento da Síria para cá?

E: É. Aqui quando eu levei tudo documentos para consulado, eles falaram quinze dias. Se sai visto, ou não. Se aceita, ou não. E aí eu falei com meu primo que eu tava combinando para ir lá rebeldes. Eu falei "olha, tem quinze dia. Se acertaram eu já viajo, se não a gente vai". Jura por Deus, passou quinze dias foi para lá e eles falaram "ainda não tem resposta, resposta".

P: Sim.

E: Não falaram nem sim, nem não.

P: Ainda não tinham a resposta.

E: A gente liga para você se vai aceitar. Era domingo, ligaram para casa, tava dormindo. O telefone tocando. Falei "mãe". Eu acordei nervoso com o tocar, "mãe, atende esse telefone". Ela atendeu e ela ficou gritando, assim, feliz.

P: Sim.

E: "Mohamad, eles aceitaram seu visto". Falei "nossa, sério?". Tá bom, vamo lá.

P: Você ficou feliz?

E: Fiquei. Fiquei. Mas não...

P: Você tinha o que? 25 anos?

E: É. Era, quando recebi a visto, era 2012. Dia...eu viajei para cá 25 de seis. Antes quinze dias tem que falar. Que recebeu a visto. Que eu recebi a visto, fiquei 15 dias e viajei. É 2012, mês cinco recebeu a visto.

P: Mas você chegou aqui em junho?

E: É. Seis, mês seis.

P: Mês seis, junho.

E: É, então...

P: Você veio direto de...

E: Não. Aqui eu avisei minha tia saiu o visto e aí ela falou "tá bom. Então vou comprar passagem sua". Ela comprou a passagem com uma pessoas da Líbano. Uma mulher que filho dela trabalha aqui conhece minha família, minha tia. Eles falaram para ela que Mohamad tem que vir junto com ela, porque nunca viajou. Compraram passagem junto com passagem dela e eu viajei para Líbano. Do táxi, tem táxi do Líbano Síria.

P: Sim.

E; Viajei para Líbano. Fiquei... viajei antes um dia. Dia 24...não, 23. Fiquei um dia lá no casa deles e a gente viajou do Líbano para cá direto.

P: Para São Paulo?

E: Para São Paulo. Mas a gente trocou avião no Qatar.

P: Vocês...

E: É...teria transito, que eles fala.

P: Sim.

E: Uma espera para trocar avião. E vem para cá direto. Cheguei aqui dia...

P: Escala, né? Fazer escala.

E: Escala! Isso. Cheguei dia 25 de seis 2012. Seis horas da tarde.

P: E como foi chegar, essa chegada no Brasil?

E: Chegada eu tava procurando, porque a minha tia foi na Síria 2002 visitar família dela.

P: Você nem sabia mais como ela era.

E: E era eu primeiro ano, o primeiro tempo naquele loja que eu comecei a trabalhar. Ela vem visitar eu lá, também. Mas eu não lembrava o rosto dela.

P: Sim. Fazia tempo.

E: Que não tem aquele contato com ela, o gente na Síria.

P: Sim.

E: Mas eu vi ela, fiz assim. Ela parece com meu pai. Olha tia aí. Vi marido dela e filho dela. Eu cheguei aqui. É um...foi difícil para mim, porque fiquei longe, preocupado com minha família. Até hoje ficar preocupado, mas consegui pagar as contas que eu precisa. A dinheiro para rapaz lá. Consegui trazer meu irmão, o outro. Minha mãe vem, visitou e voltou. Até hoje, graças a Deus, tipo, essa semana me ligou minha mãe. Como meu cunhado é do exército, minha irmã não tem dinheiro mais. Ela falou "ah!". Tem criança dela que tinha três anos, quatro anos, "eu quer colocar ela na escola". Falei "tá pago, mãe. Eu vou mandar dinheiro para você põe na escola". E quando ajudo a minha família, qualquer um na minha família, não só mãe, pai. Tipo, eu tenho duas primos, eles é filhos de minha tia, irmã de minha mãe, eles tava num lugar perigoso, também. Que as vezes tá levando eles. Um não conseguiu salvar ele, pegaram eles. E o outro eu mandei dinheiro para ele, para ele viajar para Turquia. Hoje em dia ele tá no Turquia, trabalhando, ajudando família dele. Olha, quando você ajuda um pessoa...

P: Você perdeu muito...você perdeu pessoas da sua família lá?

E: A gente faz quinze dias perdeu minha tia. Morreu num bomba lá no centro. No (...). Eles mostraram aqui na TV.

P: Sim.

E: Ela tava fazendo documento para filho dela. Ela morreu. Infelizmente. E ela era a mais nova, irmã, irmã de meu pai. Ela era muito gente boa. Eu gostar dela muito. E filho dela foi machucado, fez cirurgia na rosto dele, no perna dele. Tinha 2012, quando viajei, depois de um mês cheguei aqui, meu primo sumiu, também em uma bomba lá. A povo tava saindo de mesquita, chegou um carro bombado, também. Quando meu irmão não, a outro, porque tinha dois primos que morreu. Mas esse sumiu o corpo dele, a gente não sabe. Morreu, mas é claro que foi. Próximo, também foi um bomba quando meu irmão procurou ele.

P: Você falou.

E: Então tem dois primos, minha tia agora.

P: E conhecidos, também, né? Amigos...

E: Conhecidos, olha, a gente...

P: Muitos.

E: Lembra tem um época que, 2013, jogaram bomba química? No interior de Damasco. Onde a gente morava. Todos nossos vizinho morreu. Tudo, maioria irmão de meu irmão mais velho, amigos dele que, idade dele, tudo morreram. Que dormindo eles sentiram o cheiro de...aí morreram. Vizinho, minha mãe falando. Quando ela vem falando, "fulana e família dela morreu, fulano ,família inteira dele morreu." Tudo dormindo. Não saiu ninguém. É muito triste.

P: Muito triste.

E: Muito triste. Ela fala "agora se a gente volta nossa bairro não vai ter ninguém conhece ele. A gente não vai ter alguém que a gente conhece antes vivo". A parte de família de minha mãe ninguém morreu, graças a Deus. Ninguém, mas...só o parte de família de meu pai. Duas primos e a irmã dele. Foi difícil.

P: É. Imagino. Mas agora, você contou como foi a sua chegada no Brasil, que você viu sua tia que fazia tempo que você não via...

E: É eu não via. Aqui você vai ter um negócio novo, vai conhece...

P: Sim. E como que é seu dia a dia aqui em São Paulo? Por exemplo, você está bem aqui? Trabalha de que horas a que horas?

E: Estou feliz, tranquilo, trabalhando. Trabalhando bastante, mas como é o jeito aqueles pessoas, graças a Deus, que Deus deu para mim paciência de trabalhar, eu trabalhava muito. Até aqui pessoal fala para mim "você não folga". Eu fala "eu folga, mas eu gosta de trabalhar". Olha, eu, eu, de verdade, porque eu faça isso de trabalha bastante para eu não ficar...eu to preocupado, eu to triste. Meu pai, cinco anos ainda não vi ele. Agora vi ele no Skype, no celular, no Whatsapp, mas não é igual aqui na frente. Mas eu trabalhava muito para esquecer, para não ficar pensando, porque se eu vou ficar pensando, ficar lembrando tudo vai ficar difícil para mim. Não vai conseguir trabalhar direito, não vai conseguir fazer minhas coisas.

P: O trabalho é como uma ocupação, assim. Para você não ficar pensando nisso. Se não, você fica triste.

E: Então, isso, isso. Hoje em dia tudo eu acorda olha no jornal de lá. Vai acabar, não vai acabar. Liga para minha família. Manda para minha mãe mensagem "tá tudo certo? tá tudo bem?". Como preocupação é muito grande e longo. Faz seis anos, cinco anos que estou aqui. Todo dia você fica pensando. Não quero aquele liga para mim "fulano morreu". Fica com medo. Dorme, acorda todo dia "meu Deus. Deus me ajuda. Ajuda minha família fica tudo bem".

P: Você fica vendo as notícias de lá todos os dias?

E: Direto. Direto. Direto. Olha, no meu celular tem aplicativo, na hora, se acontecer alguma coisa, na hora chega...

P: Para você uma notificação.

E: É. Uma canal que toda minuto ela manda notícias novas.

P: Sim.

E: Não consigo sem. Até as vezes eu tirei esse aplicativo. Eu não consegui acho que ficar nem três horas sem.

P: Você precisa ficar sabendo.

E: Precisa ver. Precisa toda minuto você olha se vai melhorar, vai melhorar. Infelizmente está piorando muito, também. Hoje em dia eu pensa que o Síria era 24 milhão. Hoje em dia sobrou lá 8, 8 milhão.

P: Muito triste.

E: É muito.

P: Muita gente.

E: Mas eu fica com dor. Eu vou olhar para vídeos que tá acontecendo lá. Eu acredita eu não come fruta aqui?

P: Não?

E: Não.

P: Por que?

E: Muito pouco. Muito pouco. E se eu come, não come muito. Come. Porque pensa que meu pessoal não tá comendo isso, minha família não tá comendo isso. Come, come pouco. A minha tia lutou comigo, também. Eu não come muito. Eu come normal, gosto, mas sabe aquele pensamento fica na sua cabeça.

P: Que eles não estão comendo.

E: Será minha mãe tá comendo bem? Será fulano? Será meu pai comprou fruta essa semana? Eu não fala, não pergunta. Mas é muito de família, não sei. Agora, meu irmão, eu falo...eu, a gente. Acho que há duas semanas atrás a gente foi num praia, a minha mãe ligou no Whatsapp ao vivo e ela viu que a gente tava no carro, andando. E ela falou "onde vocês tá indo?". Eu falei pra ele assim "não fala para ela". Falei...ela falou "não, a gente tá fazendo volta aqui". Aí desligou. Meu irmão falou "por que você não falou para ela?". "Ué, você acha que a gente tá passeando e ela tá lá não consegue sair fora de casa?". A luz vem duas horas.

P: A luz vem o que?

E: A luz que chega por dia, duas horas só.

P: Só duas horas.

E: É. Não vem ficar ligado.

P: Não fica o dia inteiro.

E: É. O dia inteiro. É esse problema e...eu passa de mais, não sei. Agora ele fala "você tá pensando demais". Não eu não tá pensando demais, eu sou assim.

P: Você se preocupa.

E: É, eu sou assim mesmo.

P: E você tem algumas tradições, ou algumas práticas da sua cultura que você mantém aqui no Brasil? Que você ainda faz, que você fazia lá e você ainda faz? Coisas que são da sua cultura e você ainda continuou fazendo? Você comentou das rezas que você ainda continua fazendo. Tem mais algumas coisas?

E: Como eu gerente daqui, como fala? Quando compra pessoal muita coisa, produto, comida. Eu dava uma coisa brinde. Isso existe lá.

P: Sei. Isso é uma prática de lá.

E: É. A gente aqui, até hoje, você dá pra ver um...tá escrito ali que quem entra aqui ganha uma coxinha de brinde. Quando eu abri minha loja eu fazia isso. Dava um doce de brinde. Só entra...só você de olho dá água na boca. Você dá uma coisa, para não ficar com vontade. A gente aqui assim, também. Pessoal quando compra muito eu dava um negócio de doce, um, por exemplo, tá levando muito esfiha dá uma a mais. Eu via eles falando "vai dar, ou não vai dar?". Eu dava uma bandeja "esse vai de brinde. Vai dar certo". Esse eu aprendi muito cedo lá na Síria, também. Onde eu trabalhei comecei. Tudo eles fala "tá aqui". Cuida muito das cliente. Tem que apresenta para eles, tem que mostrar para eles que a gente, assim, não só aqui para ganhar dinheiro. A gente aqui para cultura. A cultura fala isso, também.

P: Você falou, também, que você mantém além das rezas...você virou e falou que continua ouvindo as músicas de lá, também.

E: É, até hoje. O pessoal, até o cliente fala "que fulano é esse? Que nome dele? Como escreve?". É música, porque tem música fala de nosso país, né?

P: Sim. Você escuta todos os dias música de lá?

E: Tudo. Primeiro, quando eu chega, porque lá tem uma coisa engraçada. Eu chega aqui nove, oito e meia, nove, tem uma música que a gente...uma cantora libanesa. Chama Fairuz. E músicas dela todos antigas, tudo muito antigas. Ela começou cantar acho que desde dez anos. E ela, no vídeos dela, e ela fez teatro, também. Tudo fala de cultura de país. Mas o maioria lá gosta ela, porque todo mundo põe ela de manhã, para acordar. Voz dela é bonita, fino, assim.

P: Sei.

E: E ela fala, por exemplo, como você tá no interior. E fala, no mesmo música, fala as coisas legal lá. Entendeu? Então eu chego aqui eu põe ela.

P: Mas lá o pessoal ouve de manhã, também?

E: É. Ouve bastante gente lá, o mundo árabe, maioria escuta esse cantora de manhã. Até umas dez da noite. Qualquer hora, porque é bonita.

P: A questão da comida, alimentação, você também comidas de lá, ou você agregou no seu dia a dia coisas do Brasil?

E: Tipo, eu gosto strogonoff. Eu mais gosto.

P: Mas o resto, você come mais comida de lá, também?

E: Não, eu todo dia almoço arroz, feijão. Eles faz lá em cima com os funcionário. Eu gosta arroz, feijão. Os que eu mais gosta aqui é strogonoff. Agora, como eu mora com meu irmão mais novo, a gente faz comida árabe.

P: Vocês fazem todo dia comida?

E: A maioria das comida que a gente faz, árabe.

P: Entendi. Então você acha que dessas tradições da cultura você mantém a questão religiosa, música, comida, também. Tem mais alguma coisa que você mantém de lá que você ainda mantém aqui?

E: Tipo, a pessoal...as vezes acontece muitas conversa com cliente, a gente conversa bastante.

P: Contando da história.

E: Da histórias, das coisas.

P: E quando você chegou aqui, não...não só quando você chegou. Agora qual você acha que são as maiores dificuldades que você encontra em ser refugiado aqui? Você contou, eu lembro, da outra vez, que foi um pouco difícil no começo a língua. Que você falou que dava até dor de cabeça.

E: Sim. Sim.

P: Mas, hoje em dia, tem algumas...quais você acha que são as maiores dificuldades em ser refugiado no Brasil?

E: Difícil? De ficar difícil para mim?

P: É. E quais você acha que são as dificuldades em ser refugiado aqui no Brasil. Se você acha que tem, ou não.

E: Olha, para mim, hoje em dia eu não tô achando que eu tá em um outro país, eu tá no mesmo meu país. De respeito, o pessoal todo mundo gosta de mim e eu não tem mais medo. Não tem mais preocupação para conseguir fazer alguma coisa aqui. Que acho que passou do começo. Mas, tipo, hoje em dia eu penso que eu não vou fazer um negócio para mim aqui no Brasil, mas eu não entende mais muito dessas coisas.

P: Sim.

E: Será se eu...agora tem amigos, muito, que abriu negócio e deu certo, mas como eu ainda não passei nesse ponto, eu não sei. Vai sair como? Tipo, você abre um negócio, ou uma loja de lanche árabe, comida ou doce. É isso que um pouco para mim tá ficando com medo, mas medo como vai conseguir, ou não fazer mesmo. Agora, quando você tá no seu país, você sabe tudo.

P: Você já conhece como funciona.

E: Conhece tudo. Aqui faltando essas coisas para mim. Preocupado um pouco se eu abrir vai dar certo, ou não. Como diferente, né? É assim. Então é isso. Hoje em dia acho que só é isso.

P: Só isso. Você acha que algum...o que você acha que mudou, principalmente, desde que você chegou aqui até agora, para você? Tem algum ponto que você acha que mudou muito, te ajudou?

E: Mudou bastante. Tudo mudou.

P: Você acha que você mudou?

E: Eu mudei. Eu mudei bastante, também. Porque quando eu cheguei aqui eu falei "eu vou ficar, vou começar vida nova". Chegar aqui tem que trabalhar, devolver dinheiro para pessoal, ajudar minha família. E hoje em dia eu muito diferente de antes. Eu não lembra como eu é antes, assim. Porque como passou na minha cabeça tristeza que foi sair de lá triste. Tudo, perdeu tudo. Mas pessoal fala para mim "você, quando chegou aqui, você sorri mais que agora". Eu não sei. Eu não quero ficar diferente, ou chato na frente de todo mundo, assim. Então você entra aqui, viu um cara sorrindo, vem um com cara fechada, cara feia, eu pergunta "por que será?". Acho que o coisa que tá pesada demais. Tipo, minha mãe quando veio ficou aqui, visitou a gente, voltou para lá e deixou para mim um moleque para eu cuidar.

P: Deixou o que?

E: Um moleque, que é o meu irmão.

P: Ele que é o mais novo? Que tem 18 anos?

E: É. É. Isso é um moleque. Você sabe como? Aqui no Brasil, sabe como? Se você não vai atrás dele direto.

P: Sim. É difícil.

E: Aí chega num ponto muito complicado. E esse mudou um pouco na minha vida. Tem que ficar ligando para ele, ficar mandando mensagem.

P: Uma responsabilidade que você tem, de cuidar.

E: Isso! Mas que eu tinha, mas que eu tinha na loja. Porque tio vem para cá, porque isso, aquilo. Minha tia mesma coisa. Até cuidar aqui, cuidar ali no fábrica de pão é coisas pesada para mim, também, né? Eu cheguei aqui, eu não vou mentir para você, eu cheguei no momento aqui no Brasil, ano passado e ano anterior, eu falei

"cadê minha vida?". Eu não estou fazendo nada para mim, não tem passeio para mim, não tem hora para mim. Tipo, meu tio até o negócio de banco para conferir deu para mim. O pessoal liga para mim oito horas de manhã. Imagina você dorminda, toca telefone "o cheque valor assim, assim, assim. O número assim, assim, assim. Aprovado, ou não?".

P: Você não tava sentindo que você tinha mais vida? Só trabalho, só trabalho.

E: Não. Esse ano. De verdade que eu pedi para trabalhar mais, para ganhar mais, para resolver minha coisa. Mas, também, se você não fala. Trabalha com família, também, complicado. Muito complicado. Se você não fala, eles não fala. Esse ano eu pedi férias. Eu falei que não aguento mais.

P: Se não você nem...

E: Mas não é por causa, culpa de vocês. Trabalho, trabalho. Eu preciso. Tô procurando minha vida, também. Hoje dia, agora...

P: Você tem o...no Brasil eles dão, né? Carteira de trabalho e cpf.

E: Eu tenho carteira, cpf, registrado. Tem carteira de motorista. Até, pouco, acho que eu consigo fazer brasileiro. Como eu já tenho cinco anos aqui no Brasil. Não sei se...

P: Sim.

E: Tá certo, ou tá errado. Mas só falou para mim. Mas todos os documentos, todos tinha. Foi fácil de fazer, muito simples, assim. Não foi complicado para eu tirar, não. Graças a Deus tudo deu certo.

P: Na saúde você tem convênio, ou você vai no SUS?

E: Não. No SUS. Foi várias vezes.

P: E foi tranquilo?

E: Tranquilo. Mas você sabe, todo mundo conhece. O posto de saúde as vezes tem muitas pessoas, tem que esperar.

P: Sim.

E: Hoje em dia, olha. Coisa de saúde, graças a Deus, até hoje não aconteceu nada. Gripe, maioria das vezes gripe.

P: Sim.

E: Mas meu tio fez para mim plano de saúde. Amil. Não sei quanto ele paga. Mas eu falei "não precisa". Eu falei aquele dia quando ele fez para mim "se Deus quiser eu não vou precisar ele". Porque é caro. E ele fala "tá funcionando, tá aqui". Mas é...graças a Deus não usa. Só quando gripe, né?

P: Que bom, né?

E: Graças a Deus.

P: Deixa eu ver. E você tem algum...o que você pensa sobre o seu futuro? Você tem algum projeto, você tem um projeto de abrir alguma coisa aqui, que nem você disse?

E: Eu tenho. Agora. Hoje em dia eu, depois cinco anos de trabalho direto, cansou muito. Se consigo meu irmão ele aprender a fazer um lanche. Ele tá pedindo fazer alguma coisa. Agora se eu consigo fazendo alguma lanchonete pequeno e dá pra fazer, eu quero fazer isso para ele, para nós, também.

P: Mas os seus planos, para você, o que você pensa?

E: Para mim, eu quero tem família, esposa, filhos. Quer tem a minha casa. E trabalho bom para eu seguir para frente. Só isso que tá pedindo.

P: E em relação aos doces, ou não? Qualquer trabalho?

E: Os doces eu tá longe dele, fiquei longe ele. Mas eu não sai da minha cabeça.

P: Não sai da sua cabeça?

E: Não sai. Pouca gente o que vou fazer. Claro que vou fazer coisa de comida. Vai ter um negócio de doce. Eu vou fazer eu. Até na minha mão está até hoje marcado o negócio da bandeja de doce quando tinha.

P: Pesado?

E: Não. Quando tira do forno ela cai...

P: E queima.

E: E queima. Isso! Então, não sai da minha cabeça. Aqui eu fiz doce muitos. Expliquei, ensinei para um rapaz aqui em cima. Ele faz doce igual ao meu.

P: Você que ensinou.

E: É. Esse coisa não sai da minha cabeça. Até resto da vida. Doce que ele chegou nesse ponto. De eu tá aqui.

P: Toda a história.

E: É. Agora se eu não abrir minha negócio, eu não veio para Brasil para tudo que Deus manda, né? A gente não sabe. Pode acontecer hoje, ou amanhã.

P: E no outro encontro que a gente teve você comentou que você pensa em voltar para Síria só para visitar. Você não pensa em voltar para morar lá. É sim, ou não? Como que é? Você pensa em voltar para lá?

E: O Brasil ficou na minha vida, também. Ficou na minha cabeça. Hoje em dia muito pessoal pergunta para mim "você volta?".

P: Você pretende ficar.

E: É. Eu volta, mas acho que não vou conseguir ficar lá. Eu saí triste de lá. Assim, ficou com raiva. Mas não é de meu país, é com raiva de que tá acontecendo lá. Quando você perdeu coisa, também, fica mais difícil. O cabeça fica mais fechada para resolver. Mas, olha, as maiorias sírios, eu tem certeza, eu tenho meu amigos na Alemanha, França. A maioria fala "eu volto". Só acaba a guerra eu volto. Porque nosso país não foi ruim assim. Foi ruim quando a gente quer mudar fica melhor, mais. Para melhorar mais. Que povo, a cultura de povo, o povo tudo junto. Mas o governo sempre foi em cima de gente. Mas como foi a gente fala verão árabe, foi, né?

P: Sim. Primavera árabe.

E: É. Tem força. Eles viu como o país tá saindo, tá derrubando, mas a gente foi difícil. Foi complicado.

P: Mas por que você acha que é diferente os seus amigos que estão na Europa querem voltar para lá, morar para lá, e você não?

E: Essa é uma pergunta legal. Sabe por que? Porque aqui no Brasil tem respeito mais. Agora, no Alemanha, tem um amigo vem para cá oito meses, ficou e ele voltou para Turquia e viajou para Alemanha. Ele foi em pé 16 dias, não sei como. No fim ele chegou. Hoje em dia ele fala para mim "eu não posso trabalhar, eu não posso fazer isso, eu não posso fazer aquilo". Eu falei "eu tô aqui no Brasil. E você vem". Eu sei, aqui tem umas coisas difícil. Aluguel caro, salário pouco tem, mas você dá um jeito. Salário pouco, você dá trabalho duas horários. Conseguir. Que eu sente que aqui o pessoal é igual de nós da Síria. Mas diferença que aqui tem, acho que muito roubo, que eles falar, rouba, muito roubo.

P: Sim.

E: De governo. Lá eles rouba, mas de jeito que é direito deles.

P: Eles acham que é direito, também.

E: É. Pessoal aqui trabalhadores igual de nós.

P: Você acha que te faz querer ficar mais aqui, porque aqui tem mais respeito?

E: É. Se fosse para eu, por exemplo, chegar pessoal falar "vou dar visto agora no consulado alemão, ou francês, ou europeu e vai direto, ninguém vai falar com você. E vai lá ganhar um casa, eles vai pagar e vai dar salário". Eu não quero isso, eu não nasceu para isso. Tudo bem, ajuda refugiado que precisa, mas ele tem saúde, tem minhas coisas na cabeça, eu consigo trabalhar. Quando eu ficar sem pernas, sem mãos, não conseguir fazer nada, tudo bem. Eu fala com meu amigos que eles acham legal, que melhor que faz lá. Eu fala do jeito que eu tá falando com você. Quando você sem braço eu fala "tá, parabéns, vai". Mas você tá com saúde boa. Deixa esse lugar para um família morreu pai e mãe deles, tem crianças, ou tem só mulheres. Deixa esse casa para eles. Eu acha vagabundo quem faz isso. Aqui o policia federal fala para mim "você tem direito 360 reais por mês. Refugiado". Aí eu falar "não quero". Até meu tio falou para eles "ele vai morar na minha casa, vai trabalhar comigo. Ele não precisar". Eu não quero. Não quero, não. Quando eu preciso...

P: Você não quis o que o governo ofereceu desse dinheiro por mês, você não quis?

E: Naquele época, eu não sei falar. Meu tio explicou que o chefe de lá...porque acabou meu visto eu foi na polícia federal, Brasil não estava abrindo para refugiados, sabe?

P: Sim.

E: A gente foi no polícia federal e foi em uma lugar que chama Cáritas, que eles mandaram para fazer documentos no policia federal. E tem lá...agendou uma conversa com o chefão lá de documentos.

P: Sim.

E: E ele conversou e falou "Mohamad". Ele tá falando com o tio que fala português. Eu não tava entendendo nada, eu tinha 30 dias aqui no Brasil, acho. Mas tio, quando ele perguntou "ele tem salário, ou tem esse valor para ele por mês?". Ele falou para mim "ele está falando que tem 300 e pouco por mês. Você quer, ou não?". Eu falei "não quero. Não quero, porque vou trabalhar, né?". E porque no 30 dias que passou eu pergunta pro marido de minha tia e ele falou "pode trabalhar direto, antes. Não precisa sair documento agora de trabalhar. Pode trabalhar. Ninguém vai falar você 'por que tá trabalhando?'. Então eu falei "Por que? Não vou precisar. Vou trabalhar, ganhar dinheiro e tem". Agora tem...porque, não sei. Na minha opinião, eu não quero.

P: Tem pessoas que vem até sem trabalho. Você tinha, já conhecia alguém.

E: Tipo, o meu irmão mais velho, aqui no Brasil, o trabalho dele não é muito legal, assim. Não ganha muito bem. A gente fez pra ele bolsa de família. Ele ganha, filhos dele, a mulher dele e ele. Eu não sei chega quanto, 300 e pouco por mês. Mas ajuda ele, por causa de trabalho. Agora eu fala meu irmão tem justo, porque a família dele grande. Ele trabalha com pintura, não é todos dias...

P: Que tem.

E: Que tem. E quem fizer é uma senhora brasileira que mora no mesmo, lá onde ele mora. Ela que pediu para fazer. Ele, também, foi difícil para fazer. Mas depois aceitou. Que ele fala "não. Eu vou trabalhar. Não precisa disso". Mas por causa de filho, que tem filho, ele ganha leite, no escola, ganha fralda, sei lá. Bom, dá uma ajuda para ele. Mas se fosse eu, sozinho, não tem criança e vai em cima disso para pedir dinheiro, ganha dinheiro, quer dinheiro...não. É difícil para aceitar, eu acho. Para mim, eu não. Como eu tá trabalhando, ganhando dinheiro meu, que eu tá fazendo, acabou.

P: E na mesquita, você continua indo aqui?

E: Eu vou.

P: Onde que é?

E: Tem uma no Avenida de Estado, que chama mesquita do Brasil, e uma no Brás. Tem dois.

P: E você vai toda semana?

E: Olha, não é toda semana. Porque as vezes você está aqui...

P: Fica trabalhando.

E: Trabalhando. Tem muito movimento. Tipo, feriado. Agora, semana que vem é feriado sexta, eu vou. Porque tá no caso folgando, eu vou. Mas melhor o pessoal ir. As vezes a gente fala alcorão, bíblia de nós. Quando chega sexta, esse rezo, larga trabalho e vai rezar. Porque esse dia é tipo o domingo de vocês, que vai na igreja. Você dá todo o tempo para você, dá um tempo para Deus, também. A minha mãe sempre fica no Whatsapp "você foi?". Eu falo "não". Ela fica triste. "Filho, vai. Você vai, reza um pouco para melhorar seu trabalho, vai melhorar por causa que você foi". Entendeu?

P: As rezas cinco vezes ao dia você continua?

E: Cinco vezes.

P: Porque lá a mesquita que chama, né?

E: Chama, mas agora aqui você longe...

P: É, aqui não tem.

E: Você longe a mesquita. Não é por causa não chama. Agora, só dá para hoje em dia...

P: Dá para programar.

E: É. A tecnologia, chama por celular hoje em dia. Fiz para minha mãe.

P: Sério?

E: Tá em casa, chegou a hora, ele chama. Fala. Mas por causa que longe, né?

P: Sim. E tem coisas que você acha, tem alguma coisa que você acha que é igual no Brasil e é igual na Síria? Tem alguma semelhança em alguma coisa, ou você acha que são países muito diferentes?

E: Tem diferença. Tem pouca coisa que parecida.

P: Pouca coisa parecida.

E: Tipo eu falei trabalho, eu vi muita pessoal trabalhadores.

P: Sim.

E: Gosta de trabalhar. Acho que de religião eu conversa com pessoal daqui, eu acho que tem coisa de religião parecida. Tipo, tem um cara que aconteceu alguma coisa aqui comigo, eu tava com um amigo meu que mora no Santana, ele chamou no aniversário dele. Naquele turma tinha muita gente, tinha um rapaz tava falando que

ele tá fazendo um negócio no trabalho dele, tá tirando dinheiro. Tipo, tá ganhando dinheiro sem ninguém sabe.

P: Sim, escondido.

E: E aí o meu amigo falou para ele "mas tá errado, amigo". Aquele cara não quer nada a ver com isso, não quer escutar que ele sabe que está errado. Então, depois eu conversa com meu amigo eu falei "que Deus...a gente fala. Que a gente faz isso, que dinheiro sujo, que ele vai pagar depois, que vai pagar no saúde dele". E ele falou "também...". Então tem umas coisas na religião que o pessoal tem medo de roubar dinheiro, tem medo de pagar depois. Então esse coisa que é igual de nós, também. É coisa legal. É você sabe que esse coisa não é seu e tá levando. Depois você vai pagar por isso. Tem coisas parecida, também, no Brasil. Tem coisas legal. Coisa boa, tem. A respeito a cultura tem, eu acho que, por exemplo, eu passa na rua e fala oi para a pessoa, ela não conhece, elas responde. Esse é igual de lá, também. Mas você vai num lugar, por exemplo, não quero falar que países, mas já ouvi falar muito pessoal que chega eu conhece. Não precisa você árabe, muçulmano, ou árabe, europeu, não. Tem as vezes brasileiro vai para lá eles não respeita bem.

P: Não respeita. Nem te cumprimenta.

E: Meu primo foi, ele brasileiro, nome brasileiro, documento brasileiro, tudo. Foi para Londres, estudou um ano e sai todo dia no casa e encontra com o vizinho e fala "oi, bom dia" e ele não responde. Absurdo esse. Nem Deus falou isso, nem cultura fala isso. Então, isso que deixa eu continuar aqui no Brasil. Eu não vou atrás de dinheiro deles, ou casa que de graça, ou...mas eu vou, assim, tipo, meu amigo da Alemanha tá assim. Ele preso, não pode trabalhar. Se ele foi trabalhar e eles pegaram ele, vai preso. Mas aqui vai me levar, porque tá trabalhando? Não. Eles falaram, até no consulado lá na Síria eles falou, a menina falou "você vai fazer o que lá?". Eu falei "vou trabalhar". Ela falou "lá não é igual outros países. Lá tem que trabalhar e ganha dinheiro". Eu falei "sim". Trabalhei, ganhei dinheiro, ajudei família. Eu mais feliz no mundo hoje em dia, por que ajudei todo mundo. Dei um passo para meu futuro. Eu quero minha família. Esposa, filho, casa. Eu quero ver minha família tudo feliz. Aqui tem, conseguiu, tá conseguindo fazer tudo. Então, por que vou trocar? Mas eu penso assim: eu quero voltar para a Síria, Síria não vai acabar guerra hoje e amanhã ficou bom para trabalhar. Não. Para voltar de novo, fazer tudo de novo, vai demorar muito, mais que guerra foi. Lamentar que quebrou. Essa é a diferença. Por isso.

P: Mas que bom. Fico feliz que o Brasil está te acolhendo dessa forma.

E: Claro.

P: E você está feliz aqui.

E: Nossa. É muito bom.

P: Porque não deve, não é e não deve estar sendo fácil o que você passou e o que a sua família está passando lá.

E: Olha, o pessoal, a maioria Sírios que eu conhece aqui, está gostando, também.

P: Vocês se encontram bastante? Tem uma comunidade.

E: Na mesquita encontra muito.

P: Na mesquita.

E: Num passeio, se você for em um parque. Parque bom...center norte. Aquele mercadão. Encontra muito, porque é perto do Brás. Brás te muito...

P: Da 25 de março.

E: 25. Tem muito pessoal árabe. E você dá para ver na cara deles tem a raça de árabe.

P: Dá. Tem bastante árabe aqui.

E: Sim.

P: Mas que bom, Mohamad. Fiquei feliz. E obrigada por você ter disponibilizado tanto tempo do seu dia para falar comigo.

E: Imagina. Eu gosto de falar. Eu falei. Eu gosto de falar sobre mim, meu país.

P: Muito incrível a sua história. Gostei de ouvir. É legal você contando, a gente se envolve ouvindo.

E: É bom, muito bom.

P: E você tem uma memória boa, aí você vai contando tudo da história.

E: Graças a Deus. Tem uma coisa engraçada, minha tia, eu fui no primeira vez na mesquita, foi com o filho dela, levou a gente. Na próxima não tem ninguém leva ela. Eu falei "eu vou. Eu conheço. Eu lembro".

P: Já lembrava como que ia.

E: Eu fui. Ela ficou assustada "nossa. Você parece que faz tempo aqui".

Transcrição – Entrevistas

Legenda:

P – Pesquisadora

E – Entrevistado (a)

A – Cunhado da entrevistada

A2- Marido da entrevistada

1º contato – 21/4 – 6ª feira – 18:00 - Rahaf- aproximadamente 50 minutos.

- Mohamad me acompanha neste primeiro contato com Rahaf. Apresento à ela o termo de consentimento, quando leio o que está escrito, Mohamad traduz o que falo

para o árabe, fazendo Rahaf ter uma completa compreensão do documento. Estão presentes na sala, Mohamad e um dos filhos de Rahaf.

(Assinando os termos de compromisso)

E: Só nome?

P: É, aqui sim, aqui a mesma coisa.

P: Como fala? (Peço para me explicar como fala o seu nome).

E: Rahaf Alaseeri.

- Repito o nome dela, e neste momento, o filho dela começa a balbuciar algo, Mohamad diz que ele está tentando me falar o seu nome. Eu respondo falando o meu nome, e a criança tenta repetir.

E: Rahaf Alaseeri- ela repete para mim novamente.

P: Rahaf Alasseri

E: Alaseeri em árabe é suco!

P: Suco?

E: Sim.

- Uma das crianças começa a repetir o que a Rahaf fala e começa a falar algumas coisas que em árabe, que não compreendo.

P: E aqui o seu nome de novo e a sua assinatura se você tiver.

E: Tá.

A: O nome dela é difícil. Quando ela tava grávida, e a gente estava do hospital, ninguém consegue falar " Rahaf", falava "Ráráf".

P: Tá certo. Aqui eu vou assinar o meu nome. Mohamad você pode assinar aqui como testemunha?

A: Sim. Esses dois?

P: É, aqui o seu nome e a assinatura.

P: E tem muita criança que mora aqui no prédio?

E: Tem muita. Todo mundo senta ali embaixo e fica brincando. Muito bom. Acho que hoje...

A: Feriado, todo mundo viajou.

P: Sim, é feriado.

- Terminamos a assinatura dos termos de compromisso.

A: Ela é prima de minha família também. Ela é sobrinha de minha mãe.

P: Ahh...

A: Minha mãe o sobrenome dela é igual.

P: O seu é como mesmo?

A: Kabash.

P: Kabash.

E: Kabash.

P: Então, ela é filha da sua tia?

A: Não, do meu tio, irmão da minha mãe.

P: Então, vocês são primos.

A: Sim.

P: Bom, assim...não sei se o Mohamad te explicou, serão dois encontros que a gente teria, hoje e mais outro, e aí marcaríamos em algum horário, dia, que você pudesse, da sua preferência.

- Mohamad traduz o que eu falo para ela.

E: Tá bom.

P: E hoje, seria alguma coisa mais rápida, só para nos conhecermos um pouco, vou fazer poucas perguntas, e no outro encontro, terão mais perguntas, aí a gente conversaria melhor.

E: Tá bom.

P: Entendeu?

E: Entendeu.

P: Tá. Primeiro, quantos anos você tem?

E: Idade?

P: Isso, qual é a sua idade?

E: 22.

P: Você também é de Damasco, Síria?

E: Damasco.

P: Quanto tempo você está aqui no Brasil?

E: Três anos e três meses.

P: Lá na Síria, você estudo até quando? Você fez escola até o final? Você fez faculdade?

E: Não entra faculdade. Eu estuda só dez.

- Ela fala em árabe para o Mohamad.

A: Tem sete, depois...

P: Oitava e depois o primeiro colegial. É isto?

A: Isso.

P: Faltava dois anos para você se formar é isso?

E: Sim.

P: Então, você fez o primeiro colegial?

E: Fez.

P: Tá... Você é casada?

E: Casada.

P: Há quanto tempo?

E: Cinco anos.

P: E você tem dois filhos né?

E: Dois, sim.

P: Ele que tem 5 anos?

E: Não, fazer cinco anos, agora quatro. Outro dois anos.

P: Um nasceu na Síria? E outro...

E: Outro brasileiro.

P: Quando ele chegou da Síria, quantos anos ele tinha?

E: Vem aqui, um anos e meio.

P: Um ano e meio. Aqui no Brasil, você está trabalhando?

E: Não. Fica a casa.

P: E o seu marido trabalha?

E: Trabalha. Ele trabalha pintura.

P: Ele é pintor?

E: Pintor.

P: Bom, o que eu vou pedir para você, para o nosso próximo encontro.

- Marido de Rahaf chega na casa.

A2: Oi.

P: Oi, tudo bem? Prazer, Isadora.

A2: Isadora. Tudo bem.

P: Então, o que eu ia pedir pra você, para o nosso próximo encontro, é o que eu pedi pro Mohamad, das fotografias. Vou deixar com você, essa câmera.

E: Tá bom.

P: É o seguinte... eu quero que você tire fotos que você acha que expressam o que é ser refugiado aqui no Brasil. Pode ser uma, podem ser duas, quantas fotos você quiser. E não tem uma foto certa ou errada, pois não tem como eu falar como tem que ser essa foto, porque eu não tenho essa experiência de ser refugiada. Então, não tem certo e errado, é o que você quiser, pode ser a foto de alguma coisa, pode ser uma foto sua, de outra pessoa. O que você quiser, da forma que você parar pra pensar nesses dias, quero tirar foto disso, porque acho que isso que representa. Aí no nosso próximo encontro, a gente conversaria sobre isso, e um pouco com era sua vida lá, como é a sua vida aqui. Entendeu?

E: Mais ou menos.

-Mohamad e ela conversam em árabe.

A: É a mesma coisa, ela tem fotos. Se você quiser fotos.

P: Ah sim, mas...

A: Você prefere que ela tire foto?

P: Sim. Eu acho assim, o Mohamad ele não tirou as fotos, pois ele tinha esquecido, aí ele quis mostrar algumas fotos antigas que ele tinha no celular. Pode ser também, mas eu acho que seria legal, se você tirasse novas fotos, pensando nisso. Por isso, você tem alguns dias para isso.

- Mohamad e ela conversam novamente em árabe.

E: Tá bom.

P:São fotos da forma que você quiser.

- Mohamad e ela conversam novamente em árabe.

E: Tá bom.

P: Por exemplo, às vezes pedimos para as crianças desenhar algo, para expressar algo. Nesse caso, seria você tirando uma foto, se expressando, o que é pra você ser refugiado.

E: Tá bom.

P: A câmera é bem fácil de usar, aqui liga e desliga, para tirar foto é aqui. Se você quiser ver a foto que você tirou, clica aqui, e caso você queira apagar é nesse botão que tem um lixo desenhado.

E: Tá bom.

- Mohamad e ela conversam em árabe.

P: Se você não se sentir bem com a sua câmera, e quiser tirar com o seu celular, tudo bem. Mas é fácil de usar.

E: Fácil.

P: Bem fácil.

E: Tá bom.

A: Esse que eu expliquei, que ela viu o filho tá fazendo foto, tá brincando, por exemplo. Do jeito que ela gosta né?

P: Sim. É o que você quiser; a escolha da foto nessa pesquisa, é porque é diferente de uma entrevista com perguntas, onde ao fazer alguma pergunta, eu já vou direcionando mais ou menos a resposta, a foto pode ser aberta, não tem certo ou errado, você pode tirar foto do que você quiser, pois é como você se expressa nisso. E também, como eu falo português e vocês árabe, é uma forma de vocês se expressarem da forma que vocês quiserem nas fotos. Então, por isso eu escolhi a foto e também a conversa, com a entrevista. Eu posso tirar a foto dessa televisão pra mim, por um motivo, e pra você, tem outro significado.

A: Entendeu?

E: Entendeu.

- *Mohamad, ela e o marido, conversam em árabe.*

A: Eles estão falando que tem uma foto, pessoal brasileiros que vem pra cá, visita deles.

A2: Visita deles, e isso fica muito feliz.

P: Sim

A: É que eles tava em outro país, outra pessoa. É esse...

P: Sim, é como ela enxerga.

A: Isso, isso. É o que eu to falando pra ela...

P: O importante é falar pra ela, que eu te falei, que não tem certo e nem errado. Não tem uma foto, que eu vou falar é certo.

- *Mohamad, ela e o marido, conversam em árabe.*

A2: Eles quer mostrar essa foto pra você, porque eles ficou muito feliz.

P: Tá.

A: Porque o pessoal chegaram aqui, que ele trabalho em um negócio pra um pessoas brasileiras, que o pessoal quer visitar eles na casa.

A2: Sim, não entendeu tudo da língua, mas chegou...

A: Eles não falam direitinho, outros vem e visitou e chamaram eles pra visitar a casa deles.

P: Vocês foram na casa deles?

A2: Uhum.

A: Mas não deu certo, que eles não conseguiram foto, que eles ficaram muito feliz nesse foto, que eles apresenta foto pra você que ficou...

P: Aham, muito feliz.

A: Isso... Mas mesma coisa, dá pra ela apresentar esse foto e outras.

P: Sim, ela pode apresentar quantas ela quiser.

E: Olha. Essa brasileira...

P: Essas duas?

E: Duas.

P: E é na casa deles?

E: Aqui.

P: Ah, é aqui.

E: Ela é amiga de Síria também, ela e o marido dela.

P: E esse é ele pequeno? (Aponto para seu filho que está na sala).

- Nesta hora, seu outro filho, o mais novo, entra na sala, no colo do pai.

E: Ele.

P: Que bonitinho.

- *Continua me mostrando a foto*

P: Ele também come outra comida.

- *Mohamad e ela conversam em árabe.*

A: É, comida que eles fizeram. Aqui, todas as comidas aqui foram árabes né? Porque elas não conhecem.

P: Ah, vocês que fizeram as comidas.

A: É, eles ficaram feliz também, o pessoal que veio. Como eu falei pra você, que ela não tem muito parente aqui, esse aqui quer conhece mais pessoa, visita eles, visita ela.

P: Sim, legal. Tá todo mundo feliz na foto.

A2: Ah, sim.

A: É, por isso que ela lembrou agora.

A2: Essa foto, porque eu feliz... porque pessoas ela é boa, ela... como chama.

E: É muito bom.

- *Mohamad, ela e o marido, conversam em árabe.*

A: E eles não conhece, primeira vez que chamou eles, e eles vem.

A2: Sim, eles vem. Tendeu? Estrangeiro e brasileiro, e ele fica não tem diferença pra estrangeiro refugiado pra brasileira, aqui não tem. Essa outra pessoa, na Europa, tem. Tem pessoas pra lá, ele tá falando "você é refugiado", entendeu?

Enquanto seu marido estava falando comigo, Rahaf estava mexendo no seu celular. Me mostra algumas fotos.

E: Olha, também essa. Essa também é brasileira. Ele vai...

- *Mohamad e ela conversam em árabe.*

A: Ele vende frutas.

P: E vocês conheceram eles aonde?

E: Paulista.

P: Ah, na paulista.

E: Esse também é minha vizinha.

P: Ah, Shawarma?

E: Esse, shawarma.

A: Meu irmão trabalha lá.

P: Na Paulista?

A2: Perto da Brigadeiro.

- *Mohamad e o marido de Rahaf colocam no google para ver qual é o endereço do restaurante do irmão.*

E: Olha, essa também.

- *Ela começa a conversar em árabe com Mohamad.*

A: Esse também é na virada de ano. No Natal né?

E: Natal.

A: Aqui, acho que umas cinco vizinhos, vem pra cá e deu para criança.

P: Que ótimo. Bom, eu vou deixar a câmera com você. E quando você quer marcar para nos encontrarmos novamente? Quando você pode?

- *conversa em árabe.*

A: Ela não tem problema, ela tá em casa direto.

P: Mas você tem alguma preferência?

- *conversa em árabe.*

A: Por que na próxima, Mohamad na escola e o outro dormindo, pra vocês conversarem melhor.

P: Ah sim. Que horas ele vai pra escola?

A: De manhã, até às 17:00 né?

P: Ah, ele fica o dia inteiro?

A2: Não.

E: Ele volta um hora.

A: Se você puder pra você de manhã, mais fáci pra vocês dois.

P: Uhum, é bom de manhã pra você?

E: Bom. Amanhã?

A: Não, amanhã. De manhã.

P: Não, não, de manhã, outro dia.

A: Você vê dia que é melhor pra você e você tenta contato.

P: Posso pegar o seu número de celular e a gente combina?

E: Sim.

A: Olha, por exemplo, você mandou e ela não entendeu, você me manda.

P: Tá bom.

- Anotei o telefone em meu caderno.

P: Eu vou ver qual dia é melhor pra eu vir e eu te mando mensagem.

E: Sim.

A: E se ela não entender, ela manda pra mim.

P: Tá.

A: Mas ela entende.

E: Tá bom.

A: Eles faz tempo, porque a gente querendo que ela conheça pessoal e ela quer, aí ela aprende mais falar. Agora se você ficar em casa, sozinha, é tipo eu, eu aprendi, porque tem muita gente falando português, no restaurante. Eu fiquei mais ou menos, um mês, em casa de tia, tudo árabe.

P: E vocês só falam em árabe entre vocês?

A: Só árabe na casa dela. Então, fica complicado, você fica atrasado pra falar a língua, fora que estuda. Quem estuda, vai aprender mais rápido a língua. Ela, com as crianças, não dá pra ela estudar,

P: Mas tem uns lugares que dão aulas de Português né?

A: Tem. Lá perto do restaurante tem.

P: Sim, o bibliaspa.

A: Isso.

P: É, as vezes dá pra ir, se conseguir, na parte da manhã.

A: Acho que ela tá indo né?

- *falas em árabe.*

E: É sim.

P: Ah, você tá fazendo?

A: Todo sábado.

P: Aonde que você tá fazendo?

E: Perto da São João.

P: É na Addus?

E: Addus.

P: Conheço, lá também tem aulas que refugiados são os professores né?

E: Sim.

P: Bom, essa outra via, outra folha, fica com você. Coloquei meu celular também na folha, caso você tenha alguma dúvida e queira falar comigo.

E: Tá bom.

P: Você ficou com alguma dúvida?

E: Dúvida ?

- Mohamad explica pra ela em árabe.

E: Não, entendeu tudo.

P: Se você precisar de alguma ajuda, tiver alguma dúvida, pode me mandar mensagem, me ligar.

E: Ah, tá bom. Toma café?

P: Eu tomo.

- A partir desse momento, ela levanta pra ir na cozinha, e eu começo a conversar com seu marido e o Mohamad. A entrevista acabou, já foi feita as perguntas para este encontro, mas o gravador continua gravando a conversa. Irei transcrever apenas uma parte, que está conversando eu e o Mohamad, que julgo ser importante para a pesquisa.

A:...tudo tem coisa de religião. Mas, também a gente sempre conversa, tem um pessoal que pergunta. A gente mostra que a religião de nós, não é assim difícil. Bem simples, e tá pedindo coisa, tudo pra mudar erro. Tudo pra machucar ninguém. Entendeu?

P: Uhum.

A: Mas tem pessoal, hoje em dia, todo mundo sabe que chama Estado Islâmico, Al Qaeda. Esses povo, não tem nada a vê.

P: Sim, e as pessoas confundem...

A: É, e não tem nada a vê nem um por cento, com religião de nós. Porque, a religião de nós fala, você não pode matar ninguém, ninguém, ninguém... Foi lá e matou o seu irmão, tem justiça, não pegou justiça, tem Deus. No primeiro lugar tem Deus, mas tem justiça, tem polícia, tem muitas coisa. Você não pode, vai lá, mata, seu pai, seu irmão, seu mãe, seu filho. Entendeu? Não tem direito de matar. Hoje em dia, usa o nome de religião, usa nome de nossa religião, esse que a gente fica triste, fica nervoso. Acima de tudo isso, a gente reza pra Deus, que mostra pra outros povos,

pra outros religião, que a gente não é assim. É... aqui no Brasil, você não sente aquele, " ah você é muçulmano". Na Europa...

A2: Tem muito.

A: O americano que nasceu lá e virou muçulmano, eles faz mal pra gente. Ele não é de família árabe, que vem...Não, ele é americano, mãe e pai dele americanos, mas ele virou, e o pessoal não faz mal pra ele. Olha por exemplo, se eu fosse brasileiro e veio ...por exemplo, o brasileiro tá aqui, o país dele é estrangeiro, ninguém fala mal de ninguém. Mas esse pessoal de lá, dos Estados Unidos, por exemplo, vamos falar...as vezes vai lá na Síria, na Síria não tem guerra, ou no Líbano, sei lá. Por que o povo árabe, ou muçulmano, não trata mal deles? Por que? Agora, o árabe vai no Estados Unidos, eles falam " terrorista", deixa ele no aeroporto 10 horas, sei lá. Mas quando eles vai pra lá...Agora, os americanos vai na Síria, ninguém mexe com eles, ninguém fala " ah, você é americano, você vai me matar", mesmo que eles fala de nós. A religião fala,não pode, não pode fazer isso. Esse cara tem que ir lá pra visitar o seu país, pra conhecer seu país, não pode você tratar ele mal. A gente tem confiança. Então, esse que deixa o pessoal, que sempre tem problema. Eu encontrei com americano, uma vez aqui no Brasil, mas achei tão diferente de outros, porque nunca fui lá, e acho que nunca vou conseguir ir lá.

2º contato – 27/4 – 5ª feira – 10:30 - Rahaf- aproximadamente 70 minutos.

- Neste dia, está em sua casa, apenas ela e seu filho mais novo.

P: E você conseguiu tirar as fotos?

E: Não, só um. Sabe por que? Eu medo vai pra lá, tem la- rão ?Larão?

P: Ladrão ?

E: Ladrão. Mas tem foto minha celular.

P: Tá. Mas você tirou alguma aqui?

E: Só uma aqui.

P: Tudo bem. Posso ver?

E: Sim.

P: Você ficou com medo de pegarem a câmera?

E: Medo, mas celular tem.

- ligo a câmera e vou para a biblioteca de fotos.

E: Aqui, Mohamad fazer feira.

P: Ah, você tirou foto dos seus filhos. Essa e essa.

E: Fazer feira.

P: Eles estavam brincando de feira?

E: Feira... venderam.

P: Ah !! E porque que você acha que essas fotos, dos seus filhos, representam pra você, a questão de ser refugiada aqui?

E: Por que ? Ele olha rua aqui que fazer e ele fazer aqui em casa igual.

P: Então, você ta falando que eles vêm na rua isso e querem fazer aqui igual?

E: Sim.

P: E você consegue me explicar, o porquê que você quis tirar a foto deles brincando de feira? Por que você quis tirar foto dos seus filhos?

E: Porque esse é diferente pra lá, pra Síria não tem feira, tem só lugar, ah...só loja.

P: Na Síria...

E: Síria. Loja tem frutas, uma coisa, mas... não tem feira pra lá.

P: Entendi. E tem feira aqui perto?

E: Sim, aqui... onde tem essa...

P: Essa praça?

E: Praça, isso.

P: E tem uma feira lá?

E: Feira.

P: E vocês sempre vão na feira?

E: Sim. Todo sábado.

P: Todo sábado vocês vão... E você não conhecia como era uma feira?

E: Não, da Síria não. Compra loja.

P: Sim. E é alguma coisa que você acha que representa então, porque é alguma coisa do Brasil, e seus filhos estão fazendo?

E: Sim, fazer igual.

P: Interessante. Ficou muito fofa as fotos, depois eu posso te passar essas fotos.

E: Tá bom.

P: E tem mais alguma coisa que você gostaria de falar dessas fotos?

E: Não entendi.

P: Tem mais alguma coisa que você acha... que poderia falar dessas fotos. Você contou que quis tirar essas fotos dos seus filhos brincando de feira, porque é algo que não tem na Síria, e eles vêem na rua e eles trazem que é algo do Brasil, querem brincar de feira.

E: Sim...

P: E tem mais alguma coisa?

E: Não, acho que não.

P: Tá bom. Tem mais alguma foto, que você falou, do seu celular, que gostaria de mostrar?

E: Tem.

P: Tá... Naquele dia você mostrou vocês almoçando com algumas brasileiras.

E: Comida.

P: É, você mostrou uma foto com os amigos aqui na sua casa.

E: Sim, tem amigos brasileiros, tem aqui minha vizina. Ela também é muito bom.

P: É...

E: Ela sabe...eu vou aqui estrangeiro, ela me ajuda muito. Eu não sabe tudo, onde é essa aqui, onde é...

P: E ela te ajuda...

E: Muito.

P: Que bom. Então, mas eu gostei muito das fotos das crianças, era isso mesmo. Não tem um certo ou um errado, mas se você quiser mostrar mais alguma, que você comentou, que tem no seu celular...

E: Tá bom.

- ela fica mexendo no celular por um momento.

E: Olha,ele volta de escola.

P: Ah, na chuva...

E: Chuva. Ontem essa.

P: Que fofo.

E: Olha essa, é o vai...tem... uma amiga ela fazer muita coisa de refugiados, tendeu? Ela fazer essa vai tudo refugiado vai pra Rio de Janeiro.

P: E você foi?

E: Foi, essa. Fiquei pra lá cinco...cinco dia.

P: Que legal.

E: Ela vai aqui, sobe e desce...

P: No Cristo Redentor...

E: Sim. Também praia, parque, muita coisa.

P: E você foi com seus filhos. Seu marido foi também ?

E: Não, não tem menino.

P: Ah, e você gostou de ir?

E: Muito, muito bom. Essa menina muito bom, ela fazer muito coisa refugiado. Antes também, ela leva tudo refugiado pra cinema, criança, ela fazer também...médicos, dente de criança. Ela ajuda muito refugiados.

P: Sim, ajuda muito os refugiados. E vocês foram todos para o Rio de Janeiro?

E: Sim, não só Síria, tem africano?

P: Sim, tem.

E: Tem também, não só Síria.

P: Tem refugiados de outros lugares também.

E: É, todo mundo.

P: E por que você quis mostrar essa foto?

E: Pra ver que aqui no Brasil, todas as pessoas são boas, fomos ao Rio e não vai pagar o dinheiro, tudo isso livre, porque temos lamentou refugiados, para ver a beleza do Brasil...quero dizer que gostaria de ser feliz no seu país.

P: Ah entendi, que bom Rahaf. E como foi pra você conhecer o Rio de Janeiro? Gostou?

E: Muito, nossa muito lindo.

P: É bonito lá.

E: Você vai?

P: Já fui, duas vezes. Gostei também

E: Ah...bonito muito.

P: A foto dos seus filhos no Cristo tá muito boa.

E: Pra lá não tem esse, é diferente... Olha, tem muito...

P: Criança...

E: Criança, tudo criança. Sobe da cima, é tudo...como fazer...caneta?Canta?

P: Microfone.

E: É. Tudo fazer música. Tendeu?

P: Entendi.

E: Olha, espera...

- começa a mexer no celular

P: Depois, essas fotos que você está mostrando no seu celular, você pode me passar no Whatsapp?

E: Tá bom.

P: Eu te lembro.

E: Tá bom... olha, isso tudo é refugiado. (Me mostra uma foto do facebook da página da Ikmr, com as crianças no cristo redentor, no dia que ela foi).

P: Ah, é da Ikmr...

E: Tem festa.

P: Você está nessa foto?

E: Tem outra... eu não.

P: Muito bonita essa foto.

E: Linda.

P: Essa foto foi tirada quando você estava no Rio de Janeiro?

E: Sim. Tudo roupa branco.

P: Legal.

- Rahaf fica mexendo no celular e falando com seu filho em árabe, que está no seu colo.

E: Olha essa...sobe. (Está me mostrando as fotos que estão na página do Facebook, deste encontro)

P: Que linda, foi bastante gente.

E: Sim. Dois ônibus.

P: Quando vocês foram? Foi neste ano? Em 2017?

E: Acho que abril.

P:Deste ano?

E: Ano.

P: Faz pouco tempo...

E:Tempo pouco.

P: Foi nesse mês então.

E: Hãn?

P: Estamos em abril, final de abril, então, você foi no começo de abril?

E: Não. Acho que mar..

P: Março.

E: Março.

P: Entendi.

- Ainda vendo as fotos deste dia.

E: Muito bom. Tudo criança feliz.

P: Muito legal... Bom, eu tenho algumas perguntas hoje pra fazer. Se você não entender alguma coisa, me avisa.

E: Tá bom.

P: Você contou que está aqui há três anos e três meses.

E: É.

P: Eu queria saber um pouco, como era a sua vida na Síria. Escola, trabalho, família.

E: Agora?

P: Não, quando você morava lá.

E: Tudo família pra lá. Mora, tudo família. Mora junto, mas depois guerra, deixa cidade, deixa minha casa, deixa tudo, vem embora outra cidade.

P: Você morava em Damasco?

E: Damasco. Não...antes, minha casa não Damasco. Cidade perto Damascos...Mas tem muito problema pra lá, ela...tem muito bomba, morreu muito pessoal. Pessoal morreu muito. Eu deixa e vem embora. Tendeu?

P: Sim. Você trabalhava lá?

E: Não trabalha, estuda.

P: Você estudava lá?

E: Estuda pra lá...mas...é...deixa também escola, tudo (...).

P: Tudo o quê?

E: Esse.

P: Tudo papel?

E: Sim, da escola. Escola fachado, vou embora.

P: Não tinha mais como estudar?

E: Não. Eu vam, deixa essa minha casa, eu vam morar em Damascos.Tava muito difícil. Eu mora junto minha irmão, irmã, sabe? Vinte pessoal mora só essa...

P: Em um quarto, vinte pessoas?

E: Vinte. Dormir de chão, tudo. Não tem...casa.

P: Mas era todo mundo da família ?

E: Todo mundo família.

P: Morando no mesmo quarto...

E: Mesmo quarto. Não tem dinheiro, lava...não tem dinheiro aluga casa sozinho. Meu esposo não trabalho. Tendeu? Tem guerra, não tem dinheiro, tem muito nervoso pessoal. Não tem pessoal fazer pintura. Só comida. Só.Minha esposo (...)

P: O que?

E: Um anos no trabalho.

P: Sem trabalho um ano?

E: Sem. Depois do trabalho, ah...uma carro ele "lavamistura", tendeu?

P: O carro, o quê?

E: Carro, ele ajuda...tem casa quero lavar essa, outro casa, depois, ah....medo. Pra lá, tem difícil...difícil...hm..não tem (...), como chama menino grande?

P: Adolescente?

E: Não. Mas precisa todo mundo, menino vai guerra.

P: Pro exército?

E: Leva polícia.

P: Com 18 anos?

E: 20 anos à 40 anos

P: Tem que ir pro exército, pra guerra..

E: Sim, todo mundo. Medo de levar, deixa tudo e vem embora aqui. Não tem só Brasil, fecha, abre, entra refugiado. Não tem. Tem cidade...não cidade. País árabe tudo fechado. "Gerdon","gerdon"...

P: "Gerdon" é o que?

E: "Gerdon" é perto de Síria...

P: Ah, Jordânia?

E: É...Jordânia.Tá fechado, Egito fechado.

P: Não estão recebendo refugiados?

E: Só Brasil abre refugiados. Alemanha é muito difícil.

-bebê começa a chorar e ela o acalma.

P: E antes de você vir pra cá, você estava na escola?

E: Eu sim.

P: E você ficou um tempo sem estudar lá? Depois que começou a guerra...

E: Não. Fazer guerra, tudo pessoal, medo sai de casa. Perigoso. Tem bomba caio, não vai em nada. Eu também casada, deixa.

P: Sim...perigoso.E antes de começar a guerra, o que você achava de como era a sua vida lá?

- Faz uma feição de desentendida.

P: Antes da guerra começar...

E: Sim.

P: Quando não tinha guerra...como era lá?

E: Muito bom, muito bom antes. Mas fazer guerra tudo...Antes, muito bom, tem trabalho, não tem caro, aqui Brasil tudo caro, tudo muito caro. Fralda, leite, criança roupa, tudo caro.

P: E lá era mais barato?

E: É pra lá, é. Trabalho tem muito, compra comida, aluga casa. Muito bom.

P: Você gostava antes?

E: Gostava. Sim.

P: E o que você pensa do seu país agora?

E: Eu espera acabo guerra, quero voltar.

P: Você quer voltar?

E: Sim. Melhor lá pra mim

P: Entendi. E você deixou a Síria, por conta da guerra né?

E: Sim.

P: E como você escolheu vir para o Brasil? Por que o Brasil?

E: Por que Brasil? Só Brasil, ela entra refugiado. Por que eu vim aqui?

P: Isso.

E: Sabe, só Brasil deixa refugiado entra, todo mundo fechado.

P: Sim. Mas quem te disse do Brasil ? O seu primo já estava aqui não?

E: Sim. Cunhado.

P: A escolha foi por meio dele, que vocês viram que tinha a possibilidade de vir para o Brasil? Porque já tinha alguém da família aqui?

E: Sim, ele vai primeiro, Mohamad, depois falou meu marido, "que ta esperando, vem família ou vai. Deixa tudo e vai". Eu deixei tudo.

P: E como foi esse deslocamento da Síria para o Brasil? Você veio de avião?

E:Avião, sim. Eu tem aqui, tia marido, sabe? Agora trabalho Mohamad.

P: Sim, a dona do restaurante.

E: Essa ela me ajuda.Ela paga avião eu venha aqui. Ela ajuda.

P: A tia do seu marido ajudou com a passagem de avião...

E: Sim, ajuda. Ela paga tudo. Eu não tem dinheiro. Tá tudo...

P: E como foi pra você chegar no Brasil? O que você achou? Há três anos atrás...

E: Ta muito triste deixar sua família, deixa minha mãe, deixa irmã, deixa país.

P: A sua família ficou lá?

E: Ficou lá. Só eu e marido.

P: Então, quando você chegou, você ficou muito triste?

E: Triste...

P: Você não ficou feliz em ter saído do seu país?

E: Não...também aqui muito frente pra lá.

P: Oi?

E: Tem tudo frente...de frente ?

P: Tem tudo frente? Calma.

E: Na frente.... diferente.

P: Ah, aqui é tudo diferente de lá.

E: É, tudo. Língua, comida...pessoal, roupa...hã...espera.

P: Religião?

E: Religião.Tudo.

P: Tudo muito diferente. E você sentiu essa diferença quando você chegou aqui?

E- feição de não entendimento.

P: Essa diferença te assustou?

E:Sim, tá muito diferente. Tudo.

- Seu filho está brincando no tablet e puxando ela, ela conversa com ele um pouco em árabe.

P: Você falou que tem bastante diferença entre a Síria e o Brasil...

E: Sim

P: Tem alguma coisa que você acha que é parecido entre os dois países? Alguma coisa que é igual?

E: Hm...acho que não

P: Você acha que é tudo diferente?

E: Tudo...Pra lá, da Síria muito buquino, aqui Brasil grande.

P: Pequeno...

E: Quero vai mesquita uma hora, nossa, muito, muito tempo.

P: Muito tempo.

E: Agora normal.

P: Você já está se acostumando?

E: Acostumando agora, já três anos. Precisa acostumando.

P: E o que você acha que são as suas maiores dificuldades em ser refugiada, estar em um novo país.

E: Não tende.

P: É...aqui no Brasil, pra você... o que você acha que são coisas difíceis pra você? Entendeu?...O que é difícil pra você?

E: A língua...a língua.Agora também minha filho da escola, muito difícil eu leio...

P: Lição de casa...

E: Eu muito difícil estudar pra ele, não sabe. Tendeu? Também...muito difícil, vai hospital, não tende tudo. Eu sabe mas não todo.

P: E como você aprendeu Português? Como você está aprendendo desde que você chegou?

E: Sozinho aprendeu. Não vem curso, não vem...sabe, tem dois filhos, não posso. Difícil. É..mas, eu escuto rua e aprende pouco.

P: Pela internet também?

E: Internet também....youtube... Eu não tende tudo, não tendeu tudo mundo, tem pessoal falou muito, muito...

P: Muito rápido.

E: Muito rápido também, sim.

P: E você acha que é difícil a língua, por conta do seu filho estar na escola aprendendo português...

E: É, essa é muito problema, é o medo também.

P: Medo?

E: Medo.

P: Do que?

E: Medo depois Mohamad grande, eu não sabe estudar pra ele.

P: Entendi. Você tem medo de não conseguir ajudar ele, por conta da língua.

E: Certo.

P: E ele já ta aprendendo o Português ? O Mohamad...

E: Sim, ele predeu, mas precisa ajuda sua mãe. Precisa, ele é pequeno... Mas, ah...que que fazer?

P: Você não está fazendo nenhuma aula de Português né?

E: Não, não fazer. Tá muito difícil, dois crianças.

P: É talvez quando o menor começar a ir pra escola... mas será que não tem ninguém que possa vir aqui, te dar aula?

E: Tem agora menina minha...minha...ajuda, ela vem aqui, dá pra mim estudar. Tendeu? Aula.

P: Sim.

E: Ela fazer aula. Amanhã primeiro dia.

P: Ah, bom !

E: Muito bom.

P: Porque aí você vai exercitando...

E: Mas não mesma brasileiro, eu estuda muito, muito, muito...predeu muito, não é igual você sabe tudo. Tende?

P: Ela é brasileira?

E: Ela brasileira. Mas eu fala, eu estuda muito, predeu muito, não sabe tudo.

P: Ah, mas tem como melhorar bastante.

E: Melhora sim.

P: Quando você vai aprender uma nova língua, é difícil, mas estudando e praticando, você consegue.

E: Difícil também.

P: Sim. As vezes ajuda ver algumas coisas em português na tv, escutar música...

E: Também. Sim.

P: Vai ajudando...

E: Mas difícil estudar minha filho.

P: Sim.

E: Diferente...eu escuta aqui, escuta rua, mas...difícil ler.

P: E ele tá trazendo pra você as lições da escola? Tá pedindo ajuda?

E: Sim...

P: E o seu marido também não consegue ajudá-lo?

E: Não, não sabe muito também. Ele sabe só pintura.

P: Só o que ? Ah...pintura.

E: Só trabalho dele.

P: E tem mais alguma dificuldade, além da língua? Que você sente...alguma coisa que é difícil.

E: Acho que não.

P: A língua é o que é mais difícil pra você...

E: Difícil, muito.

P: No seu país vocês tem muitas tradições, práticas da cultura. Você entende?

E: Não.

P: Hm... tem algumas práticas da Síria, que você mantêm aqui? Da sua cultura...

E: Cultura?

P: Cultura...deixa eu ver. Eu tenho a cultura do Brasil e você tem da Síria, entende?

E: Espera...escreve aqui.

- Rahaf me passa seu celular, para eu escrever no tradutor. Escrevo a pergunta em Português, "Tem algumas tradições e práticas da sua cultura que você ainda mantém ?", e ele imediatamente traduz para o árabe e ela lê.

E: Ah, tendeu. Sim, tem... aqui tudo árabe.

P: Tudo árabe?

E: Sim. Eu...hm...comida árabe,não comida brasileiro. Roupa...tendeu?

P: Sim.

E: Han...ele prendeu minha família, região minha.

P: Sua religião?

E:Sim.Muçulmano.Ele vai pra mesquita,olha que que fazer, oração.Tendeu?

P: Sim, estou entendendo.

E: Hãn...também...hãn...todo mundo prendeu pra árabe. Criança árabe é igual...

P: Tudo o que você faz aqui ainda é árabe...

E: É árabe. Só ali fora é Brasil, aqui (...)

P: Oi?

E: Só ali fora é Brasil...

P: Ah...só lá fora é Brasil, aqui tudo árabe.

E: Sim. Aqui fala árabe também, não fala português.

P:Dentro de casa vocês falam árabe...

E: Sim. Comida árabe, roupa,religião. Tudo.

P: A televisão árabe também...

E: Árabe também.

P: Música?

E: Tudo árabe.

P: Tudo árabe.

E: Mas...nosso rua brasileiro.

P: Sim...Bom, e desde que você chegou aqui, quais são as suas principais conquistas?

E: Contista?

P: Conquistas.

E: Escreve aqui.

- escrevo a pergunta no tradutor.

E: Ah...não tem.

P: Você acha que não tem?

E: Não...acho que muito bom falar um pouco português...Acho que eu, muito bom prendeu pouco português. Eu volta Síria, minha criança sabe português, porque pra lá não sabe, não tem, só estuda inglês...francês. Só.

P: Lá vocês aprendem inglês e francês?

E: Escola.

P: Sim.

E: Não tem brasileiro.

P: Você sabe falar inglês?

E: Não.

P: Só árabe e português?

E: Sim.

P: Então, você acha que uma conquista foi você aprender uma nova língua ?

E: Sim... Acho que só essa.

P: O re...

E: Não ! Também tem uma.

P: Qual?

E: Essa brasileiro.

P: Ele ser brasileiro...

E: Agora fazer minha filho outro, Mohamad, fazer também brasileiro. Essa é muito, muito bom.

P: Eles serem criados aqui ?

E: Não..essa é brasileiro, fazer minha filha outro, Mohamad, fazer também brasileiro.

P: Ele ter um filho brasileiro?

E: Sim...não, ele Síria.

P: Sim, ele nasceu na Síria, mas você quer que ele seja brasileiro?

E: Sim.

P: Por que você acha que é melhor ser brasileiro?

E: Muito bom, muito bom fazer brasileiro...despos...

P: Passaporte...

E: Forte. Pode entrar, uma coisa Par...

P: Paris...

E: Paris. Ele pode entrar...gente...gete

P: Gete?

E: Igete

P: Igete ?

E: Perto Líbano...

P: Perto do Líbano...Egito !

E: Egito, isso, isso ! Ele pode...essa minha filho entra Egito, eu não posso.

P: Você não consegue...

E: É.

P: É bom, por conta do passaporte...que ele consegue entrar em outros países.

E: Sim... passaporte de Síria, não pode entrar nada. Nã, só Brasil entra...não pode entrar.

P: E como é pra você ter deixado a sua família lá? Sua família ficou lá...

E: Não tendi.

P: A sua família, a sua mãe, sua irmã estão lá...

E: Síria.

P: Estão na Síria.

E: Não, só pai, mãe e irmão, mas tem irmã, tudo tem Egito, uma Líbano, tem uma Jordânia. Tem seis.

P: Cada um está em um lugar...

E: Sim, eu tem seis irmão.

P: E como é pra você, eles estarem lá e você aqui?

E: Por que não vem aqui ?

P: Não, como é pra você é isso...você tá aqui, e eles estarem longe. Entende?

E: Por que eu vim aqui longe?

P: Não...você tá aqui no Brasil...

E: Sim.

P: E eles estão lá...

E: Longe...

P: Como você se sente ?

E: Muito triste, muito, muito saudades pra eles. Muito difícil, eu quero...vai...olha irmão, eu não possa entra.

P: Você não pode entrar...

E: Não, eu Síria...tem passaporte síria, não deixa Síria entrar Egito, tendeu? Não posso também entrar Jordânia...não...é fechado.

- bebê começa a chorar e ela o acalma.

E: Ele pode entrar, eu não.

P: E vocês se falam?

E: Sim, fala whatsapp.

P: Mas dá muitas saudades...

E: Muito, muito.

P: Você fica triste?

E: Muito, muito. Tá muito tempo também, não olha nada...minha família.

P: Não olha ?

E: Não olha nada minha família...

P: Não vê eles pessoalmente, sem ser pelo celular...

E: Sim. Então, três anos, muito...pra lá, pra Síria, diferente pra aqui. Pra aqui tem família...você não quero morar junto seu pai e mãe,pode deixar outro...pra lá não.

P: Todo mundo mora junto...

E: Não tem filhos mora sozinho, não tem. Todo mundo...ela mora sozinha só casada...eu casada, deixa minha família e vai família marido. Tendeu?

P: Sim.

E: Hã...não tem também...

P: Mas não mora só o marido com a mulher sozinhos?

E: Não.

P: Sempre mora na casa da família?

E: Da família...não, pode eu mora com...

P: Com seu marido, sozinha, pode?

E: Pode, mas eu sozinha...não.

P: Ah sim, entendi.

E: Eu não quero morar minha pai, minha mãe, não pode...pra lá não pode.

P: E aqui pode...

E: Aqui pode, aqui filhos vem embora São Paulo...não. Pra lá, não.

P: Você só pode sair quando você casa...

E: Sim, pra lá não pode nada.

P: Não pode nada...

E: Não.

P: E o que você acha dessa diferença, de aqui poder fazer algumas coisas e lá você não pode?

E: Aqui pode e pra lá não pode?

P: É...o que você acha disso?

E: Ah...espera lembro. Acho que tudo diferente, pra lá...hã...mora junto família, só pai compra feira, compra...

P: O pai que faz tudo...

E: Fazer tudo...aqui Brasil, eu fazer tudo. Minha marido todo dia trabalho, eu compra, eu va esse medico. Tendeu?

P: E você acha que o seu relacionamento com o seu marido...

E:Sim.

P: Você acha que mudou alguma coisa, de quando vocês moravam juntos na Síria pra agora, aqui no Brasil?

E: Sim, muito.

P: Mas o quê ? O que você acha que mudou ?

E: Se melhorou?

P: Se melhorou ou piorou...

E: Não...acho que aqui bom, também pra lá bom.

P: Então, você acha que não mudou muito a relação de vocês?

E:Sim, mudou. Aqui...sabe uma coisa que só difícil...saúde Brasil.

P: Saúde.

E: Saúde. Muito...vai dá saúde, espera dois hora, muito tempo. Tem febre, tem tosse...ele...minha criança fome, eu espera ela. Tendeu?

P: Você acha que tem muita espera...

E: Espera...

P: Você acha que a saúde não é muito boa...

E: Não, não boa.

P: E quando vocês são atendidos...você leva ele no médico, como é essa questão da língua?

E: Eu falo pouco, sabe pouco, mas também...médico...ela tendeu, ela fala pra mim divogado?

P: Devagar...

E: Devagar...hãhã...ajuda também.

P: Mas então você não sentiu dificuldade com a língua, quando você vai no médico.... das pessoas não saberem.

E: Não sabe...mas eu sabe pouco.

P:Sim.. Você acha que o problema é mais a espera, que demora muito...

E: Sim...Também dente...

P: Dentista.

E: É, dentista...ontem, minha filho, Mohamad, ele dor dente, eu vai pra saúde aqui, o cara vai marca pra mim...marco 23 maio.

P: Daqui um mês...

E: Nossa..um mês espera...ele dor...que que é isso?

P: Bem difícil.

E: Quero vai médico sozinho, tá muito caro...

P: É muito...particular que a gente chama.

E: Sim...muito caro. Eu preciso espera essa, mas criança não posso...dor. Eu acho que posso.

P: Você esperaria...

E:Sim.

P: Mas a criança...

E: Mas criança não. Esse é muito difícil também aqui. Pra Síria não...pra Síria não vai...pra Síria não tem saúde. Na Síria não tem de saúde.

P: Não tem saúde pública?

E: Pública. Tem,mas pessoal não vai pra lá. Tendeu?

P: Entendi.

E: Médico abre sozinho...não caro. Todo mundo vai.

P: Não é caro, dá pra ir...

E: Não caro. Espera 15 minutos, entra direto. Tendeu?

P: Entendi. É mais fácil o acesso a saúde.

E: Sim. Não espera dois hora, não olha.... pra lá, médico é muito barato, dente também. Eu ligo pra médico, minha filho dor, "vem aqui, vem agora". Muito barato, não caro.

P: Sim.

E: Tem saúde, mas não vai pessoal.

P: Saúde pública lá não é boa?

E: Não...boa, bom. Mas, porque não espera o médico barato. Tem pessoal não tem dinheiro, nada, vai na pública, mas muito pouco.

P: Entendi. E escola...a escola que o Mohamad estuda é pública ou particular?

E: Pública.

P: E foi fácil de conseguir vaga?

E: Espera um anos e meio.

P: Um ano e meio.

E: Espera chamado.

P: Você acha que demorou?

E: Não, eu moro Santa Cecília, tendeu? Eu vem aqui, fica espera oito mês, depois chamar pra mim, tem lugar.

P: Sim...mas você acha que demorou muito ou não?

E: Acho que tranquilo, mas médico...muito difícil. Tem dor....mas escola, não. Tranquilo.

P: Ele entrou esse na escola?

E: Sim...tem muita também criança.

P: Tem...

- ela brinca um pouco com seu filho.

P: Você comentou que quando você chegou aqui no Brasil, você estava muito triste, porque tinha deixado a sua família. O que você acredita que mudou desde que você chegou até agora? Entendeu?

E: Não.

P: Quer que eu coloque aqui?

E:Escreve.

P: Tá sendo bom escrever no tradutor né? Ai você entende direitinho.

E: Sim.

- escrevo a pergunta no tradutor.

E: Hãn...aqui Brasil?

P: Pra você...você.

E: Agora...não, vem aqui muito triste,chora, mas...que que fazer? Chorar três anos? Agora, fica tranquilo.

P: Você acha que você ainda tá triste mas...

E: Não posso fazer nada. Não posso. Também voltar Síria, difícil. Tendeu? Vai minha irmã, Egito...não posso. Que que faze?

P: Mas a sua irmã nasceu na Síria?

E: Irmã...menino.

P: Irmão. Ele nasceu na Síria, mas conseguiu ir para o Egito?

E: Sim. Tem uma Líbano, uma Jordânia, e eu aqui.

P: E você aqui...E você fica vendo na televisão as notícias da Síria? O que está acontecendo lá...

E: Sim, tem facebook, olha tudo fazer pra lá.

P: E você fica preocupada quando vê alguma notícia ruim?

E: Tá muito ruim. Eu espera acabo guerra, mas acho que não acabou.

P: Você achou que tinha acabado?

E: Acabado. Aí eu espera acabado, quero voltar, olha minha família, mas...acho que não acabou nada. Ela é muito forte, forte...era pequeno, muito grande.

P: Foi crescendo a guerra...

E: Crescendo a guerra.

P: Começou em 2011 né?

E: Sete anos...fazer sete anos.

P: Bastante tempo.

E: Tempo.

P: E você ficou lá na guerra por 4 anos? Se você está aqui já três anos...

E: Sim, quatro anos.

P: E foi muito difícil ?

E: Muito.

P: Morreram muitas pessoas que você conhecia?

E: Sim, tudo minha vizinha.

P: Morreram?

E: Morreu. Tem...eu...minha família marido, fazer festa, não festa...vista. Eu vou pra minha tia olhar, tendeu? Fala pra mim, " fica hoje, não volta", fica...hã, tia marido..hã...espera.

P:Tá.

E: Eu, sogra, sogro, o marido vai pra tio... olha, estudar, tomar chá, fala não...não quero voltar minha casa, fala, vou dormir, amanhã volto minha casa. Eu dormi em outra cidade, caio bomba gás e tudo morreu. Tendeu? Todo mundo, minha vizinha. Eu olho a televisão, eu olho tudo..olha..eu sabe essa como nome, essa, essa...

P: Você conhecia todo mundo...

E: Conhece, é igual rua..eu tem casa. Tendeu?

P: Igual rua? Como assim?

E: É...essa aqui eu minha casa, aqui bomba...igual aqui rua.

P: Entendi, foi como se tivesse sido ali, perto da sua casa.

E: Eu sabe todo mundo aqui. Tendeu?

P: Entendi.

E: Tem mesquita pra lá, tem...igual aqui, como chama? Trabalho igreja?

P: Trabalho na igreja? Como assim?

E: Tem uma...trabalho da Igreja, eu falo "sher"...todo mundo pergunta, o que fazer região? Espera...

P:Tá.

E: Ele é muito grande, ele sabe todo mundo religião...tendeu?

P: Jesus?

E: Jesus. Igual Jesus, mas muro aberto mesquita, ele morreu, sua marido..não marido, como chama?

P: Esposa. Mas eu não entendi, você contou que jogaram uma bomba, na rua da sua casa, e que morreu os vizinhos...

E: Sim..todo mundo.

P: E ai na mesquita, eu não entendi...

E: Mesquita perto minha casa, ele morreu, tudo família.Tem três filha, filho grávida, sua...esposa grávida.

P: E ele era seu vizinho também?

E: Vizinho também. Todo mundo é sabe como o nome, sabe....todo mundo morreu. Eu acho que eu volta casa, e também morreu. Tendeu?

P: Da sua família morreu alguém?

E: Não...tem...hãhã...acho que não. Mas tem muito menino vai guerra agora.

P: Da sua família.

E: Sua família. Agora, irmão Mohamad...irmã da Síria, marido dela vai guerra.

P: Foi pra guerra. Ele me contou...

E: Contou. Tem muito também...tudo família vai lá guerra.

P: Todo mundo vai pra guerra..

E: Menino.

P: Triste né.

E: Muito

P: As mulheres não precisam ir?

E: Não, não pode.

P: Bom...e Rahaf, como é seu dia-a-dia aqui em São Paulo? O que você faz?

E: O que fazer agora Brasil...

P: O que você faz em seus dias, aqui em São Paulo.

E: Não fez nada.

P: Não, o que você faz...

E: Eu?

P: Sim. Como é a sua rotina? Entendeu?

E: Não.

P: Quer que eu escreva?

E: Sim

- escrevo a pergunta no tradutor.

E: Sem rotina.

P: Não tem rotina?

E: Não. Tá todo dia, eu fica aqui em casa, dando criança.

P: Cuidando das crianças?

E: Só.

P: E nos finais de semana? Você faz alguma coisa, sábado...domingo? Você vai na mesquita às quartas, não?

E: Vai, todo quarta vai mesquita. Também, domingo não tem trabalho, vai pra casa Mohamad, olha irmão marido...ou vai parque, shopping.

P: Então de domingo vocês costumam fazer alguma coisa...

E: Fazer, sim.

P: Encontrar família, parque, shopping.

E: Eu também aqui eu sabe amigas, vai pra ela.

P: Hãn?

E: Tem amiga.

P: Ah, você tem amigas aqui?

E: Tem.

P: Brasileiras?

E: Não brasileiras, Síria.

P: Sírias.

E: Vai pra ela, e aqui.

P: E você gosta...você tem bastante amigas ou não muito?

E: Não muito, só uma.

P: Só uma amiga da Síria que você vai na casa dela...

E: Sim, ela vai aqui também.

P: Entendi. E do Brasil, você tem alguma amiga, que você sempre vê?

E: Brasileira?

P: É.

E:Não.

P: Só mais essa amiga Síria?

E:Sim...Tem amigas brasileiras, mas não muito...

P: Próximas?

E: Próximas...só fez pouca. Só. Também minha vizinha, muito bom, eu falo pra ela, tendeu? Ela ajuda pra mim.

P: Hm...é bom...

E: Muito.

P: É bom conhecer as pessoas, ter amigos, ter com quem conversar...

E: Sim. Aqui Brasil muito bom pessoal, muito, muito bom. Melhor do que Síria. Tendeu?

P: Você acha que o pessoal é muito simpático ?

E: Não...é...aqui minha vizinha, é muito reco.

P: Reco?

E: Reco...rico.

P: Rica.

E: Rica.Ela é muito rica, mas fala pra mim normal, fica aqui...

P: Te trata bem...

E: Pra Síria não. Tem pessoal tem muito rico, muito...(faz o gesto de empinar o nariz)

P: Nariz empinado. Não te trata igual...

E: Não falo muito, não...tendeu?

P: Entendi.

E: Aqui muito bom.

P: Você acha que você foi bem recebida aqui no Brasil?

E: Sim.

P: Teve algum momento, que você sofreu algum tipo de preconceito? Por você ser refugiada, por ser da Síria...

E: Não, não tem. Todo mundo muito bom. Todo mundo.

P: E o Mohamad na escola? Ele já falou que sofreu algum tipo de preconceito?

E: Não, ele...ele falo português da escola, mas...não..muito bom, não falou " essa muçulmano, essa refugiado". Não. Tranquilo.

P: Todo mundo tratou bem...

E: Todo mundo bom.

P: Que bom, fico feliz.

E: Essa é muito bom aqui. Pra Alemanha, tem muito essa, essa estrangeiro, essa outra região...tem muito, como chama?

P: Preconceito?

E: Sim,muito.Olha,eu tem minha primo, pra Alemanha, ele vai...fazer alguma coisa, metrô...tem uma menina grande idade, ela muito falou " você, você, você". Que que fazer?

P: Xingou ele? Falou mal pra ele?

E: Fala..." você é refugiado,vem embora Alemanha". Tem muito pra lá.

P: E aqui você nunca passou por isso?

E: Não.

P: Que bom.

E: Assim muito bom daqui.

P: E lá na Europa tem bastante.

E:Tem. Alemanha, Sweden, tem muito. Aqui, graças a Deus, não tem.

P: Que bom. Deixa eu vê se tem mais alguma pergunta...Você disse que pretende voltar pra Síria...

E: Sim.

P: Em quantos anos ? Você não sabe?

E: Não sabe. Quero voltar. Não sabe quanto precisa tempo acabar guerra, não sei. Só Deus sabe.

P: Sim...mas assim que acabar a guerra,você quer voltar?

E:Quero sim.

P: Com a guerra acontecendo você não quer voltar?

E: Não. Eu medo minha marido.

P: E o que você pensa sobre o seu futuro? Você tem projetos? Sonhos?

E: Não tendeu...

P: Vou escrever.

- escrevo no tradutor.

E: Ah...sim, tem...agora primeiro quero voltar Síria. Sabe, tem melhor pra uma criança. Aqui Brasil, muito diferente. Eu não quero minha criança, prendeu deixa minha casa, e alugar outra casa. Tendeu?

P: Você quer manter com eles o que acontece na Síria...

E: É também...aqui agora,espera...

P: Uhum.

E: Eu não tem só espera cabo guerra.

P: Oi?

E: Não tem só espera acabo guerra.

P: O seu único projeto do futuro, é a guerra acabar? Pra você voltar...

E: Sim...voltar.

P: Você acha que vai ser melhor para as crianças ?

E: Melhor, muito melhor. Aqui também, tem...cocaína?

P: Drogas...

E: Drogas. Eu medo perde minha criança.

P: Você tem medo que...

E: Sim. Não quero ficar todo vida aqui.

P: Entendi. E quando você voltar pra Síria,você tem algum projeto ? Alguma coisa que você quer realizar lá?

E: Hm...uma coisa. Pra Síria tem minha marido, ele tem família dele, tem dois casa. Tendeu? Depois volta...minha marido ele estuda, trabalho bango.

P: Bango?

E: Igual caixa...Itaú.

P: Ah banco.

E: Banco.

P: Ele trabalhava em banco lá.

E: Sim. Eu volta Síria ele trabalho, melhor que pintura.

P: Sim, voltar em trabalhar em banco. E você pretende trabalhar lá na Síria? Estudar?

E:Sim. Eu espera essa grande, também...quero eu trabalho.

P: Com o que você quer trabalhar?

E: Não sei...mas eu gosto trabalha aluga, vendero.

P: Hãn?

E: Vender.

P: Vender. Em loja?

E: Loja, mercado, isso eu gosto.

P: E quando ele crescer...lá na Síria só..aqui você não pretende trabalhar?

E: Aqui também, aqui. Mas espera um pouquinho, ele é muito pequeno.

P: Sim, esperar ele crescer e aí você vai procurar trabalho.

E: Sim, preciso.

P: Entendi. Olha, então, você tem planos para o futuro...

E: Sim.

P: Você quer começar a trabalhar, quer voltar pra Síria...tem alguns projetos.

E: É, eu não volta Síria, trabalho aqui.

P: E se voltar pra Síria, quer trabalhar lá também...

E: Também. Pra lá pode trabalhar menina.

P: Pode trabalhar tranquilo.

E: Pode trabalhar tranquilo... Não acabo guerra, eu trabalho aqui, mas certinho eu espero acabar guerra.

P: O que você mais quer é que a guerra acabe?

E: Sim.

P: Pra você voltar...

E: Voltar.

P: O seu marido também quer voltar?

E: Sim, ele também espera acabo guerra.

P: Entendi. Espero que a guerra acabe também.

E: Sim.

P: Bom, é isso. Muito obrigada ! Ah...tem outra coisa que eu esqueci de perguntar pra você.

E: Tá.

P: Eu estou fazendo a pesquisa né? E normalmente, nós não usamos o nome verdadeiro da pessoa, para manter a sua identidade em sigilo. Tem algum nome que você gostaria de colocar no lugar do seu?

E: Não, igual meu nome.

P: Hm...não tem nenhum outro nome que você gostaria de colocar então?

E: Não entendi.

P: Espera, vou escrever.

-escrevo no tradutor.

E: Não... coloca o meu nome mesmo.

P: Rahaf.

E: Isso.

P: Não tem problema?

E: Não.

P: Tá bom. Bom, é isso.. Muito, muito obrigada. Foi muito bom te conhecer.

E: Nada...que que é isso.

P: E te passo as fotos depois, e se tiver alguma dúvida, pode me mandar mensagem, me ligar.

E:Tá bom. Toma café?

P: Tomo.

FOTOS

Mohamad

Foto 1



Foto 2



Foto 3



Rahaf

Foto 1 – apresentada no primeiro encontro



Foto 2



Foto 3



Foto 4



Foto 5

